

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT

A MARCA NO CORPO:
FUTEBOL, TATUAGEM E EDUCAÇÃO

GOIÂNIA

2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ Dissertação ☐ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

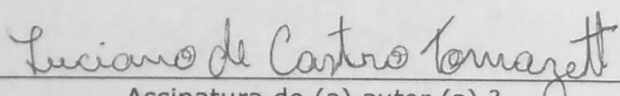
Nome completo do autor: Luciano de Castro Tomazett

Título do trabalho: A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 26 / 04 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT

**A MARCA NO CORPO:
FUTEBOL, TATUAGEM E EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa Cultura e Processos Educacionais.

Orientadora: Professora Dra. Rita Márcia Magalhães Furtado.

GOIÂNIA

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

TOMAZETT, Luciano de Castro

A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação [manuscrito] /
Luciano de Castro TOMAZETT. - 2017.
267 f.

Orientador: Prof. Rita Márcia Magalhães FURTADO.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação,
Goiânia, 2017.

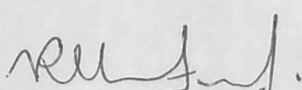
Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias.

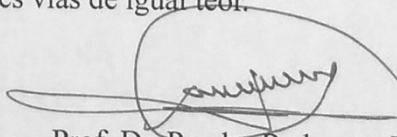
1. Futebol. 2. Tatuagem. 3. Identidade. 4. Pertença grupal. 5.
Fetichismo. I. FURTADO, Rita Márcia Magalhães, orient. II. Título.

CDU 37

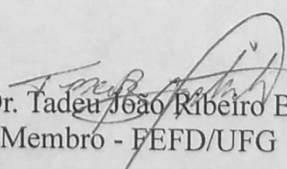
ATA DA REUNIÃO DA BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT– Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e dezessete (10/04/2017), às 14h30min., reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Prof.^a Dr.^a **Rita Márcia Magalhães Furtado**, orientadora, doutora em **Educação** pela UNICAMP, Prof. Dr. **Paulo Roberto Veloso Ventura**, doutor em **Educação** pela PUC/GO e Prof. Dr. **Tadeu João Ribeiro Baptista**, doutor em **Educação** pela UFG., para, sob a presidência da primeira, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à avaliação da defesa da dissertação intitulada: *“A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação”*, em nível de Mestrado, área de concentração em **Educação**, de autoria de **Luciano de Castro Tomazett**, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Prof.^a Dr.^a Rita Márcia Magalhães Furtado que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida ao autor da dissertação que, em 20 minutos, procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu o examinando, tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº 1063/2011 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Educação e procedidas às correções recomendadas, a dissertação foi **APROVADA** por unanimidade, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de **MESTRE EM EDUCAÇÃO**, pela Universidade Federal de Goiás. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega da versão definitiva da dissertação na secretaria do Programa. Cumpridas as formalidades de pauta, às 18h a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar, eu, Adenilde de Oliveira Souza, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros da Banca Examinadora em três vias de igual teor.



Prof.^a Dr.^a Rita Márcia Magalhães Furtado
Presidente - FE/UFG



Prof. Dr. Paulo Roberto V. Ventura
Membro - UEG



Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista
Membro - FEFD/UFG

Aos amigos,
deste e de outros mundos.

AGRADECIMENTOS

Aos torcedores de futebol que participaram desta pesquisa, cuja contribuição foi fundamental para desenvolvermos as questões investigadas.

Aos trabalhadores professores, administrativos, coordenadores que atuam no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG e ao NEVIDA, possibilitando esta oportunidade para a minha formação acadêmica.

Aos professores Paulo Roberto Veloso Ventura e Tadeu João Ribeiro Baptista, pelas contribuições na minha formação na graduação, assim como nas colocações nas bancas de qualificação e defesa, que possibilitaram uma melhoria significativa neste trabalho.

À professora Rita Márcia Magalhães Furtado, pelo apoio no Comitê de Ética, orientação, leituras, indicações e paciência durante todo o processo que vivenciamos neste caminho percorrido, assim como pela oportunidade de colaborar na organização do Ciclo de Debates “Pensar o Ver”.

Aos colegas que tive a oportunidade de ombrear durante este curso, possibilitando momentos especiais para reflexões profundas.

Aos meus familiares, de forma especial a Cláudia, Luciana e Lênin, pois, me acompanharam e colaboraram do início ao final deste projeto que se projeta para o futuro.

Agradeço à Deus e aos amigos espirituais, que sem dúvida sustentam a minha vida e ajudaram de forma decisiva na produção deste trabalho.

A simbologia, a tatuagem, o escudo do clube, já é uma simbologia muito forte, você carregar a camisa dele, quando essa camisa tá na sua pele, e ela tá na pele porque ela vem de dentro pra fora, o que eu sinto aqui dentro, eu tô sentindo aqui fora, então eu tô vestindo aquilo que tá envolvendo meu coração.

Torcedor de futebol

Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me disse que somos feitos de história.

Por mais que os tecnocratas o programem até o mínimo detalhe, por muito que os poderosos o manipulem, o futebol continua querendo ser a arte do imprevisto. Onde menos se espera salta o impossível, o anão dá uma lição ao gigante, e o negro mirrado e cambaio faz de bobo o atleta esculpido na Grécia.

Eduardo Galeano

RESUMO

TOMAZETT, Luciano de Castro. A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

O objeto deste estudo é o torcedor de futebol tatuado com o tema imagético que representa o time ou a torcida. Um processo que traz consigo mediações de negação do sujeito, constituindo-o como objeto, onde a criatura domina o criador, em que o indivíduo investe a constituição da sua identidade no time e no grupo de torcedores. Portanto, questionamos: como a pertença grupal marca o corpo dos torcedores de futebol? Desta forma, nosso objetivo é compreender como o corpo se constitui em objeto de realização da pertença grupal dos torcedores no âmbito futebolístico, identificando quais são os processos socioculturais envolvidos e ampliando, a partir de uma análise crítica, as possibilidades educacionais formais e informais, sobretudo emancipatórias, contidas no objeto dessa pesquisa. Apreendemos dois conjuntos de determinações atuando de forma simultânea e entrelaçada nesta realização do torcedor. Um com elementos tradicionais e culturais, alcançando a dimensão emocional mais profunda do torcedor, e outra com elementos da modernidade, apreendidos na ruptura da unidade homem-corpo e na preponderância do objeto sobre o sujeito. Ademais, compreendemos que este fenômeno estudado é multifacetado, envolvendo questões políticas e econômicas, sociais e históricas, culturais e educacionais, em que a modernidade apresenta o conjunto de determinações mais determinantes.

Palavras-chave: Futebol; Tatuagem; Identidade; Pertença grupal; Fetiche.

ABSTRACT

TOMAZETT, Luciano de Castro. The mark in the body: football, tattoo and education. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

The object of this study is the soccer fan tattooed with the imagery theme that represents the team or the fans. A process that brings with it mediations of denial of the subject, constituting it as object, where the creature dominates the creator, in which the individual invests the constitution of his identity in the team and the group of fans. Therefore, we asked: how does group membership mark the body of soccer fans? In this way, our objective is to understand how the body is constituted as the object of the group's membership in the soccer field, identifying the culture and social processes involved and expanding, from a critical analysis, the educational possibilities, mainly emancipatory, contained in the object of this research. We grasp two sets of determinations acting simultaneously and interlaced in this embodiment of the supporter. One with traditional and cultural elements, reaching the deepest emotional dimension of the supporter, and another with elements of modernity, apprehended in the rupture of the man-body unity and in the preponderance of the object over the subject. In addition, we understand that this studied phenomenon is multifaceted, involving political, economic, social, historical, cultural and educational issues, in which modernity presents the most determinant set of determinations.

Keywords: Football; Tattoo; Identity; Group membership; Fetish.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 a 4 - Grupo de torcedores escoltados pela PM se dirigindo para o estádio.....	59
Fotografias 5 e 6 - Grupo de torcedores escoltados pela PM chegando ao estádio.....	59
Fotografia 7 - Sentido religioso do futebol.....	61
Fotografias 8 e 9 – Bandeirão	63
Fotografia 10 - Fumaça.	63
Fotografia 11 – Bandeiras.....	63
Fotografia 12 – Sinalizador.	63
Fotografia 13 – Instrumento de Percussão.....	63
Fotografia 14 - Faixas.....	63
Fotografia 15 – Mascote.....	63
Fotografias 16 a 19 - Colocação de faixas.....	65
Fotografia 20 - Região neutra entre as torcidas.....	66
Fotografia 21 - Demarcação espacial com fumaça.....	66
Fotografias 22 e 23 - Duelo ritual entre as torcidas.....	66
Fotografias 24 e 25 - Manto Sagrado.....	67
Fotografias 26 e 27 - Ritual comensal - dentro e fora do estádio.....	77
Fotografias 28 e 29 - Briga interna na torcida.....	108
Fotografia 30 - Manifestação no terminal.....	108
Fotografia 31 - Violência contra a arbitragem.....	108
Fotografias 32 a 35 - Bebedores nas arquibancadas X bebedores nas cadeiras.....	119
Fotografias 36 a 39 - Banheiros nas arquibancadas X banheiros nas cadeiras.....	119
Fotografias 40 e 41 - Futebol e a Sociedade do Espetáculo.....	122
Fotografias 42 e 43 - Placas de propaganda posicionadas para as câmeras de TV.....	123
Fotografias 44 a 47 - Crianças no estádio.....	141
Fotografias 48 a 60 – Torcedores tatuados – anexo.....	161

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	09
SUMÁRIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - SOCIEDADE, CULTURA E FUTEBOL.....	17
1.1 - Os indivíduos e a sociedade.....	17
1.2 – Cultura e teoria simbólica.....	31
1.3 - Processo ritual e <i>communitas</i> : estrutura e antiestrutura.....	43
1.4 - O processo histórico do futebol.....	48
1.5 - Futebol e cultura: o ritual e a busca da excitação.....	57
CAPÍTULO II - IDENTIDADE, CORPO E TATUAGEM.....	69
2.1 - Identidade social e pertença grupal.....	69
2.2 – A constituição da identidade.....	75
2.3 – O corpo: campo das expressões socioculturais.....	79
2.4 – Tatuagem: processo histórico e mediação identitária.....	89
CAPÍTULO III - A ESTRUTURA E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO CAPITAL.....	102
3.1 – Trabalho, alienação, fetiche e reificação	102
3.2 - O significado sociocultural do futebol-empresa	120
3.3 - Futebol e tatuagem: revelando contradições.....	130
3.4 – A função social da educação: criando in/tensões.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXOS.....	160

INTRODUÇÃO

O indivíduo se constitui nas relações sociais ao mesmo tempo em que contribui para a autorregulação dos outros indivíduos, com base nesse processo, o torcedor de futebol na sua relação com a torcida, constrói um padrão de sociabilidade próprio, e nesse metabolismo — torcedor-grupo — ele investe a sua identidade no grupo de torcedores. Porém, não basta vestir a camisa do time, é preciso tatuar o corpo de forma definitiva. A marca no corpo é pertença grupal. O ato de marcar o corpo, neste caso específico, traz consigo mediações de negação do sujeito, constituindo-o como objeto, onde a criatura domina o criador. Portanto, questionamos: como a pertença grupal marca o corpo dos torcedores de futebol?

A realização da pertença grupal no âmbito do espetáculo futebolístico envolve e desenvolve uma série de processos particulares na moderna sociedade capitalista. Desta forma, nossos objetivos foram: a) compreender como o corpo se constitui em objeto de realização da pertença grupal dos torcedores no âmbito do espetáculo futebolístico, através da tatuagem da imagem que representa o time ou a torcida; b) reconhecer a identidade do torcedor tatuado; c) identificar quais são os processos socioculturais envolvidos; d) ampliar, a partir de uma análise crítica, as possibilidades educacionais, sobretudo emancipatórias, contidas no objeto dessa pesquisa.

A relevância deste estudo se encontra no próprio objeto, pois, por um lado, trata-se da relação sujeito-objeto que é entrecortada pela identidade e cultura, processo ritual e *communitas*, imagem e olhar, identidade social e pertença grupal, corpo e tatuagem; por outro lado, o futebol como o palco deste contexto, é um símbolo da identidade nacional, segundo Maurício Murad (1996, p. 166) “O futebol é uma eloquente e expressiva metáfora das relações sociais hegemônicas da formação brasileira, síntese sociológica de nossa História”. Isto é, este estudo amplia a nossa compreensão acerca da nossa cultura, da sociedade e da nossa própria história.

Ademais, embora o conjunto de questões que perpassam por este trabalho seja fundamental para a compreensão do contexto constitutivo do indivíduo e da sociedade, as questões que residem no cruzamento dos universos do futebol e da tatuagem, encontram-se ausentes nos debates no âmbito acadêmico, fato que reforça a importância e a necessidade do desenvolvimento deste estudo. Corroborando com a relevância desta pesquisa, apresento

alguns dados levantados: entre os brasileiros, 64% declaram-se torcedores de futebol, deste recorte, 82% acompanham *todos os dias*, informações referentes ao seu time (DaMATTA, 2010).

Todo início de pesquisa é bastante obscuro, somente com os estudos e observações as coisas começaram a clarear, tal como a localização do objeto no âmbito cultural, apontando para um diálogo com a antropologia. Assim, como uma determinação estabelecida pelo próprio objeto, nos deparamos com a necessidade de investigá-lo no seu ambiente natural, impregnado de substância cultural, buscando compreender o sistema simbólico e os significados culturais constitutivos do grupo de torcedores de futebol. Desta forma, foi necessário nos aproximar do nosso objeto no presente, realizando a pesquisa de campo e construindo uma base empírica para o desenvolvimento do nosso estudo. Em suma, era preciso dar voz ao objeto, era preciso ouvi-lo de maneira direta.

Estas questões foram determinantes para a definição da pesquisa qualitativa. Augusto Triviños (2006) se baseou nos estudos de Bodgan, para estabelecer alguns pressupostos desta abordagem, em que o ambiente natural é reconhecido como a fonte direta para a coleta dos dados, o significado e o movimento processual são as preocupações centrais durante a pesquisa, a qual tende a ser descritiva e indutiva.

Esta caracterização dialoga diretamente com o nosso estudo, o qual encontrou suporte na etnografia, entendida como a *ciência da descrição cultural* (TRIVIÑOS, 2006), uma vez que foi fundamental captar a perspectiva dos torcedores acerca do fenômeno estudado, assim como apreender os processos e o contexto cultural. Um movimento que nos possibilitou aproximar, e até certo ponto enxergar o mundo com as lentes culturais utilizadas pelo torcedor de futebol. Vivenciamos justamente a experiência descrita por Clifford Geertz (2008, p.10), quando nos diz: [...] “quanto mais eu tento seguir o que fazem os marroquinos, mais lógicos e singulares eles me parecem”.

Segundo Geertz (2008), a etnografia é um método gestado pela antropologia, cujo âmbito científico necessitava de um procedimento de pesquisa capaz de aproximar o pesquisador do objeto na sua condição natural. Ademais, devido ao fato da etnografia propiciar a investigação do objeto no seu contexto, ela contribui com a apreensão das *estruturas significantes* de caráter cultural, colaborando para revelar algo para além da aparência, mediada por uma *descrição densa* do fenômeno.

Uma vez que a etnografia é a *ciência da descrição cultural*, cuja investigação objetiva compreender a cultura, o sistema simbólico impregnado no objeto imerso no seu ambiente natural, nos orientamos pela técnica metodológica *observação participante*, a qual nos possibilitou combinar: análise documental, observação e entrevistas. Neste sentido, a *observação participante* “É uma estratégia que envolve, pois, não só a observação direta mas todo um conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 28).

Assim, iniciamos a nossa coleta de dados orientados pelo roteiro de observação, através da técnica: *observador total*. “O papel de ‘observador total’ é aquele em que o pesquisador não interage com o grupo observado” (*Ibid*, p. 29). Nesta fase, registramos os eventos fotografando e preenchendo o nosso diário de campo, nos esforçando para captar os processos rituais, dentro e fora do estádio, além de identificar os torcedores tatuados com temas futebolísticos.

Na fase seguinte entrevistamos os torcedores utilizando o formato de entrevista *semiestruturada*, pelo fato desta não seguir um modelo padronizado de questões, podendo sofrer alterações no seu percurso, de acordo com o decorrer dos fatos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Foram realizadas 18 entrevistas com os torcedores de futebol com tatuagem que representa o time ou a torcida, cujas fotografias encontram-se anexadas. As entrevistas foram realizadas no ano de 2016, com torcedores exclusivamente maiores de 18 anos, das agremiações: Atlético Clube Goianiense, Vila Nova Futebol Clube e Goiás Esporte Clube, no estádio Serra Dourada. Identificamos os torcedores tatuados de forma visual, e realizamos as entrevistas no interior do referido estádio¹.

Reconhecemos a importância epistemológica e a complexidade que a etnografia representa para a metodologia da pesquisa, a qual nos propicia condições para avançar além da descrição superficial, atingindo um nível mais profundo e compreendendo como os fenômenos culturais são produzidos e interpretados. Entretanto, o nosso objeto foi se revelando como um fenômeno multifacetado, envolvendo questões políticas e econômicas, sociais e históricas, culturais e educacionais.

¹ O projeto de pesquisa que originou este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFG, gerando o número do parecer: 1.460.364, obtendo a aprovação dia 21 de março de 2016. O roteiro de observação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - referentes a este projeto de pesquisa encontram-se anexados.

Este fato foi fundamental para o estabelecimento do nosso método, em que *nos apropriamos da riqueza etnográfica para apreender de forma substancial a aparência do fenômeno* durante a pesquisa empírica. Porém, como uma determinação do objeto, foi necessário estudar e analisar os elementos históricos, a especificidade social, os processos ideológicos, a estrutura socioeconômica, as funções e as relações de interdependência entre os indivíduos e a sociedade.

Neste contexto, atendendo esta necessidade, nos apoiamos no método *materialismo histórico-dialético*, para alcançar o conjunto das determinações sócio-históricas mais significativas, nos aproximando de uma construção substantiva, ampla e profunda sobre o nosso objeto. O movimento proposto por este método parte justamente da expressão mais aparente, singular do objeto, almejando apanhar a sua dimensão essencial, universal. Isto é, partindo do fenômeno empírico, - neste caso, propiciado pela etnografia - apreendemos os seus nexos constitutivos, as suas articulações, atingindo o nível científico, a verdade revelada acerca do objeto.

Para alcançar este nível revelador precisamos realizar um esforço intelectual, cujo método nos orienta com alguns pressupostos, ou seja, é o presente que ilumina o passado, atribuindo importância à história, esclarecendo qual é o passado significativo que se repõe, atuando no objeto presentificado. Ademais, por um lado, não há correspondência empírica imediata entre a verdade revelada e a realidade objetiva, pois, esta relação poderá ser apreendida somente como uma síntese lógica e histórica nas mediações constitutivas do objeto; por outro lado, compreende-se a contradição como princípio explicativo da dialética, isto é, uma aparência que se apresenta de forma positiva, que se afirma por si mesma, autônoma e independente, esconde a essência do objeto, que é revelado de forma negativa, dependente e limitado.

O que resulta deste esforço intelectual para captar o objeto nos seus detalhes, – objetivos e subjetivos - rastreando as suas conexões mais íntimas, é a construção de uma totalidade social significativa. Esta construção é realizada percorrendo um caminho proposto pelo método, ou seja, partindo do simples para o complexo, da aparência para a essência, da representação para o conceito; um movimento capaz de romper o véu da aparência reificadora e descortinar os nexos constitutivos do objeto.

Assim, após a realização da pesquisa, concentramos o nosso empenho para a construção desta exposição temática, por um lado, como uma síntese histórica da realidade, por outro, como síntese lógica no pensamento. Este procedimento nos possibilitou alcançar

uma verdade mais ampla e profunda acerca do objeto, pois, desta forma, a síntese construída pode avançar para além da representação, revelando a inversão da realidade que a representação expressa no imediato, na aparência. Gaudêncio Frigotto (2006, p. 80) se refere justamente a este processo.

Não é fortuita a distinção, ainda que formal, que Marx faz entre método de investigação e de exposição. É na investigação que o pesquisador tem que recolher a “matéria” em suas múltiplas dimensões; apreender o específico, o singular, a parte em seus liames imediatos ou mediatos com a totalidade mais ampla; as contradições e, em suma, as leis fundamentais que estruturam o fenômeno pesquisado. A exposição busca ordenar de forma lógica e coerente a apreensão que se fez da realidade.

Desta forma, estruturamos a exposição do nosso tema partindo dos elementos históricos revelados, não como um a priori, mas como uma determinação do objeto no presente. Isto é, a chave para descortinar estas questões reside no próprio movimento histórico, captando no processo civilizador apresentado por Norbert Elias as determinações que se estruturam no passado, nos possibilitando compreender o presente do nosso objeto. No período histórico entre os séculos XIV e XVIII, ocorreram transformações significativas na estrutura social, as quais refletiram na constituição dos indivíduos e da sociedade, nos comportamentos e nas funções psíquicas. Este processo guarda elementos importantes que se desenvolveram e fundamentaram a sociedade capitalista, isto é, a contradição, a fragmentação social, a individualização, o isolamento, conduzindo, lentamente, as relações e as estruturas sociais para o âmbito privado.

O fato do objeto se revelar como um fenômeno multifacetado, envolvendo questões políticas e econômicas, sociais e históricas, culturais e educacionais, nos apontou alguns caminhos epistemológicos a serem percorridos. Neste sentido, buscamos as contribuições mais significativas acerca do desenvolvimento temático dos elementos constitutivos do objeto. Porém, como um fenômeno multifacetado, o próprio objeto determinou o diálogo entre autores de diferentes âmbitos, em especial, a antropologia e a sociologia.

Entretanto, para além deste desafio de dialogar com autores de diferentes âmbitos e fundamentações epistemológicas, buscamos elencar os elementos mais significativos das suas produções, posicionando o nosso objeto no epicentro deste processo, justificando os temas desenvolvidos. Assim, as contribuições apresentadas pelos autores durante o desenvolvimento deste trabalho, especialmente aqueles cujo ponto de vista teórico é formado de maneira diferente, não podem ser concebidas como complementares, mas como contribuições significativas para uma compreensão mais ampla e profunda acerca do objeto.

Reconhecemos a magnitude e a complexidade destes campos científicos, assim como dos autores que nos apoiamos para desenvolver este trabalho, portanto, a definição de um recorte epistemológico, estabelecendo um diálogo pertinente com o nosso objeto, não poderia ser uma tarefa fácil. Isso até ressoa com uma certa ingenuidade, mas não poderíamos nos esquivar desse registro, pois, não se trata de *tudo* o que a ciência tem a nos dizer, mas o *todo* significativo constituinte do objeto; ademais, a riqueza destas produções nos incentivou a nos aproximar de um diálogo direto com os próprios autores, nos conduzindo a utilizar diversas citações.

Assim, estruturamos este trabalho em três capítulos. O primeiro inicia com relação entre os indivíduos e a sociedade, seus conceitos e desdobramentos. Seguimos com o estudo sobre a cultura e os processos rituais, finalizando com a contextualização desses temas no universo futebolístico. No segundo capítulo desenvolvemos os temas acerca da pertença grupal através das categorias identidade e identidade social, seguindo para o local de realização destas, o corpo, conduzindo o estudo até o universo da tatuagem. No terceiro capítulo estruturamos uma base teórica pelo trabalho, alienação, fetiche e reificação, sobre os quais desenvolvemos o tema sobre a conversão do futebol em empresa, assim como dos elementos concernentes à tatuagem. Ao final, contextualizamos a função social da educação e da escola, comprometidas com uma formação autônoma e emancipada do indivíduo.

Também consideramos fundamental elucidar que as reflexões realizadas neste trabalho *não representam um posicionamento antagonista ao futebol e à tatuagem*, mas ao contrário, desenvolvemos uma análise pautada na crítica social, cujo objetivo majoritário é contribuir para a ampliação e a contextualização destes temas, cooperando para uma compreensão mais ampla e profunda acerca deste objeto de estudo.

Desta forma, ressaltamos a responsabilidade da educação nos âmbitos formal e informal, em que, de maneira especial, a escola detém as possibilidades para contemplar este tema junto às comunidades locais. Um processo que pode contribuir para iluminar os elementos históricos mais significativos, colaborando para uma formação humana autônoma e emancipada, que caminhe para a constituição de uma consciência verdadeira.

CAPÍTULO 1

SOCIEDADE, CULTURA E FUTEBOL

Inicialmente nós percorremos alguns temas que são relevantes para estruturar uma base conceitual, constituindo um cenário para o desenvolvimento da nossa exposição. Durante este estudo, o próprio objeto nos indicou quais seriam estes temas mais importantes, ou seja, a compreensão acerca da constituição do indivíduo e da sociedade, da cultura e da teoria simbólica, do futebol e dos processos rituais.

Assim, o objeto em investigação – o torcedor de futebol tatuado com a imagem que representa o time ou a torcida - nos apontou este primeiro conjunto de temas, um processo apreendido nas manifestações observadas no próprio estádio de futebol, compondo uma realidade objetiva e subjetiva, impregnada de elementos simbólicos, cujos códigos detêm os significados determinantes da organização e da estrutura social.

1.1 - OS INDIVÍDUOS E A SOCIEDADE

Todos nós, indivíduos, somos produto de uma sociedade, uma realidade que se apresenta em um grau específico de desenvolvimento historicamente determinado, mas o que é a sociedade, preliminarmente, senão um agrupamento de indivíduos? A compreensão acerca da constituição dos indivíduos e da sociedade, bem como da relação entre eles, não pode ocorrer de forma fragmentada, pois, eles se estabelecem reciprocamente. Recorremos aos estudos de Norbert Elias para adentrarmos neste campo epistemológico, buscando a superação da dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, através de uma compreensão mais ampla e profunda dessa relação.

Para localizar um ponto de partida para esse processo, encontramos na Antiguidade a palavra latina *persona*, a qual, segundo Norbert Elias (1994), se referia inicialmente às máscaras utilizadas pelos atores de teatro durante as suas apresentações, abarcando posteriormente também o sentido referente ao papel por eles representado. No

contexto histórico dessa sociedade, não havia a necessidade do desenvolvimento conceitual de um termo que expressasse a singularidade das pessoas de forma independente dos seus grupos de pertença, pois, “A identidade grupal da pessoa isolada, sua identidade-nós, tu ou eles, desempenhava um papel importante demais na práxis social do mundo antigo, comparado ao da identidade-eu” (ELIAS, 1994, p. 131). Assim, a identidade do indivíduo era integrada à identidade-nós, ou seja, à identidade do grupo, a ideia do coletivo era inseparável da pessoa individual, portanto o conceito de “indivíduo” não tinha terreno firme para lançar sua base naquele momento.

Segundo Elias (1994), os estudos linguísticos acerca da família de conceitos correlativos ao substantivo “indivíduo” aparecem em datas relativamente recentes. As palavras *individualis* ou *individuus* foram encontradas no latim medieval, no sentido de se referir ao que era indivisível. A filosofia escolástica contribuiu para o desenvolvimento e a síntese desse conceito, e provavelmente no século XVII o termo *individuum* se referia ao que era único, pois, foi constatado que tudo o que existe é, em aspectos específicos, um indivíduo. Porém, esse termo não era usado para se referir somente às pessoas, mas também para cada pássaro, árvore ou montanha com características próprias; desta forma, o termo expressava a singularidade, a peculiaridade e a história individual de cada espécie.

Conforme as observações de Elias (1994) acerca do movimento histórico e do gradativo desenvolvimento social, percebemos que a partir do Renascimento as pessoas passaram a contar com a necessidade de se comunicar a respeito das suas singularidades, suas qualidades individuais, sobre o que era feito de forma coletiva ou individual. Por esse motivo, o que se referia às singularidades dos objetos em geral, tornou a se estreitar e passou a aludir somente aos seres humanos. Por outro lado, essa necessidade linguística também ocorreu devido à elevação da autoconsciência, um processo que possibilitou a compreensão acerca do duplo caráter do indivíduo; isto é, ele poderia ocupar tanto a condição de observador como a de observado.

De acordo com Elias (1994), esse processo de autoconsciência iniciou-se sob uma orientação teológica, mas somente com Descartes ele se desenvolveu de maneira emancipada das instituições religiosas, embora mantivesse enraizada a ideia da separação desse duplo caráter, ou seja, com o que se passa “fora e dentro” do indivíduo. No século XIX a formação dos vocábulos individualismo, socialismo e coletivismo, atendendo às necessidades linguísticas dos movimentos sociopolíticos, influenciou de forma decisiva para que os termos indivíduo e sociedade fossem vistos como opostos, uma herança que ressoa no presente.

Atualmente a função primordial do termo “indivíduo” consiste em expressar a ideia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma e, ao mesmo tempo, de que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais, e talvez deva sê-lo (ELIAS, 1994, p.130).

Desenvolvemos esse breve conceito de indivíduo somente como ponto de partida para a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade. O debate científico que dicotomiza essa relação se renova na medida em que se pretende apontar a preponderância de um dos componentes dessa disputa, separando de um lado os indivíduos e de outro a sociedade, como se um ou outro elemento fosse mais significativo e determinante nessa relação. Porém essa disputa se encontra no âmbito da aparência. Para dissolver esse véu, precisamos modificar a forma como nós captamos a realidade, tradicionalmente orientada pelo empirismo positivista baseado nas relações de causa e efeito, transformando essa forma de captação para uma visão global, com ênfase nos processos e desenvolvimentos dotados de um fluxo contínuo, considerando as totalidades temporais rumo ao passado e ao futuro, superando as dificuldades daqueles que, segundo Elias (1994, p. 20), [...] “não conseguem enxergar a floresta por causa das árvores”.

Para o autor, ao nascer, a criança depende do amparo e do convívio com as outras pessoas para o seu desenvolvimento; fora dessa condição, se sobreviver, ela evoluirá no máximo para um animal humano semisselvagem. Assim, a compreensão dos símbolos linguísticos, o desenvolvimento da fala, o controle dos instintos, a sagacidade e toda uma complexa composição humana constitui-se por elementos que se desenvolvem de forma dependente da estrutura do grupo em que o indivíduo convive. Desta forma, o estatuto de indivíduo poderá ser alcançado somente na condição social, na sociedade, é nesse tecido de relações que os processos sociais revelam o seu caráter determinante, como a possibilidade do indivíduo se constituir, de se tornar um ser humano de modo integral (ELIAS, 1994).

Avançando com Elias (1994) nessa construção social, consideremos uma cena cotidiana em um grande centro urbano, um aglomerado de pessoas apressadas e desconhecidas. Estranhos aparentemente, mas em algum lugar eles têm amigos, família, um círculo social o qual pertencem e que por laços de trabalho ou de afeto estão ligados a outras pessoas, cujas *funções*¹ são as mais diversas e se relacionam com terceiros; um processo que se desdobra em sucessivos níveis, constituindo o *contexto funcional*, o qual o indivíduo está

¹ Para colaborar na elucidação dos significados específicos dos termos *função* e *contexto funcional*, recorremos a seguinte citação: “Todas essas funções interdependentes, as de diretor de fábrica, ou mecânico, dona de casa, amigo ou pai, são funções que uma pessoa exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos. Mas cada uma dessas funções está relacionada com terceiros; depende das funções deles tanto quanto estes dependem dela” (ELIAS, 1994, p. 23). Estas relações subsequentes dão origem ao *contexto funcional*.

inserido. Ele poderá alterar a sua função, porém de maneira limitada, pois, através dos vínculos sociais constituímos uma rede de dependência, através da qual estabelecemos ligações com os outros indivíduos cujas funções se entrelaçam, tornando-os interdependentes. Neste sentido, os indivíduos são como elos que formam uma longa cadeia funcional tão complexa quanto a nossa sociedade.

Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais” (ELIAS, 1994, p.23).

Inicialmente, para apreender as estruturas sociais na relação entre os indivíduos e a sociedade, segundo Elias (1994), partimos da relação entre a parte e o todo, atribuindo imagens correlatas para nos auxiliar nesse raciocínio. “Aristóteles certa vez apontou um exemplo singelo: a relação entre as pedras e a casa” (*Ibid*, p. 16). Conforme o autor, podemos refletir também acerca das relações entre as notas musicais e a melodia, entre as palavras e o livro, entre os bailarinos e a dança folclórica. Analisando as partes separadamente, cada fragmento isolado – as pedras, as notas musicais, as palavras ou os bailarinos – não percebemos a possibilidade de apreendermos o todo correlativo em cada parte, pois, em um contexto atomizado não há expressão do todo na parte. Na pedra não percebemos a casa, na nota musical isolada a melodia, na palavra o livro, assim como no bailarino a dança.

Por um lado, para avançarmos nessa compreensão, segundo o autor, é necessário evitar o pensamento fragmentado e a observação das substâncias de forma isolada; por outro lado, é preciso orientar o pensamento com base nas funções e nas relações. Desta forma, nos aproximamos de uma compreensão mais significativa sobre a estrutura social. Retomemos agora a imagem da casa, para Elias (1994, p. 25): “Aquilo a que chamamos sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas a das relações *entre* as diferentes pedras com que ela é constituída, é o complexo das funções que as pedras tem em *relação* umas às outras na unidade da casa”.

Embora o termo “estrutura” apresente originalmente um pensamento acerca de algo fixo, como uma armação concreta, segundo Elias (1994), os indivíduos não são como postes que sustentam sobre si os fios dos relacionamentos. Essa forma de conceber a relação entre os indivíduos e a sociedade, estaria de acordo com um arcabouço teórico que trata essa relação como as partes que se somam; porém, neste contexto, a operação aditiva não é exata e não revela o todo. De outro modo, podemos nos aproximar de uma compreensão mais integral

dessa relação, se considerarmos uma realidade em que os indivíduos, de maneira recíproca, constituem e são constituídos pela sociedade.

[...] o modo como uma pessoa decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Mas o que assim se molda não é algo simplesmente passivo, não é uma moeda sem vida, cunhada como milhares de moedas idênticas, e sim o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal de seus instintos e de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu. O que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a autorregulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à autorregulação destes. Dito em poucas palavras, o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz. Uma pessoa pode ter mais funções de matriz do que outra, mas é sempre também uma moeda. Até o membro mais fraco da sociedade tem sua parcela na cunhagem e na limitação dos outros membros, por menor que seja (ELIAS, 1994, p.52).

Observando uma relação social bastante simples, como um diálogo entre duas pessoas, por exemplo, percebemos que as ideias são expressas pelos interlocutores de maneira alternada e constituem uma sequência interdependente. Segundo Elias (1994), nessa conversa pode haver um consenso parcial ou integral, o convencimento de um dos lados ou mesmo uma divergência de opiniões. Em qualquer dessas possibilidades, as ideias de ambos penetram no pensamento do outro, reforçando, modificando ou formando novas ideias. Essa nova condição não existia antes da conversa, pois, nesse entrelaçamento social, algo de um passou para o outro, formando o que o autor chamou de “imagem reticular”, cuja constituição ocorre somente na relação entre os indivíduos. Um movimento contínuo de modelar e remodelar, absorvendo e oferecendo elementos, modificando as estruturas das pessoas, umas em relação às outras.

O fenômeno reticular é fundamental para a nossa compreensão acerca da relação entre os indivíduos e a sociedade, pois, a partir de uma simples conversa entre duas pessoas, podemos projetar a amplitude e a diversidade em que as modificações nas estruturas das pessoas podem atingir. Expandindo o nosso pensamento para um número maior de pessoas que se relacionam mutuamente, podemos conceber que esse processo se torna constituinte de uma complexa rede de conexões humanas, algo que se aproxima da imagem de um objeto, uma rede de tecido (ELIAS, 1994).

Para o autor, conforme o tecido se movimenta, cada fio será exposto a uma determinada tensão, transmitida pela ligação mútua entre os fios, modificando a estrutura de cada um deles. Se desmancharmos o tecido, nem cada fio isolado, nem a totalidade dos fios poderá representar a rede. “No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios

individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele” (ELIAS, 1994, p. 35).

Porém, todas as imagens correlatas que utilizamos neste estudo, não são adequadas nem suficientes para elucidar esses processos de forma verdadeira, pois, são imagens rígidas, concretas e espaciais para expressar algo que contém flexibilidade, movimento e abstração. Elas poderiam se aproximar da forma verdadeira dos processos sociais, se tivessem na sua constituição, algo com movimento, um metabolismo constante, como se tivessem vida. Mas de certa forma essas imagens nos instrumentalizam nesse caminho revelador, pois, elas nos esclarecem que o conjunto composto por determinadas unidades origina uma *nova ordem*, a qual não coincide com a simples somatória das partes; assim como essa *nova ordem* não pode ser compreendida nas unidades isoladas (ELIAS, 1994).

Desta forma, em concordância com o autor, compreendemos a sociedade como um tecido orgânico, não no sentido positivo, biológico, mas como um tecido cujo metabolismo ocorre pelo fato dela se constituir de maneira processual e dinâmica, obtendo no fenômeno reticular um modo para o seu desenvolvimento gradual e progressivo. É na articulação entre os atores sociais que se influenciam ou se delimitam, se harmonizam ou se divergem, ininterruptamente, que as estruturas, do indivíduo e da sociedade, se modificam.

Nesse contexto, a história se torna imprescindível. Somente na análise do movimento histórico que poderemos captar as relações entre a parte e o todo, entre os indivíduos e a sociedade, os quais de forma recíproca constituem e são constituídos, descortinando as transformações estruturais ocorridas no metabolismo social (ELIAS, 1994).

O período entre os séculos XIV e XVIII foi permeado por transformações significativas, como o Renascimento, o Iluminismo, e a mais emblemática, a Revolução Francesa, por ser reconhecida como o marco histórico da modernidade contemporânea. Segundo Elias (1994) essas transformações integraram um processo histórico, que sem dúvida modificou a estrutura da sociedade e alterou também o comportamento humano rumo à civilização; foram tensões produzidas por forças reticulares capazes de modificar [...] “a forma da vida comunitária, a estrutura da sociedade ocidental e, com ela, a influência social sobre o indivíduo e sobre a forma de suas funções psíquicas” (*Ibid*, p. 45).

Analisando as dimensões – tempo e espaço - no movimento histórico, apreendemos que o *contexto funcional* se torna diferente para cada associação de seres

humanos, conforme essas dimensões se alteram. De um lado, na dimensão espacial [...] “uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade diferente da encontrada na América ou na Grã-Bretanha” (ELIAS, 1994, p. 13). Por outro lado, na dimensão temporal as funções sociais, [...] “numa sociedade feudal de guerreiros, é diferente da existente na sociedade industrial de nossos dias e, acima disso tudo, é diferente nas diferentes comunidades nacionais da própria sociedade industrial” (*Ibid*, p. 22).

Essa demanda espaço-temporal é captada no movimento histórico, são processos, transformações estruturais que, segundo Elias (1994), remontam desde as sociedades mais simples, - até mesmo nos primeiros agrupamentos humanos pré-históricos - em que as divisões de funções já existiam de forma embrionária. Desde então, esse processo histórico-social tem nos revelado a dependência do indivíduo pela pertença grupal, neste caso pela própria sobrevivência.

Com o avanço da civilização, observamos que ocorreu também o aumento na divisão das funções no interior dos grupos sociais, assim como o intercâmbio e a integração, pois, não dependemos mais somente dos coletores e caçadores ou dos servos e escravos, mas de um número muito maior de indivíduos que desempenham as mais variadas funções nesse tecido social. Porém, “Em certos estágios, os instrumentos de violência à disposição de alguns podem permitir-lhes negar aos outros aquilo de que estes precisam para garantir e efetivar a sua existência social” (ELIAS, 1994, p. 44).

Após o século XIV, de acordo com o autor, as possibilidades para exercer a violência sobre o outro se encontrava mais disponível, esses acontecimentos se desenvolveram no sentido de explorá-los, dominá-los, reprimi-los; ou até mesmo no sentido de aniquilar a sua existência física. Esse processo criou no interior dos grupos sociais, tensões, que ao atingirem determinadas intensidades, conjugadas com uma determinada estrutura social específica, produziram impulsos para novas transformações na estrutura da sociedade. Desta forma, para que essas mudanças ocorressem, a divisão das funções e o surgimento dos artesãos livres adquiriram uma importância fundamental, pois, foram eles que passaram a confrontar a classe latifundiária. Ou seja, esses acontecimentos significaram justamente a expressão ativa das forças reticulares, metabolizando o tecido social orgânico.

Assim, através de forças reticulares, produziram-se e se produzem na história períodos pacíficos e outros turbulentos e revolucionários, períodos de florescimento ou declínio, fases em que a arte se mostra superior ou não passa de pálida imitação. Todas essas mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos (ELIAS, 1994, p. 45).

Como vimos, as mudanças estruturais ocorridas nas dimensões de tempo e espaço, em uma determinada sociedade, aconteceram impulsionadas pelas relações e pelas condições sociais antepostas; e ao mesmo tempo, essas mudanças estruturais se tornaram precondição para que as novas estruturas pudessem ser constituídas futuramente. Nesse movimento histórico, segundo Elias (1994), o monopólio concernente à classe feudal, o qual se valia de forças violentas e excludentes para a sua manutenção, constituíram justamente o cenário adequado para essas transformações, criando tensões, numa intensidade e conjuntura determinada, no interior daquele grupo social.

Desta forma, conforme *o movimento reticular vai costurando o tecido social*, cada fase histórica apresenta suas demandas em um sentido específico, e não foi por acaso que o termo linguístico que expressa a ideia de indivíduo se desenvolveu de maneira mais precisa nesse período. Para Elias (1994), em épocas anteriores e até na Idade Média, as ligações entre as pessoas e os grupos sociais e de parentesco eram mais intensas, as relações de pertença à guilda e à terra eram determinadas pela hereditariedade, os laços consanguíneos eram dotados de uma intensa fixidez. Porém, as mudanças estruturais ocorridas nesse período interposto por grandes transformações, gradativamente foram modificando as relações e a permeabilidade dos grupos, pelo fato da nova estrutura social apontar para uma maior diversidade nas funções sociais, tornando as relações mais individualizadas.

Os avanços da individualização, como na Renascença, por exemplo, não foram consequência de uma súbita mutação em pessoas isoladas, ou da concepção fortuita de um número especialmente elevado de pessoas talentosas; foram eventos sociais, consequência de uma desarticulação de velhos grupos ou de uma mudança na posição social do artista-artesão, por exemplo. Em suma, foram consequência de uma reestruturação específica das relações humanas (ELIAS, 1994, p. 28-29).

Como não poderia ser diferente, essa reestruturação ocorreu de maneira processual. As citadas transformações socioculturais que ocorreram no período histórico que abrange os séculos XIV a XVIII, dialogam com o nosso estudo, mas dentre estas, um ponto importante deve ser destacado; o qual consiste no declínio do sistema feudal e a formação da nova classe aristocrática. Segundo Elias (2011), neste momento de desarticulação da nobreza de cavaleiros feudais, ocorreu um afrouxamento hierárquico naquela organização, favorecendo uma nova reestruturação social.

Desta forma, contando tanto com a reminiscência da nobreza feudal, assim como com a formação da emergente classe burguesa, - por exemplo, a ascensão das associações de negociantes, artesão e artistas, até então integrantes das guildas – constitui-se a nova classe aristocrática absolutista. Porém, esta já não era tão rígida como outrora, ou seja, as barreiras

para a entrada de indivíduos de outras classes sociais estavam fracas. Assim, “Acelera-se a circulação social de grupos e indivíduos que sobem e descem na sociedade” (ELIAS, 2011, p. 87).

Porém, conforme o movimento reticular atinge um determinado limite de distensão, esse afrouxamento hierárquico tende a se fixar e a se tornar rígido novamente. Esse movimento de retração ocorreu no século XVII, e a nova estrutura social passou por um processo de consolidação promovida pela aristocracia, pois, segundo Elias (2011), a sua hegemonia já estava em declínio e se encontrava em risco, devido à crescente participação burguesa. Embora as categorias sociais se mantivessem separadas, essa nova conformação permaneceu com elementos de diversas ascendências sociais. Esse fato é fundamental, pois:

Exatamente por esta razão, a questão do bom comportamento uniforme torna-se cada vez mais candente, especialmente porque a estrutura alterada da nova classe alta expõe cada indivíduo de seus membros, em uma extensão sem precedentes, às pressões dos demais e do controle social (ELIAS, 2011, p. 87).

Desta forma, apreendemos nesse movimento pendular histórico, que as mudanças no comportamento humano mantêm uma relação entrelaçada com a dinâmica das classes sociais. Conforme Elias (2011), as classes superiores – neste caso a aristocracia cortesã seguida pela burguesia – criaram novas formas de comportamento, os quais passaram a ser difundidos e aceitos como os padrões a serem seguidos. A divulgação destes costumes ocorreu pela publicação de diversos “manuais de bom comportamento”, sendo os principais autores Erasmo de Rotterdam, Giovanni Della Casa e Antoine de Courtin, assim como João Batista de La Salle, representante francês dos círculos clericais.

Todo esse movimento reticular e histórico nos revelam os verdadeiros elementos constitutivos dos novos comportamentos nos grupos sociais, os quais são reestruturados a partir das formas de controle comportamental instiladas nesses novos grupos. Para o nosso recorte epistemológico, esse movimento se constitui em um ponto nevrálgico, pois, é a partir dele que o controle comportamental - pela via do autocontrole psíquico – se desenvolveu de maneira mais consistente, efetivo e progressivo.

Norbert Elias (2011) nos apresenta uma lista extensa de elementos empíricos que representam essa fase, em que o comportamento humano passou a sofrer um controle social mais intenso, e, portanto, exigindo do indivíduo um maior autocontrole psíquico. O autor angariou esta lista a partir dos “manuais de bom comportamento”, os quais não se constituem em um gênero literário específico, mas revelam de maneira cristalina, quais foram os

caminhos percorridos para adequar os hábitos e os costumes dos indivíduos àquela sociedade emergente.

Os que caem sobre os pratos como suínos quando comem, bufando repugnantemente e estalando os lábios. [...] É feio lambe os dedos gordurosos ou secá-los nos casacos. Melhor é usar a toalha da mesa ou o guardanapo. [...] À mesa você deve usar guardanapo, prato, faca, colher e garfo. Seria inteiramente contrário ao bom-tom dispensar um desses utensílios à refeição. [...] não fica bem a um homem decoroso e honrado preparar-se para aliviar na presença de outras pessoas, nem erguer as roupas, depois, na presença delas. Analogamente, não lavará as mãos ao voltar para a sociedade decente vindo de lugares privativos, uma vez que a razão para lavá-las provocará pensamentos desagradáveis nas pessoas (ELIAS, 2011, p. 92, 96, 101, 131).

Reproduzimos de forma breve esses elementos empíricos, apenas com o intuito de demonstrar a direção que o controle social tomou, qual seja, a elevação do limiar de repugnância e a condução das funções corporais para o campo privado, tocando de maneira direta e profunda no comportamento individual das pessoas. Porém, esses processos se encontram no campo da aparência, eles são apenas a expressão empírica do fenômeno, e isso não é irrelevante, pois, como um novo ponto de partida, eles guardam a chave para revelar em um plano mais profundo, quais são os elementos constitutivos dessa nova expressão empírica, captada no comportamento dos indivíduos.

Segundo Elias (2011), esses elementos são justamente a repugnância e a vergonha, os quais se convertem em parâmetros para determinar se um comportamento encontra-se no âmbito civilizado ou não, inibindo os comportamentos mais rústicos e reforçando os mais polidos. O uso do garfo, por exemplo, é justificado pelo fato de que não devemos comer com a mão, portanto, “O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo” (*Ibid*, p. 127).

Destarte, uma vez que determinados comportamentos são gradativamente considerados mais ou menos rústicos e associados a atos civilizados ou incivilizados, eles vão sendo lentamente sedimentados e reconhecidos nesse ou naquele âmbito, e passam a funcionar como classificadores sociais, atribuindo aos indivíduos características mais refinadas ou mais grosseiras. Esses comportamentos são expressões de padrões sociais que:

[...] nada mais são do que sentimentos ritualizados ou institucionalizados de desagrado, antipatia, repugnância, medo ou vergonha, sentimentos estes que foram socialmente alimentados em condições muito específicas e que são constantemente reproduzidos, não só, mas principalmente, porque se tornaram institucionalmente enraizados em um dado ritual, em dadas formas de conduta (ELIAS, 2011, p. 127-128).

Esse enraizamento é efetivado e divulgado pelas autoridades aristocráticas e pelas instituições sociais, pois, segundo o autor, os padrões de comportamento são compartilhados

entre os grupos, atribuindo a esses padrões certa estabilidade. O medo e a vergonha dos indivíduos de se verem associados às situações desagradáveis, fora do padrão, se difundem, e com isso tais comportamentos são reiteradamente reproduzidos. Uma vez assimilado pelos adultos, as crianças, desde os primeiros anos de vida, são pressionadas e coagidas para que controlem seus impulsos e suas inclinações na direção do padrão comportamental socialmente aceito. “Se tenta tocar alguma coisa pegajosa, úmida ou gordurosa com os dedos, a criança é repreendida: ‘Você não deve fazer isso. Gente fina não faz isso’” (ELIAS, 2011, p. 128).

Como esse processo ocorre desde o nascimento da criança, segundo o autor, ele é esquecido ou reprimido, fazendo com que essa moldagem compulsória externa adquira uma aparência natural e interna. De maneira mais desenvolvida, esse processo se aproxima paulatinamente de um automatismo interior, regulado pelo superego, o qual proíbe o indivíduo a agir de maneira desajustada; e lentamente, o comportamento moldado passa a ser reproduzido por um autocontrole que domina até mesmo os desejos conscientes, tendendo para a sua naturalização. [...] “o processo sócio-histórico de séculos, no curso do qual o padrão do que é julgado vergonhoso e ofensivo é lentamente elevado, reencena-se em forma abreviada na vida do ser humano individual” (ELIAS, 2011, p. 129).

O controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido (ELIAS, 1993, p. 196).

Desta forma, abrimos caminho para compreender o gradativo processo de individualização, o qual apreendemos na própria história. Segundo Elias (1994), nas sociedades mais simples, como nos grupos de caçadores e coletores ainda na Idade da Pedra, o número de planos de interdependência era único, – referente ao grupo social de sobrevivência - o controle dos instintos era baixo, assim como a diferenciação comportamental entre as pessoas era desprezível.

Entretanto, com o desenvolvimento da sociedade, na medida em que o número de planos de interdependência aumentou, se fez necessário um maior *controle dos instintos* rumo à civilização; e esse é o *elemento determinante da individualidade*. Portanto, é nessa mesma proporção que as diferenças entre os comportamentos das pessoas ocorreram, ou seja, [...] “mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças em seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais ‘individualizados’ tornam-se os indivíduos” (ELIAS, 1994, p.117).

Mas os processos sócio-históricos são como uma roda viva, e novamente uma condição social específica se tornou uma nova base estrutural para os desenvolvimentos consecutivos. Desta forma, conforme Elias (1994), a crescente individualização se transformou nas condições adequadas para uma mudança estrutural decisiva nos âmbitos familiar e profissional, ou seja, ela assegurava forças reticulares suficientemente capazes de girar novamente essa roda viva.

O autocontrole, ao se consolidar, passou a integrar as características psíquicas dos indivíduos nas modernas sociedades nacionais, contribuindo para uma individualização mais acentuada e reduzindo a dependência dele ao seu principal grupo de referência, isto é, à família. Foi exatamente esse cenário que possibilitou a mudança decisiva, qual seja, “A partir de certa idade, é comum o indivíduo poder afastar-se da família sem perder suas probabilidades de sobrevivência física ou social” (ELIAS, 1994, p. 166).

Como vimos, a estrutura das sociedades mais desenvolvidas é constituída por muitas camadas, a família, os amigos, os contatos profissionais, a torcida de futebol; uma pluralidade de planos interligados que tende a aumentar tanto a diferenciação social como a individual, isto é, a individualização. Esse processo amplia também a diversidade e a variabilidade das relações, conferindo ao indivíduo isolado, a ideia de que ele mesmo é [...] “a única pessoa com quem se tem que viver a vida inteira” (*Ibid*, p. 167).

Conforme o autor, essa autoconsciência difunde cada vez mais o caráter voluntário e revogável das relações, tanto no âmbito familiar quanto no profissional. “As mudanças nas relações profissionais tomam o mesmo rumo; nas sociedades mais desenvolvidas, muitas atividades profissionais remuneradas tornaram-se intercambiáveis” (*Ibid*, p. 167).

Mas essas mudanças nas estruturas sociais não ficam à margem do processo, segundo o autor, elas refletem fenômenos que podem ser identificados como a “redução da permanência e a ampliação da permutabilidade”. Nesse contexto, exige-se mais circunspecção do indivíduo, mais vigilância relativa ao autocontrole e à administração das relações. Isso dificulta o fluxo dos afetos e dos compromissos nas relações sociais, o desejo desses sentimentos não é sufocado, mas a capacidade de dar e receber, a espontaneidade e o calor humano se perdem. “O que emerge é isto: o avanço da individualização” (ELIAS, 1994, p. 168).

Nessas condições, o indivíduo tem uma percepção da sua autoimagem como uma construção separada e independente dos outros indivíduos, pois, são as condições históricas mediadas pelo processo civilizador é que determinam a sua autoconsciência, a sua estrutura psicológica. Segundo Elias (1994), ela é caracterizada pela tensão entre o controle postulado pelas proibições sociais, - o autocontrole - e os instintos não controlados, uma tensão cuja direção e intensidade são reguladas pelo medo difundido socialmente sob as formas de vergonha e embaraço. É esse conflito interno que leva o indivíduo a concluir que as suas dimensões interna e externa são separadas, que existe um muro intransponível entre elas, pois, essa é a sua sensação. Destarte, essa compreensão fragmentada é inadequada para expressar a verdadeira relação humana.

Somente quando o indivíduo para de tomar a si mesmo como ponto de partida de seu pensamento, para de fitar o mundo como alguém que olha de “dentro” de sua casa para a rua “lá fora”, para as casas “do outro lado”, e quando é capaz – por uma nova revolução copernicana em seus pensamentos e sentimentos – de ver a si e a sua concha como parte da rua, de vê-los em relação a toda a rede humana móvel, só então se desfaz, pouco a pouco, seu sentimento de ser uma coisa isolada e contida “do lado de dentro”, enquanto os outros são algo separado dele por um abismo, são uma “paisagem”, um “ambiente”, uma “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 53).

Porém, romper com essa concepção fragmentada acerca da relação entre os indivíduos e a sociedade não é uma tarefa fácil, pois, a própria realidade se apresenta de maneira fragmentada, uma vez que, “Estou aqui, inteiramente só; todos os outros lá, fora de mim; e cada um deles segue seu caminho, tal como eu” (ELIAS, 1994, p. 32). Diante deste contexto, não poderíamos nos esquivar de um importante apontamento sobre a responsabilidade da educação, qual seja, iluminar as sombras da aparência dicotomizada que escondem a verdadeira relação social integral humana.

Um desvelar que perpassa pela inexistência de um muro ou abismo intransponível, separando os mundos interno e externo na constituição do indivíduo. Assim como pela compreensão do fato de que, nesse processo, certos elementos dos outros indivíduos são incorporados a ele, ao mesmo tempo em que algo dele é incorporado nos outros indivíduos². Em suma, é na relação entre os indivíduos dotados das suas funções sociais que criamos uma rede de interdependência, a sociedade, e é imerso nela mesma que ele se constitui como indivíduo.

É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma do ser humano individual. [...] Não existe um grau zero da vinculabilidade social do indivíduo, um “começo” ou ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então

² “A ideia de que pessoas ‘estranhas’ possam ser parte integrante da formação de sua individualidade parece, hoje em dia, quase uma transgressão dos direitos do sujeito sobre si mesmo” (ELIAS, 1994, p. 53).

comece a se vincular a outros seres humanos. [...] Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas por ele, quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente numa grande cidade ou seja um náufrago numa ilha a mil milhas de sua sociedade (ELIAS, 1994, p. 36).

Desta forma, conforme o autor, o indivíduo não é constituído por uma sociedade de caráter genérico, ele traz em si os traços específicos próprios daquele grupo de pertença o qual ele nasceu, cresceu, desenvolveu e se constituiu enquanto um ser humano que usufrui de sociabilidade. Tal especificidade social é determinada pelo recorte espaço-temporal, e são essas dimensões que selecionam historicamente as características do grupo formador do indivíduo. Um processo que resgata o passado que se revela no presente, através dos elementos sócio-históricos que ressoam na atualidade, na linguagem e na forma de se falar, na culinária e na forma de se comer, nos costumes e na forma de se comportar, todos determinados pelo movimento histórico e pelo desenvolvimento social, pois, [...] “cada qual é obrigado a usar um certo traje, está preso a um ritual e um certo comportamento” (ELIAS, 1994, p. 21).

Assim, no movimento reticular apreendido no metabolismo social, cujos indivíduos são constituídos e constitutivos da rede de interdependência, - possibilitando uma compreensão ampla da relação entre os indivíduos e a sociedade - os elementos culturais emergem como mediadores nesse processo, estabelecendo uma comunicação simbólica carregada de significados, de tradição, de história, cujas interpretações são constituídas no interior dessa rede, na sociabilidade impregnada de substâncias culturais.

A partir do estudo e análise acerca da constituição interdependente do indivíduo e da sociedade, bem como da relação estabelecida entre eles, apreendemos elementos mediadores importantes nesse processo, os quais se apresentam de forma determinante nessa relação. Esses elementos, objetivos e subjetivos, constituem justamente o objeto da cultura, um amplo campo epistemológico que adentraremos a seguir, objetivando contribuir para a compreensão do nosso objeto.

1.2 – CULTURA E TEORIA SIMBÓLICA

A raiz de significado da palavra cultura, segundo Raymond Williams (2007), provém do termo latim *colere*, o qual significava habitar, cultivar, proteger ou honrar. Com o desenvolvimento linguístico, o principal sentido do termo ficou restrito a cultivo ou cuidado; em ambos os casos, se refere aos processos relativos a cuidar, seja da plantação ou dos animais. Observamos que até no século XIX o termo passou a ser utilizado de forma ampliada, no sentido original como cultura de lavouras ou de bactérias, e no sentido imaterial com três ramificações, quais sejam: a) como desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; b) indicando um modo particular de vida, de um povo, de um grupo ou da humanidade; c) o sentido que deriva do primeiro, como obras e atividades artísticas nas áreas da música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema (WILLIAMS, 2007).

Conforme o autor, podemos apreender a importância da contextualização histórica do conceito de cultura no próprio progresso epistemológico das ciências sociais, ou seja, uma compreensão acerca deste conceito, como aquele que se dedica a delinear o desenvolvimento humano desde a pré-história até a atualidade. Isto é, “O sentido predominante nas ciências sociais modernas deve ser traçado segundo essa linha de referência” (WILLIAMS, 2007, p. 121).

Em suma, segundo Williams (2007), a complexidade que envolve o termo *cultura*, reside no fato dele transitar por áreas que em si já são complexas, isto é: a) o desenvolvimento humano, b) um modo específico de vida e c) as obras e as práticas artísticas. O estudo destas partes de maneira fragmentada não possibilita uma compreensão integral deste campo do saber, porém não se trata de captar tudo sobre o conceito cultura, mas o todo significativo que pode contribuir para a nossa compreensão do objeto. Assim, partiremos da perspectiva em que [...] “na história e nos *estudos culturais* a referência indique fundamentalmente os sistemas de *significação* ou *simbólicos*” (*Ibid*, p. 122).

Nesse sentido, nos fundamentamos nos estudos de Clifford Geertz (2008) acerca do conceito de cultura, inicialmente ele recorre às contribuições de outro antropólogo, para revisitar uma extensa gama de possibilidades de orientações para este conceito:

[...] Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um

conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história" (GEERTZ, 2008, p. 4).

Desta forma, percebemos que o conceito de cultura tornou-se bastante amplo e fragmentado, impreciso e variável, conforme as circunstâncias da sua aplicação. Diante desse ecletismo epistemológico, Geertz (2008) nos alerta para os riscos emanados por tal amplitude, não pelo fato de haver apenas uma possibilidade teórica consistente, mas pela necessidade de se fazer escolhas. Destarte, de maneira mais objetiva, ele estabelece um conceito de cultura, o qual admite que:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p. 4).

Conforme o autor, a produção do conhecimento alcançada pela análise antropológica social é realizada pela prática etnográfica, a qual nos possibilita alcançar o nível científico através do esforço intelectual, uma forma de pensar que aponte para a “descrição densa” do fenômeno, ou seja, das “teias de significados”. Assim, é preciso avançar para além da descrição superficial orientada pela realidade aparente, atingindo um nível mais profundo, isto é, [...] “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes”, compreendendo como os fenômenos [...] “são produzidos, percebidos e interpretados” (GEERTZ, 2008, p. 5).

Para atingir esse nível elevado, científico, apontado pelo autor, para compreender o significado de um determinado fenômeno, de um gesto, é preciso captar algo que a aparência não revela, o qual poderá ser acessado somente através do contato mais próximo com o fenômeno. Segundo Geertz (2008), essa aproximação é propiciada pela etnografia, e o conteúdo revelador das “estruturas significantes”, contido nas “teias de significados”, é construído como uma “categoria cultural”. Esse método possibilita uma aproximação entre o pesquisador e o objeto, e através desse contato, as culturas mais exóticas e diferentes podem ser desvendadas e compreendidas. “Quanto mais eu tento seguir o que fazem os marroquinos, mais lógicos e singulares eles me parecem” (*Ibid*, p. 10).

É importante destacar que, segundo o autor, a “categoria cultural” é a chave que nos possibilita compreender os códigos culturais de um determinado fenômeno, isso é possível pelo fato da cultura ser pública, assim como os significados produzidos socialmente o são. Essa produção de significados é constituída por camadas de estruturas conceituais sobrepostas, que se comunicam internamente de forma irregular e implícita. A compreensão

acerca da cultura, por um lado, não se reduz a escolher as estruturas sobrepostas e se debruçar a decifrar os códigos nelas implícitos, é mais que isso. Por outro lado, não se trata de um processo em que o pesquisador se torne nativo (GEERTZ, 2008).

Nesse contexto, por mais que a descrição seja “densa”, ela sempre será de segunda mão, pois, [...] “somente um ‘nativo’ faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura” (*Ibid*, p. 11). Portanto, perseguimos esse ideal, nos instrumentalizando com o rigor científico, procurando compreender a cultura de um povo, o seu comportamento, o padrão de vida na sua normalidade, as instituições, os processos, bem como o grau de significado atingido socialmente.

Assim, segundo o autor, a cultura é expressa por estruturas de significado socialmente determinados. É preciso captar, apreender e sentir a especificidade cultural e social, constituinte daquele povo, e interpretar o significado de forma densa, profunda, apreendendo na manifestação aparente, o essencial. [...] “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, [...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Desta forma, a partir da abordagem antropológica interpretativa desenvolvida por Clifford Geertz (2008), compreendemos a cultura como esse contexto, cujos significados são incorporados nos elementos simbólicos objetivos e subjetivos, os quais orientam as relações humanas. A outra face desse conceito reside na análise interpretativa densa dos fenômenos através da “categoria cultural”, possibilitando compreender os padrões de vida, os signos, as estruturas, os comportamentos impregnados nas “teias de significados” construídas pelos próprios homens.

A importância do desenvolvimento deste breve conceito de cultura, reside no fato dele nos possibilitar apreender os elementos constitutivos da manifestação aparente, imediata do nosso objeto de estudo, captando os significados nos rituais encenados no estádio de futebol. Embora reconhecemos a magnitude que o conceito de cultura pode alcançar de forma geral, sobretudo nos estudos antropológicos, psicológicos e sociais, observamos a necessidade deste recorte para nos orientar acerca do todo significativo, relativo à especificidade deste trabalho.

Para lançar bases seguras de sustentação deste conceito no presente, é necessário que investiguemos qual é o passado significativo que estruturará essa compreensão na

atualidade. A distância histórica nos surpreendeu. Encontramos essa base somente na [...] “atividade produtiva humana primariamente como um processo de caráter *antropológico-sociológico*, como o da autocriação e autotransformação do homem no curso da história” (MÁRKUS, 2015, p. 48).

Assim, segundo Álvaro Viera Pinto (1969), apreendemos a gênese da cultura de forma simultânea à própria constituição histórica do homem. Essa fase reside no ponto em que a evolução humana ainda era dependente de um duplo processo, de um lado a *hominização biológica*, adquirida na evolução física do homem, de outro, a *humanização sociocultural*, como o acúmulo da produção cultural historicamente desenvolvida.

A criação da cultura e a criação do ser humano são na verdade duas faces de um só processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem, contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente (VIEIRA PINTO, 1969, p.122).

A importância da compreensão acerca deste processo relativo à origem da cultura, reside no fato dele contextualizar as dimensões biológica e social, entrecortado pela dimensão psicológica (VIEIRA PINTO, 1969; ELIAS, 1994; LEONTIEV, 2004). A desconsideração dos elementos biológicos nas pesquisas sociais pode resultar em trabalhos parciais, pois, [...] “lhe falta o ponto de vista genético. Revela-se incapaz de fazer o *objetivismo histórico da cultura*, único procedimento que conduz à compreensão da sua natureza” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 125, grifo nosso).

Desta forma, segundo Alexis Leontiev (2004), o início desse processo reside na hominização do aparelho físico do homem, isto é, no seu desenvolvimento biológico promovido pela lenta e constante maturação orgânica, estimulada pelo trabalho rudimentar e acumulada pelo mecanismo da hereditariedade genética. É importante destacar que foram esses processos que [...] “acarretaram a transformação e a hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos dos sentidos” (*Ibid*, p. 76).

Conforme o autor, com esse processo evolutivo biológico, o homem primitivo passou a apresentar alguns elementos favoráveis para um desenvolvimento específico, que o permitisse atingir níveis mais elevados de distinção em relação aos outros animais, como a posição ereta, - ampliando o seu alcance visual e auditivo - e a mão diferenciada, permitindo que ele segurasse ferramentas. Mas o elemento determinante foi o crescimento do cérebro humano, possibilitando o desenvolvimento sensorial, pois, na fase primitiva, ele pesava 1400g contra 350g do orangotango (LEONTIEV, 2004).

Considerando que os leões realizam a sua caçada de maneira coletiva, organizando emboscadas, o ser humano primitivo também possuía tal competência, pois, segundo Leontiev (2004), estes se organizavam de tal maneira que os batedores espantavam a presa na direção dos abatedores, os quais esperavam para capturar a caça. Porém, nesse momento da evolução, a caçada ainda era baseada em uma relação condicionada, não havendo a formação da ideia abstrata, a qual possibilitaria um planejamento estratégico para orientar a atividade coletiva. Mas o embrião da ação coletiva dotada de significado já estava cravado (LEONTIEV, 2004).

Por outro lado, conforme o autor, são os instintos e os mecanismos biológicos que orientam as produções coletivas e as organizações dos animais, - como é o caso da emboscada - e também as suas ações estratégicas individuais, aparentemente planejadas. A vibração da teia da aranha, por exemplo, aciona uma relação biológica natural, ativando as suas propriedades nutritivas; mas o alimento não existe para ela, na sua consciência, visto que ela se dirige para todo objeto que vibre (LEONTIEV, 2004).

São outros processos que orientam a atividade coletiva humana, cuja origem se encontra na base material. De acordo com o autor, primeiramente, o desenvolvimento biológico proporcionou ao homem um aparelho físico com possibilidades ampliadas. Segundo, embora regido por processos de condicionamento como acontece na caçada, a ação coletiva lhe libertou da satisfação imediata das necessidades básicas, ou seja, ele percebeu que a atividade articulada com outros homens lhe proporcionaria um “prêmio” a posteriori (LEONTIEV, 2004).

Isso é comprovado pelo fato de que, a ação de espantar a caça não lhe satisfaz a fome imediatamente, mesmo que seja em uma determinada direção. Não são os mecanismos biológicos naturais que acionam a sua atitude, como ocorre com a aranha, desta vez, o *alimento existe para ele*, na sua *consciência*, isto é, “A consciência do significado de uma ação realiza-se sob a forma de reflexo do seu objeto enquanto fim consciente” (*Ibid*, p. 86).

Este processo propiciou as condições básicas para o desenvolvimento intelectual humano, acompanhado das ações ocorridas na realidade material, possibilitando o surgimento do sentido racional, da consciência. Desta forma, “A biologia pôs-se, portanto, a ‘inscrever’ na estrutura anatômica do homem a ‘história’ nascente da sociedade humana” (LEONTIEV, 2004, p. 281). Assim, compreendemos que não são os processos e os desenvolvimentos que ocorrem de maneira espontânea, casuais, espirituais ou divinos, mas são processos que partem

de uma base material; de um lado, o aparelho humano fisiologicamente desenvolvido, de outro, a ação coletiva, social (LEONTIEV, 2004).

Segundo o autor, a atividade material dos outros homens é sintetizada e convertida em uma base ideal, sobre a qual o indivíduo estrutura a sua própria atividade, constituindo a primeira forma de mediação. Esse é o ponto fundamental da conversão do ser natural em ser social, do surgimento da consciência, o ato produtor primevo, a gênese da cultura, uma forma de vida exclusivamente humana. “Com a ação, ‘esta unidade’ principal da atividade humana, surge assim ‘a unidade’ fundamental, social por natureza, do psiquismo humano, o sentido racional para o homem daquilo para que a sua atividade se orienta” (LEONTIEV, 2004, p. 85). Vieira Pinto (1969) também se manifesta acerca deste processo relativo ao surgimento do *animal culto*.

O poder de ideação, representado superiormente pela faculdade de imaginação, como poder de livre combinação de idéias e faculdade de concepção de projetos de ser, suplantando a esfera dos instintos, dota o homem de uma consciência que é a raiz da sua caracterização como *animal culto* (VIEIRA PINTO, 1969, p. 136).

Desta forma, conforme Leontiev (2004), compreendemos a posição central do trabalho, a atividade fundamental e criadora humana. O surgimento do trabalho é um marco que rompe com a fase histórica subordinada ao determinismo biológico, e inaugura uma nova era, em que o homem desenvolve a sua dimensão racional. Diante disso, ele se adapta à natureza, modificando-a em função das suas necessidades, humanizando-a, criando a sua cultura.

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na na função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer às suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constróem habitações, produzem as suas roupas e os bens materiais (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Assim, o desenvolvimento sócio-histórico alcançado até este ponto, nos permite compreender que a produção cultural humana reside na transformação da natureza, ou seja, tudo aquilo que não é encontrado de forma imediata na natureza e tem utilidade para a vida humana, é cultura. Segundo Gyorgy Márkus (1974), cultura é o resultado da objetivação humana na atividade produtiva, isto é, “O homem é capaz de transformar o conjunto dos objetos naturais em objetos de sua atividade. [...] Apenas o trabalho, enquanto objetivação da essência humana configura de modo geral a possibilidade da história” (MÁRKUS, 1974, p. 52-53).

O desenvolvimento biológico é explicado pela hereditariedade genética e pela seleção natural darwiniana, em que os animais mais adaptados à natureza se sobressaem na

espécie. Entretanto, quais são os mecanismos que possibilitam o acúmulo do desenvolvimento cultural produzido pelo trabalho? Os processos sócio-históricos e culturais não se fixam nos átomos e moléculas, portanto, como ocorre tal desenvolvimento? Segundo Leontiev (2004), eles se fixam nos objetos.

Esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento de fato, diferentemente dos animais, dos homens terem uma atividade criadora e produtiva. É aliás, o caso da atividade humana fundamental: *o trabalho* (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Conforme o autor, o símio aprende a se alimentar utilizando um graveto para puxar formigas ou frutos, mas logo que ele se satisfaz o graveto deixa de ter qualquer função ou importância. Este não será guardado para o uso posterior, desta forma, o símio não preenche a função de acumulação, não produz cultura. “Essa relação é inversa no caso do homem. É a sua mão, pelo contrário que se integra no sistema sócio-historicamente elaborado das operações *incorporadas no instrumento* e é a mão que a ele se subordina” (*Ibid*, p. 287, grifo nosso).

Porém, segundo Leontiev (2004), embora o objeto detenha de maneira cristalizada o acúmulo da produção social ao longo das gerações, ou seja, a substância humana objetivada, o objeto em si, de maneira independente não influencia a atividade humana diretamente, pois:

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as *suas* aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação entre eles (LEONTIEV, 2004, p. 290).

De acordo com Leontiev (2004), antes do surgimento da linguagem, o trabalho e a comunicação eram elementos de um mesmo processo, único, pois, a própria atividade produtiva coletiva incidia em si *ação e comunicação*, eram inseparáveis. A constituição da consciência é, ao mesmo tempo, a condição para o surgimento da linguagem, pelo fato do objeto passar a existir na consciência de forma abstrata, ele é uma representação do objeto real. “As significações verbais são abstraídas do objeto real e só podem portanto existir como fato de consciência, isto é, como pensamento” (*Ibid*, p. 94).

Diante de todo esse complexo processo de desenvolvimento humano, apreendemos a gênese da cultura humana, a qual nos possibilita a produção, apropriação e transmissão de modo acumulativo das transformações o do desenvolvimento sócio-histórico-cultural humano. O trabalho e a comunicação são as dimensões fundamentais para que o homem pudesse realizar a transformação da natureza, criando e transmitindo a cultura humana

e construindo a história. Os elementos fundamentais que nos possibilitam compreender as mediações e as dimensões essenciais constitutivas da cultura de forma decisiva, construindo uma síntese no pensamento, residem na base material, nas condições objetivas, apresentadas por Leontiev (2004), Vieira Pinto (1969) e Márkus (1974).

Desta forma, estabelecemos uma base sólida para compreender a origem da cultura, um processo que nos lançou rumo ao passado histórico, cuja determinação ressoa no presente. Nesse movimento, apreendemos os elementos significativos que possibilitaram o atual desenvolvimento econômico, político, social e cultural. Este fato justifica a necessidade da fundamentação histórica realizada, captando no passado, os elementos essenciais e constitutivos da cultura, para uma compreensão contextualizada no presente.

O processo que se refere à produção, acumulação e transmissão da cultura é revelado como um elemento fundamental na constituição da sociedade, da história e do próprio homem, pois, de outra forma, o nosso desenvolvimento ainda se encontraria no nível primitivo. Este contexto nos confirma a importância do sistema simbólico, o qual impregna o objeto de significado, podendo modificar a própria formação humana. Assim, buscaremos agora compreender os engendramentos, as articulações e os desdobramentos da cultura na atualidade, uma vez que:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Segundo Elias (1994), a especificidade dos elementos constitutivos do mundo nesta particularidade histórica, é que carregam todo um complexo cultural, o qual influenciará de maneira decisiva a constituição do ser humano. A criança é formada exatamente por esse complexo cultural acumulado, pois, segundo Elias (1994, p. 40), [...] “o que decide qual língua será gradualmente depositada no aparelho da linguagem do indivíduo é a sociedade em que ele cresce”.

A criança tem de lembrar-se do que estes padrões sonoros representam simbolicamente ou, como gostamos de dizer de uma forma um pouco mais enigmática, do que estes padrões sonoros "significam", e usar os símbolos sonoros recordados de uma forma "correcta", isto é, da forma estandardizada na sociedade dos adultos. [...] a língua específica realmente aprendida por uma criança não é específica da espécie, não é predeterminada pela natureza humana, mas sim específica à sociedade, ou seja, é predeterminada pelo grupo social em que uma criança se desenvolve (ELIAS, 1994a, p. 38-39).

Existem comprovações científicas que atestam o fato de que, se a criança se desenvolver fora do convívio social, sua linguagem, seu pensamento e os seus movimentos

estarão comprometidos, pois, os elementos oferecidos pelo mundo natural, não são outros senão aqueles originalmente selvagens³. Nessas condições [...] “o seu nível é o dos animais. [...] não adquirem mesmo a posição vertical. [...] Podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser um homem” (LEONTIEV, 2004, p. 285).

Em contrapartida, a riqueza cultural socialmente disponível para o desenvolvimento humano se estabelece e se amplia a cada geração, pela apropriação dos saberes adquiridos nas atividades cognitivas essencialmente humanas. Um desenvolvimento que atualmente reflete uma grande subdivisão cultural, fenômeno reconhecido especialmente pela antropologia social, diante da tradição e da diversidade cultural alcançada. Desta forma, “[...] a constituição característica de uma criança recém-nascida dá margem a uma grande profusão de individualidades possíveis” (ELIAS, 1994, p. 28).

[...] é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo. Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto (ELIAS, 1994, p. 27).

Assim, segundo o autor, por um lado, observando a humanidade de maneira geral, as possibilidades para a constituição de diferentes individualidades são inúmeras, por outro, as características culturais de cada agrupamento social são bastante específicas, pois, são determinadas pelo desenvolvimento histórico, considerando as dimensões referentes ao espaço e ao tempo histórico. Tais características é que determinarão a individualidade da criança em processo formativo.

Seu destino, como quer que venha a se revelar em seus pormenores, é, *grosso modo*, específico de cada sociedade. Por conseguinte, a imagem mais nitidamente delineada do adulto, a individualidade que aos poucos emerge da forma menos diferenciada da criança pequena, em sua interação com seu destino, é também específica de cada sociedade (ELIAS, 1994, p. 28).

Como vimos anteriormente, Geertz (2008) também nos alerta sobre a dependência humana acerca do processo formativo social, pois, não há elementos genéticos na constituição humana que regule ou oriente o seu comportamento. Por isso, a cultura não deve ser compreendida como um padrão fixo de [...] “costumes, usos, tradições, feixes de hábitos -,

³“A tribo dos Guayakils, no Paraguai, é das mais primitivas que se conhecem atualmente. A sua civilização é chamada civilização do mel porque um dos seus meios de sobrevivência é a recolha do mel de abelhas selvagens. É difícil entrar em contato com eles, pois não tem lugar de habitação fixa. Assim que os estrangeiros se aproximam fogem para os bosques. Mas conseguiu-se um dia apanhar uma criança dessa tribo com sete anos de idade. Pôde assim conhecer-se a sua língua que se verificou ser extremamente primitiva. Noutra vez, o etnólogo francês Vellard encontrou uma menina de dois anos num acampamento abandonado pela tribo. Confiou a sua educação à mãe dele. Vinte anos mais tarde (em 1958) ela em nada se distinguia no seu desenvolvimento das intelectuais europeias. Dedicou-se à etnografia e fala francês, espanhol e português” (LEONTIEV, 2004, p. 285).

como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle” (GEERTZ, 2008, p. 32).

Apreendemos este “conjunto de mecanismos de controle” impregnado no próprio mundo objetivo e subjetivo, através dos significados construídos pelo desenvolvimento cultural. Empiricamente, observamos a manifestação desse processo nos nossos comportamentos quando estamos em determinados ambientes, tais como: no hospital, na escola, no velório ou no estádio de futebol. São os “símbolos significantes” que podem ser percebidos nos gestos, palavras, imagens, sons, entre outros. Estes são os elementos constituintes da realidade material, compreendidos como [...] “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais)” (GEERTZ, 2008, p.10).

Desta forma, compreendemos que os símbolos, enquanto “signos interpretáveis”, ocupam uma posição central na construção sócio-histórica da cultura, como um complexo sistema de codificação, envolvendo os processos de comunicação inerentes à sociedade. Pois, para Elias (1994a), os elementos que não são codificados socialmente, são considerados inexistentes, uma vez que, “O que não pode ser representado pela teia de símbolos de um grupo humano específico, não é conhecido pelos seus membros” (ELIAS, 1994a, p. 59).

Esse sistema de codificação simbólico vem se desenvolvendo desde os primórdios históricos, alcançando atualmente um elevado nível de complexidade; são conhecimentos associados às situações práticas, ao mundo objetivo, em que os indivíduos os utilizam para orientar os seus comportamentos. Desta forma, eles funcionam como os mecanismos de controle expostos por Geertz (2008).

John B. Thompson (2011) contribui com a nossa compreensão acerca deste processo relativo à codificação simbólica, ao esclarecer que este remete às regras, códigos e convenções, ou seja, [...] *“a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos”* (THOMPSON, 2011, p. 185).

Nesse contexto, segundo Elias (1994a, p. 55), a linguagem desempenha um papel fundamental de mediação sociocultural, possibilitando a [...] “comunicação através de símbolos socialmente standardizados”. A importância desse processo alcança tal magnitude, que pode afetar a própria constituição do ser enquanto espécie humana no sentido pleno, pois,

uma vez obstruída a comunicação, a vida em sociedade se torna comprometida. Assim, Elias se reporta a Einstein⁴, e inaugura uma nova dimensão acerca da compreensão da constituição humana, a dimensão simbólica.

[...] pela aquisição da competência de enviar e receber mensagens na forma codificada de uma língua social, as pessoas obtêm acesso a uma dimensão do universo que é especificamente humana. Elas continuam a estar localizadas nas quatro dimensões do espaço-tempo, à semelhança de todos os factos pré-humanos, mas estão, além disso, localizadas também numa *quinta* dimensão, a dos símbolos, que servem aos seres humanos como meio de comunicação e identificação (ELIAS, 1994a, p. 47).

Desta forma, segundo Elias (1994a), a dimensão simbólica assume a função representativa das atividades humanas, cujos signos guardam na sua constituição, a necessidade das interpretações dos significados para que a comunicação se estabeleça. Para Márkus (2015), a origem desse processo remete à própria gênese da cultura e da constituição humana, em que a partir do mundo natural, as objetivações e subjetivações humanas, humanizaram a natureza e o próprio homem. “O desenvolvimento histórico substitui o meio natural por um *meio sociocultural* que é o resultado da atividade produtiva de gerações passadas e da presente” (MÁRKUS, 2015, p. 30).

Conforme Márkus (2015) nos sugere, analisemos um contraponto entre os elementos naturais e culturais. Uma pedra, por exemplo, como um objeto natural, traz em si características neutras quanto à sua utilização, ela não possui uma função específica. De outro lado, um copo, embora podemos utilizá-lo com a mesma função da pedra, para segurar uma folha de papel ou para prender um inseto, ele traz em si uma forma de utilização adequada, determinada socialmente. Ainda, se utilizamos outro objeto para beber água, uma caixa, por exemplo, esta estará realizando a função do copo. Assim:

Produtos humanos existem em uma *rede de normas, de regras sociais de uso* [...] por meio da qual eles adquirem sua identidade, seu “significado” e que se circunscreve à sua finalidade e ao modo do seu emprego. E uma vez que o objeto é efetivamente criado para este uso e materialmente adaptado a ele e só a ele, a norma é, por assim dizer, incorporada à sua estrutura física (MÁRKUS, 2015, p. 32).

Porém, esse processo se desenvolve. A construção subjetiva humana, a criação da lógica de funcionamento do objeto que reside no pensamento do homem, na sua cabeça; é

⁴ “Consideremos a orientação no que designamos como espaço. Pode ser representada por conceitos como largura, profundidade ou comprimento. [...] A descoberta de que a orientação global de um facto no espaço exige também a sua determinação no tempo foi, como podemos lembrar, um acontecimento científico significativo. A localização plena de um facto no espaço não é possível a menos que ela seja acompanhada da sua localização no tempo. Com efeito, se afirmarmos que ‘Einstein descobriu que o nosso universo é tetra-dimensional’, tal não implica que, de facto, a integração dos meios de localização, ao nível do tempo-espaço, fosse desconhecida antes de Einstein a tornar explícita. Qualquer mudança no comprimento é também uma mudança no tempo” (ELIAS, 1994a, p. 3).

transferida para o objeto e “incorporada à sua estrutura física”. Um processo metabolizado subjetivamente, que acumula e transfere para o mundo externo todo um contexto cultural. “Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens, o seu conhecimento do mundo circundante deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte” (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Diante deste contexto, podemos compreender a dupla posição do homem nesse processo como produtor e também como um produto cultural, pois, objetivação e subjetivação são constitutivas das duas faces de uma mesma moeda, uma vez que a subjetividade humana foi *incorporada à estrutura física* do objeto [...] “cada indivíduo deve se ‘apropriar’ (no sentido de interiorizar as regras de utilização correspondentes), pelo menos em relação aos elementos mais comuns de seu ambiente, para poder levar (em sociedade) uma vida humana normal” (MÁRKUS, 2015, p. 32).

Só o homem na sua atividade construtiva cria cultura, porque só êle, ao mesmo tempo em que opera sobre a natureza e obtém produtos do engenho, cria no pensamento idéias que representarão a realidade, a própria ação que pratica, e que por isso podem tonar-se guias e princípios para a organização dessa atividade. [...] se a cultura é simultaneamente ação e idéia, enquanto ação significa a mediação entre duas idéias e enquanto idéia, a mediação entre duas ações (VIEIRA PINTO, 1969, p. 136).

Uma vez posta esta dupla realidade, - material e imaterial - nos deparamos com uma das grandes dificuldades acerca da compreensão conceitual da cultura. Isto é, por um lado, ela se materializa nos objetos e produtos, por outro ela habita o plano das concepções, ideias, imaginações artísticas e criações. O desafio consiste em estabelecer uma explicação esclarecedora capaz de unificar as dimensões material e imaterial, objetiva e subjetiva, concreta e abstrata. “A cultura aparece-lhe, no estado atual, como um infinito complexo de conhecimentos científicos, de criações artísticas, de fabricação de objetos, [...] e mil outros produtos da inteligência humana” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 125).

Diante da contextualização exposta anteriormente através do “objetivismo histórico” proposto por Vieira Pinto (1969), buscamos a resposta a partir da origem da maturação do organismo fisiológico, da dimensão psicológica e do desenvolvimento social do ser humano. Desta forma, revela-se que: “A cultura é uma síntese da dupla capacidade de agir fisicamente e de representar mentalmente” (*Ibid*, p. 135). Ou seja, desvenda-se um duplo processo constitutivo, recíproco e simultâneo; uma é *operação inteligente* material e ao mesmo tempo uma *ideação operatória* no pensamento. Dois aspectos sintetizados no mesmo agente, o homem.

[...] o homem torna-se o vínculo unificador dessas duas faces opostas. A unificação entre os dois lados da cultura, êle a cumpre pelo fato de *existir*. Com esta afirmação encontramos a raiz da legítima teoria da cultura, aquela que fundamenta na realidade existencial do homem (VIEIRA PINTO, 1969, p. 135).

Esta síntese é fundamental para a compreensão da cultura enquanto produção objetiva e subjetiva, objetivada e subjetivada, contextualizada historicamente. Mas ainda precisamos de um passo a mais. Encontramos na “concepção estrutural” da cultura do sociólogo John B. Thompson (2011), elementos que dialogam diretamente com o conceito que desenvolvemos, ele compreende a “análise cultural” como:

[...] estudo das formas simbólicas - isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos - em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 2011, p. 181).

O componente substancial que Thompson (2011) nos acrescenta, reside no fato desta “análise cultural”, considerar o objeto nos contextos “historicamente específicos e socialmente estruturados”, ou seja, um processo em que o pesquisador busca compreender quais são os elementos sociais significativos nos fenômenos culturais. Porém, segundo o autor, tal análise deve ocorrer considerando o contexto e o processo sócio-histórico específico, a particularidade histórica, a sua estrutura, as suas relações de poder. Estes elementos interferem diretamente na forma e no conteúdo das expressões simbólicas, como elas são produzidas, transmitidas e recebidas socialmente.

1.3 - PROCESSO RITUAL E COMMUNITAS: ESTRUTURA E ANTIESTRUTURA

A nossa pesquisa reside no campo relativo ao universo do futebol e da tatuagem, os quais trazem em si alguns elementos com certa especificidade. O processo ritual pode ser contextualizado de forma ampla, porém, no estádio, os rituais se apresentam de maneira bastante significativa, através das encenações ritualísticas e das representações simbólicas. É nesse processo que a dimensão cultural é contextualizada socialmente, o que implica o nosso estudo acerca deste tema.

A investigação científica realizada por Arnold van Gennep (2013) nos revela a importante posição ocupada pelo ritual na própria constituição da sociedade, como um processo que viabiliza e cria as condições necessárias para que o metabolismo social ocorra. Pois, este não é algo fixo, retilíneo, constante, unidirecional - como os corpos estudados pelas

leis da física no campo da mecânica - ao contrário, ele é dotado de movimentos inconstantes e irregulares, os quais necessitam de um *ponto neutro* para alterar o seu curso. O autor nos esclarece acerca da diferença entre os movimentos puramente físicos e aqueles fundamentados nas ordens biológicas ou sociais.

Mas se um corpo pode mover-se em círculo no espaço com velocidade constante o mesmo não acontece quando se trata de atividades biológicas ou sociais, porque estas gastam-se e devem ser regeneradas em intervalos mais ou menos aproximados. A esta necessidade fundamental é que atendem em última análise os ritos de passagem, a ponto de tomarem às vezes a forma de rito de morte e renascimento (VAN GENNEP, 2013, p. 154).

O ritual se apresenta como um processo capaz de engendrar no campo material, a produção social subjetiva humana, enquanto um processo coletivo, e, portanto, público; um processo que dialoga diretamente com o conceito de cultura desenvolvido pelos autores que trabalhamos. Em outras palavras, o ritual agrega ao objeto o significado produzido na ideia do homem, subjetivamente, criando assim, o objeto simbólico, aquele que é a representação das dimensões objetiva e subjetiva, material e imaterial, física e espiritual.

Para tornar essa questão mais clara, podemos citar uma transformação substancial ocorrida em um determinado objeto, proporcionada pelo processo ritual. Se observamos um alimento bastante comum, um pão, por exemplo, nas suas condições naturais, cotidianas, não há nada especial nele. Porém, na condição ritualística da eucaristia da religião católica, através do sacramento de comunhão, não somente o pão, mas também o vinho, se transformam no corpo e no sangue de Cristo. Este ritual é capaz de atribuir a estes objetos um alto nível simbólico representativo em âmbito mundial, os quais interferem diretamente nas relações sociais dos indivíduos.

Desta forma, compreendemos a importância do processo ritual na sociedade moderna, como engendramento da representação simbólica. Embora essa compreensão seja fundamental para o nosso estudo, ela reside no âmbito imediato do processo ritual. Segundo van Gennep (2013), para ampliar esse conhecimento precisamos dirigir o nosso olhar para o movimento, para o deslocamento sucessivo e determinante das etapas na vida do indivíduo, um processo possibilitado pelos ritos de passagem.

É o próprio ato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objetivo é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma posição determinada a outra situação igualmente determinada (VAN GENNEP, 2013, p. 24)

Embora os exemplos materiais tendam a restringir os pensamentos e os conceitos, circunscrevendo-os ao plano concreto, van Gennep (2013) criou uma imagem correlata objetivando nos auxiliar acerca desta compreensão. Ele considera que “Toda sociedade geral pode ser considerada como uma espécie de casa dividida em quartos e corredores” (VAN GENNEP, 2013, p. 41). Essa estrutura constituída pelas paredes da casa é que possibilita o trânsito do indivíduo através dos ambientes domésticos, cada qual com a sua função específica.

Segundo o autor, o trânsito entre os quartos e corredores é possibilitado pelo ritual de passagem, como uma senha de acesso aos espaços, pois, “Todo indivíduo ou grupo que por seu nascimento ou por qualidades especiais adquiridas não tem direito imediato de entrar numa casa determinada desta espécie e instalar-se em uma destas subdivisões encontram-se assim em estado de isolamento” (VAN GENNEP, 2013, p. 41). Desta forma, compreendemos que o ritual de passagem conjuga de forma articulada as fases, os fatos, os grupos sociais, ele atua como uma ponte entre os níveis e status sociais, individuais ou coletivos.

Porém, para construirmos uma base sólida acerca desta compreensão, precisamos recorrer às observações empíricas realizadas por van Gennep (2013), cuja interpretação antropológica social fundamenta a constituição do ritual de passagem, como um processo organizado em três fases subsequentes. “Proponho, por conseguinte, denominar *ritos preliminares* os ritos de separação do mundo anterior, *ritos liminares* os ritos executados durante o estágio de margem e *ritos pós-liminares* os ritos de agregação ao novo mundo” (*Ibid*, p. 37).

Embora van Gennep (2013) nos alerta, por um lado, acerca dos perigos da análise genérica, e por outro, da especificidade concernente a cada ritual de passagem, assim como dos detalhes que não podem ser desprezados, o movimento articulado entre as três fases de separação, margem e agregação, se mantém. Essas fases podem ser percebidas no ritual de matrimônio, em que ocorre a transição da condição de solteiro para casado, passando pelo estágio de margem, o noivado (VAN GENNEP, 2013).

Assim, segundo o autor, a primeira fase consiste na separação, no afastamento - do indivíduo ou do grupo - das condições culturais ou da estrutura social ocupada no início do ritual de passagem. Na segunda fase chamada margem, o sujeito social encontra-se na transição, suas características são imprecisas, compondo-se de maneira ambígua, com poucos traços das fases anterior e subsequente. Na terceira fase de agregação, ele volta para uma

condição estável e bem definida, porém em outro nível social, com novos direitos e obrigações relativas ao padrão recém-assumido (VAN GENNEP, 2013).

Diante de uma extensa gama de observações realizadas, descritas e interpretadas minuciosamente por van Gennep (2013), captamos alguns dados que nos esclarecem acerca da constituição da fase marginal. O autor descreve a dimensão espacial entre dois territórios, cuja delimitação é feita por uma área neutra entre as duas regiões, entre os dois mundos sagrados.

Qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome *margem*, e um dos objetivos do presente livro consiste em demonstrar que esta margem, simultaneamente *ideal e material*, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação *mágico-religiosa ou social* para outra (VAN GENNEP, 2013, p. 35 grifos nosso).

Desta forma, conforme o autor, para que o indivíduo ou grupo possa se movimentar socialmente - nos âmbitos material ou ideal - irremediavelmente ele passa pela condição intermediária, “flutuando” entre as condições que precedem e sucedem a fase marginal. É o processo ritual que possibilita o trânsito ao longo da estrutura social, sendo a margem, a fase em que o indivíduo adquire a chancela, a condição para acessar um novo patamar; seja nos grupos profissionais, na família, no bairro, na classe de idade, no grupo religioso, na torcida de futebol, há sempre novos liminares a serem transpostos.

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. E sempre há novos limiares a travessar, limiares do verão ou do inverno, da estação ou do ano, do mês ou da noite, limiar do nascimento, da adolescência ou da idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar da outra vida – para os que acreditam nela (VAN GENNEP, 2013, p. 160).

Victor W. Turner (2013) parte da estrutura tripartite – separação, liminaridade e reintegração – revelada por van Gennep (2013), destacando algumas implicações fundamentais para um estudo mais consistente acerca da cultura e da sociedade. Assim, a partir da expressão dos elementos simbólicos apreendidos no âmbito imediato, através do significado engendrado simbolicamente nos objetos, estes passam a representar e a determinar os conteúdos emanados nesta fase ritual liminar de transição. A aliança de noivado na mão direita é uma expressão desse processo.

As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais (TURNER, 2013, p. 98).

Neste ponto, Turner (2013) realizou um recorte no processo ritual, e admitiu a fase liminar como objeto. Ele passou a pesquisá-la de maneira mais detida, percebendo que ela se constitui de forma não estruturada, como contraponto do outro estágio compreendido como um estado estruturado, o qual ele [...] “refere-se a qualquer tipo de condição estável ou recorrente, culturalmente reconhecida” (*Ibid*, p. 97). Assim, a liminaridade [...] “é a passagem entre *status* e estado cultural que foram cognoscitivamente definidos e logicamente articulados” (*Ibid*, p. 13).

O elemento fundamental desse contraponto, novamente não pode ser captado na sua aparência, na expressão imediata, mas sim, na sua estrutura, naquilo que sustenta a dimensão aparente. De maneira sintética podemos esclarecer essa questão. De um lado, a condição estável, estruturada, com um *status* sociocultural definido, [...] “é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de ‘mais’ ou de ‘menos’” (TURNER, 2013, p. 99). De outro lado:

[...] é o da sociedade considerada como um *comitatus* não estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais (TURNER, 2013, p. 99).

Assim, o verdadeiro contraponto reside na compreensão acerca do duplo caráter sistêmico, isto é, estruturado e não estruturado. A sociedade com uma estrutura constituída por funções e posições sociais estabelecidas nas suas próprias relações interdependentes, determinando segmentos e hierarquias, ordens e classificações. Diante desse contexto, “A *communitas* irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade” (*Ibid*, p. 124).

Porém, segundo Turner (2013) esse é um processo dialético, em que a experiência sucessiva entre *communitas*⁵ e estrutura, se revela de forma imprescindível para ambas existirem. Imaginando uma roda constituída pelos raios e o cubo central, o qual sustenta o eixo, esses elementos seriam o que chamamos “estrutura” e os espaços vazios na região interna da roda seria a imagem correlata à *communitas*. Sem os espaços vazios, os raios e o cubo não teriam razão de existir. Assim compreendemos esta relação em que [...] “os opostos por assim dizer constituem-se uns aos outros e são mutuamente indispensáveis” (TURNER, 2013, p. 99).

⁵ Sobre a escolha do termo, o autor nos esclarece: “Prefiro a palavra latina *communitas* a *comunidade* para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de ‘área de vida em comum’” (TURNER, 2013, p. 99).

Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da *communitas* abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passage* os homens são libertos da estrutura e entram na *communitas* apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da *communitas*. Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem esta dialética (TURNER, 2013, p. 124).

Destarte, esclarecemos a constituição da *communitas* na sua relação externa com e estrutura social. Porém, consideramos importante que voltemos o nosso olhar também para o âmbito interno, em que:

A *communitas* é um relacionamento não estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Esses indivíduos não estão segmentados em funções e *status*, mas encaram-se como seres humanos totais (TURNER, 2013, p. 13).

Assim, o desenvolvimento acerca deste processo como um contraponto, nos oferece uma base segura para a compreensão dos conceitos de estrutura e antiestrutura. Uma fundamentação que parte de uma base empírica, cujo suporte foi oferecido pela pesquisa etnográfica antropológica de van Gennep (2013) e Turner (2013), buscando uma interpretação que alcance um âmbito genérico; ou seja, que forneça uma chave para contribuir na compreensão das relações e dos processos sociais. “O drama da estrutura e antiestrutura termina no palco da cultura. [...] As pessoas da floresta, do deserto e da tundra reagem aos mesmos processos como as pessoas das cidades, das cortes e dos mercados” (TURNER, 2013, p. 14).

Desta forma, compreendemos a importância fundamental dos ritos de passagem como um processo ritual, da *communitas* e do contraponto entre estrutura e antiestrutura, pois, sem esses conceitos e processos não haveria os grupos, as classes, as categorias, haveria apenas uma massa humana homogênea, algo sem qualquer fundamento. Portanto, tal conhecimento contribui para a apreensão da dimensão simbólica engendrada nas estruturas, processos e relações de interdependência inerentes à sociedade.

1.4 - O PROCESSO HISTÓRICO DO FUTEBOL

Apreendemos nos elementos simbólicos e rituais, a chave para analisar as formas de expressão da cultura que são constitutivos do universo futebolístico. Porém, o contexto sócio-histórico, as estruturas sociais, os processos específicos, concernentes à constituição do futebol, também são fundamentais, pois, estes formam uma base para sustentar o nosso estudo

e compreensão, ou seja, [...] “os estudos do desporto que não sejam simultaneamente estudos da sociedade são análises desprovidas de contexto” (ELIAS, 1992, p. 48).

Porém, segundo o autor, não se trata de relações de causa e efeito, uma forma de pensamento em que somos treinados a realizar nesta sociedade, orientados pela lógica empírica positivista. Este procedimento pode conduzir à conclusão direta em que o desporto moderno é fruto do desenvolvimento industrial. Se assim for, “A expectativa implícita de relações causais desse tipo encerra o problema, provavelmente, antes de este ter sido aberto” (ELIAS, 1992, p. 192).

Segundo Dunning (2014), o termo verdadeiro, original acerca do futebol é *association football*. Na língua inglesa, o termo *soc*, é a abreviação de *association*, e os ingleses acrescentam a partícula ‘*er*’ para indicar algo que tenha ação, portanto, “*Soccer* é uma corruptela do termo inglês *association* e refere-se à forma associada de jogar, extremamente específicas, cujas origens remetem a 1863, o ano em que a ‘Football Association’ foi fundada” (DUNNING, 2014, p. 186).

O autor nos alerta que geralmente incidimos em um equívoco, o qual [...] “o termo *football* pressupõe um jogo de chutar no qual apenas ao goleiro é permitido tocar a bola com a mão enquanto ela ainda esteja em jogo”. Porém, na verdade, o termo *football* [...] “é um termo genérico, que se refere atualmente a toda uma categoria de jogos de bola” (DUNNING, 2014, p. 185). Comprovamos essa afirmação pela observação de outras formas de se praticar o *football*. Em suma:

A terminologia é que o *soccer* é um neologismo do século XIX derivado da palavra *association*. O nome verdadeiro do jogo é *association football*, em oposição, por exemplo, a *rugby football*, *american football*, *australian rules football* (“futebol com regras australianas”), *gaelic football* (“futebol gaélico”) etc (DUNNING, 2014, p. 207).

Finalmente, o termo português “futebol” bem como as suas variações pelo mundo se consolidaram a partir da simplificação e tradução do termo original inglês, ou seja [...] “em praticamente todos os países do mundo, é usual se referir simplesmente a *football* ou à tradução desse termo na língua local. Assim, temos *fussball* em alemão, *voetbal* em holandês, *futebol* em português, *fútbol* em espanhol” (DUNNING, 2014, p. 185).

Murad (1996) percorre um passado histórico acerca das manifestações desportivas, constituindo o que o autor denomina de *forma ancestral de futebol*. Ele encontra o *Kemari* no Japão, cujo significado é *ke* - jogo e *mary* – pés, praticado desde 2600 anos a. C. até a atualidade, é uma [...] “celebração ritual do autoconhecimento, da automeditação, do

autocontrole e da auto-aprendizagem, preparatória para a disciplina da escola e do saber” (MURAD, 1996, p. 85). Outra manifestação ancestral desportiva que contribui para a formação do futebol pode ser observada na China, o Tsü Tsü:

Ritual de guerra na Antiga China, 2600 anos a. C., aproximadamente. Após os combates bélicos, a tribo vencedora jogava futebol ritual com a cabeça do chefe inimigo e/ou com as cabeças dos seis guerreiros mais valentes da aldeia derrotada. A crença era a de que haveria a assimilação pelos pés, que são a base do corpo, que é o lugar da vida, de tudo aquilo que estivesse presente na cabeça briosa dos escolhidos: inteligência, valentia, força, habilidade, liderança, respeitabilidade (MURAD, 1996, p. 84).

Assim, Murad (1996) encontrou diversas práticas desportivas e suas diferentes formas manifestas, como o *tlachtli*, praticado pelos astecas na América espanhola, o *epyskiros* e *harpastum* na antiguidade ocidental grega e romana, as quais estabelecem uma relação próxima com os processos rituais e simbólicos, fato relevante para o nosso estudo. Porém, se referindo ao desenvolvimento histórico das diversas modalidades esportivas, Norbert Elias (1992) nos apresenta alguns fatos importantes para a nossa análise, ele se reporta ao pancreático, uma espécie de luta popular dos Jogos Olímpicos, em que os atletas usavam todas as partes do corpo⁶:

Arrhachion de Phigalia, duas vezes vencedor olímpico no pancreático, foi estrangulado em 564 durante a sua terceira tentativa para vencer a coroa olímpica, mas antes de ser morto conseguiu partir os dedos do pé do seu opositor e a dor forçou este a desistir da luta. Por esse motivo os juízes coroaram o cadáver de Arrhachion e proclamaram o morto vencedor. [...] O primeiro atingiu com um soco a cabeça do seu oponente, o qual sobreviveu. Quando este baixou a sua guarda, o outro bateu-lhe abaixo das costelas com seus dedos estendidos, rebentou-o com suas unhas duras, agarrou-lhe os intestinos e matou-o (ELIAS, 1992, p. 201, 206).

Em um primeiro momento esses fatos nos causam certo desconforto, por um lado pela violência explícita em si, e por outro, pelo aparente contrassenso, uma vez que eles se referem à civilização grega, a qual detém [...] “os elevados valores que tradicionalmente estão associados às realizações na filosofia, nas ciências, nas artes e na poesia” (ELIAS, 1992, p. 196).

O autor nos alerta acerca de duas questões que podem nos conduzir para uma interpretação incorreta. A primeira refere-se à análise etnocêntrica⁷, ou seja, os elementos

⁶ Segundo Elias (1992), os atletas transformavam as suas unhas em verdadeiras armas, passando produtos para torna-las mais duras e lixando-as, de modo a ficarem cortantes e pontiagudas.

⁷ Roger Keesing (2014) contribui com a nossa compreensão sobre os perigos da análise etnocêntrica. “Uma dificuldade inicial no estudo da cultura é que não estamos habituados a analisar padrões culturais; raramente estamos sequer conscientes deles. É como se nós – ou as pessoas de qualquer outra sociedade – crescêssemos percebendo o mundo através de óculos com lentes que distorcem a realidade. As coisas, eventos e relacionamentos que presumimos estar ‘lá fora’ são na verdade filtradas por essa tela perceptual. A primeira reação, inevitavelmente, ao encontrar pessoas que usam um tipo diferente de óculos é desprezar seu

constitutivos de uma cultura local, específica, não podem ser analisados sob uma matriz externa. [...] “como se os membros dessas sociedades estivessem livres para escolher entre *seus* padrões e as *suas* normas e, tendo feito essa escolha, tivessem optado pela decisão errada. [...] não civilizada ou bárbara” (ELIAS, 1992, p. 199).

A segunda e fundamental questão revelada por Elias (1993), reside na análise inadvertidamente desassociada do processo civilizador. Um processo que se inicia desde os primórdios selvagens e aponta para um autocontrole cada vez mais desenvolvido, o qual, [...] “as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum” (ELIAS, 1993, p. 193-194). Exatamente esse fato justifica a importância da volta ao passado, da contextualização histórica, cujas manifestações socioculturais são constituídas e constitutivas das relações e das estruturas sociais, do indivíduo e da sociedade. Essa compreensão dissolve o aparente contrassenso referente à civilização grega⁸.

A monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneos. Em comparação, a monopolização e o controle de violência física institucional nas cidades-Estado da Grécia, permaneciam rudimentar (ELIAS, 1992, p. 196).

Segundo Dunning (2014), com o desenvolvimento sócio-histórico, o esporte passou por várias formas de expressão popular, algumas vezes a disputa envolvia a cidade inteira, com centenas de jogadores em cada equipe. Porém:

As formas modernas de futebol descendem de um tipo de jogos populares medievais que eram conhecidos por nomes os mais diversos, um dos quais era *football*. Outros eram *hurling*, *knappan* e *camp-ball*. Representavam, por assim dizer, uma matriz comum a partir da qual nossos jogos se desenvolveram (DUNNING, 2014, p. 189).

Entre estes jogos populares medievais citados, Mauricio Murrad (1996) nos apresentou o *calcio fiorentino*, praticado no século XIV na Itália, o qual foi o precursor no estabelecimento de regras, possibilitando uma melhor organização desportiva. “O *gioco del calcio* é jogado num campo de 120m por 180m, com duas balizas de madeira em cada extremidade. [...] O número de jogadores considerado ideal era o 27, assim distribuídos: 15 corredores, 5 sacadores, 4 dianteiros e 3 zagueiros”. Embora o *calcio* mantivesse um alto nível de violência, a regulamentação ratificou a sua importância para a constituição do futebol

comportamento, considerando-o estranho ou errôneo. Essa forma de ver outros modos de vida em termos de nossos próprios óculos culturais é chamada etnocentrismo. E tornar-se consciente de nossos próprios óculos culturais e analisa-los é um processo doloroso” (KEESING, 2014, p. 37).

⁸ “Uma das ideias que podem ocorrer facilmente quando se menciona a orientação de um processo de civilização é a das mudanças no sentido de um maior autocontrole. Embora isto seja uma simplificação grosseira, não se pode dizer que seja errado” (ELIAS, 1992, p. 76). Segundo o autor, a limitação desta análise reside no fato da restrição provocada pela quantificação, a redução da qualidade à quantidade, isto é, uma análise determinista, quanto mais violento, mais bárbaro.

moderno, pois, “No século 17, bem mais popular e agressivo, *foi levado para a Inglaterra* pelos partidários de Carlos II, exilados na Itália, quando houve a restauração do trono” (MURRAD, 1996, p. 90, grifo nosso).

Diante desse contexto, Elias (1992) nos revela que o processo civilizador é um elemento fundamental para a constituição do esporte moderno, em especial, o futebol na Inglaterra. Na sua análise acerca do movimento histórico, ele percebe que no período entre os séculos XVI e XIX, houve mudanças significativas na estrutura social e no comportamento dos indivíduos, relativos ao processo civilizador.

Durante esses séculos, o céu permaneceu mais ou menos o mesmo, tal como aconteceu com a natureza humana orgânica do homem e com a estrutura geológica da Terra. A única coisa que mudou e se deslocou numa direção específica foi a forma da vida comunitária, a estrutura da sociedade ocidental e, com ela, a influência social sobre o indivíduo e sobre a forma de suas funções psíquicas (ELIAS, 1994, p. 45).

Segundo Dunning (2014), até o início deste período os conflitos eram solucionados majoritariamente por meio da violência física, com o uso de espadas e armas, provocando grandes revoltas populares, revoluções e guerras. De forma específica, o autor refere-se à dinastia Stuart no Reino Unido e os conflitos enfrentados pelos reis James I e Carlos I, o qual foi decapitado. “Durante o século XVII, a Grã-Bretanha viu-se aprisionada em um ciclo contínuo de violência revolucionária e contrarrevolucionária” (DUNNING, 2014, p. 176).

A Revolução Gloriosa e o Levante Jacobita contribuíram para a manutenção da atual família real no poder, propiciando certa estabilidade política. A partir deste momento, houve uma tendência para o declínio da violência, os direitos às assembleias e associações foram assegurados, os primeiros partidos políticos – os Whigs e os Tories - se estabeleceram e o parlamento ganhou força. Desta forma, as divergências passaram a ser deliberadas por outro caminho, pois:

[...] a solução das lutas políticas por meio de debates e votações e não pela violência e pela força das armas. [...] Foi nesse contexto, de uma sociedade cada vez mais pacificada e submetida a formas sempre mais efetivas de governo parlamentar, que, de acordo com Elias, começaram a surgir formas reconhecidamente modernas de prática esportiva, baseadas em regras escritas e em procedimentos mais efetivos de controle. A existência de uma forte vinculação entre esses processos é sugerida pelo fato de que havia estreitos paralelos entre os rituais parlamentares e os rituais emergentes do esporte moderno (DUNNING, 2014, p. 177-178).

A estabilidade política alcançada nesse processo, segundo o autor, constituiu uma base para a consolidação da democracia parlamentar, a primeira a ser realizada em âmbito mundial, bem como para o surgimento da noção de “jogo limpo”, o emblemático *fair play*

inglês. Nesse recorte espaço-temporal histórico, houve também um grande desenvolvimento da ciência moderna, - com as contribuições de Isaac Newton – assim como da indústria, - com a Revolução Industrial. “Em síntese, a primeira nação científica, industrial e democrática do mundo também se tornou a primeira nação esportiva do mundo” (DUNNING, 2014, p. 174).

Nesse contexto, comprovamos que existe uma forte correlação entre os diversos campos constitutivos da sociedade, apontando para o que Elias (1994) chamou de “rede de relações interdependentes”. Portanto, entre outros elementos concernentes ao processo civilizador, destacamos a diminuição da violência e o maior autocontrole psíquico⁹, os quais são elementos que motivaram “O crescente predomínio de jogos de bola e formas não violentas de competição atlética, em detrimento dos esportes de campo, nos quais a presa era sacrificada” (DUNNING, 2014, p. 173).

Segundo Dunning (2014), a industrialização, a crescente urbanização e o aumento populacional, geraram novas necessidades sociais, entre elas, a reforma das escolas públicas que recebiam os “pobres e carentes”, transformando-as em internatos, em escolas integrais, para receber os estudantes vindos de famílias de médicos, advogados, empresários, ou seja, das classes altas e médias altas. Porém, neste contexto¹⁰, [...] “os professores eram incapazes de controlar com facilidade os estudantes [...] os meninos dispunham de um alto grau de independência estrutural que derivava da riqueza e do alto *status* de seus pais [...] levou a uma crônica falta de disciplina” (*Ibid*, p. 190).

Diante destas dificuldades, segundo o autor, os professores e os dirigentes das instituições escolares passaram a utilizar o esporte como uma “ferramenta educacional”. Inicialmente eles criaram um sistema de monitores, - com os alunos veteranos que exerciam liderança no corpo discente – oferecendo certo poder a eles, criando uma hierarquia entre os alunos e conseguindo melhorar a autoridade dos professores. “Foi nesse contexto, por exemplo, que a ideia da ‘formação do caráter’ e do valor ‘civilizador’ dos jogos de equipe, [...] começou a ser articulada como uma ideologia explícita” (DUNNING, 2014, p. 196).

⁹ Este processo relativo à diminuição da violência e do maior autocontrole psíquico foi fundamental para a origem do futebol, pois, de outro modo, este se tornaria inviável, uma vez que, “Somente no ano de 1905, ao que tudo indica, nada menos que 18 jogadores universitários foram mortos e outros 159 foram gravemente feridos” (DUNNING, 2014, p. 197).

¹⁰ Consideramos relevante destacar novamente o momento histórico desses fatos: “De fato, era a época da Revolução Francesa e, em 1789, conta-se que uma tropa de alunos de Eton marchou pela margem do Tâmesa até Datchet empunhando a bandeira tricolor francesa e gritando, em francês, o slogan revolucionário: ‘liberté, égalité, fraternité’” (DUNNING, 2014, p. 190).

[...] convencendo os estudantes mais destacados, em primeiro lugar, das propriedades que supostamente teria o esporte na formação do caráter e, em segundo lugar, da natureza excessivamente violenta do futebol que ali era praticado e da necessidade de reformulá-lo para que fosse consistente com o plano de formação de “cavaleiros cristãos”. Foi em uma “Confraria de Ultimanistas” (*Sixth Form Levee*), como era chamada, em Rugby, a assembleia de veteranos que se reunia antes do início das aulas, que criou as regras escritas do futebol, em 1845, a mais antiga série de regras escritas do futebol a ter sobrevivido (DUNNING, 2014, p. 193-194).

Assim, apreendemos de maneira sintética o processo histórico que originou o futebol na atualidade. Comparando as manifestações desportivas da antiguidade e o *nosso futebol*, compreenderemos que houve uma ruptura neste processo, pois, as semelhanças são mínimas; de fato, as manifestações ancestrais se aproximariam mais do handball. Porém, esta concepção de ruptura, é sustentada pela condensação das transformações que ocorreram ao longo dos séculos, isto é, se realizarmos um salto temporal, não encontraremos relações entre o desporto praticado na antiguidade e o futebol.

Entretanto, observando o movimento histórico de longo prazo, compreendemos que o futebol moderno guarda as suas raízes históricas nas manifestações desportivas da antiguidade, passando por variações gradativas, gestando por séculos o *calcio fiorentino*, uma forma desportiva que se aproxima da modalidade futebolística que conhecemos. Diante desta herança cultural, o *calcio fiorentino* desembarcou na Inglaterra no século XVII, originando de maneira mais específica o futebol, o qual ganhou seus contornos finais nas escolas da elite social inglesa.

A partir desse ponto, segundo Dunning (2014), sucedeu a sua disseminação geográfica e social, ou seja, para os outros países e para as classes mais baixas. A colonização inglesa e a crescente mobilidade humana contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento desse processo, pois:

Este envolvia soldados, marinheiros, comerciantes, engenheiros e outros profissionais britânicos que formavam clubes quando serviam ou trabalharam no exterior, em locais colonizados onde os nativos copiavam os esportes jogados pelos britânicos, ou então envolvia estrangeiros que haviam estudado em escolas e universidades britânicas e que também criavam clubes quando voltavam para sua terra natal (DUNNING, 2014, p. 208-209).

Conforme o autor, a disseminação e a popularidade do futebol também podem ser compreendidas a partir dos elementos da sua própria estrutura. As regras são simples e de fácil adaptação¹¹, assim como a contagem dos pontos, diferentemente do basquete em que a

¹¹ A única regra um pouco mais complexa é o impedimento, porém, na prática popular ela sofre diversas adaptações aos contextos culturais regionais, não sendo efetivamente um elemento que dificulte a prazerosa prática do futebol.

cestas podem valer 1, 2 ou 3 pontos, ou do vôlei e do tênis com seus sets e vantagens. O futebol é fácil de entender, os equipamentos e os trajes utilizados não exigem uma rígida especificidade. Eduardo Galeano (2004) faz algumas considerações acerca desses pontos que tratamos.

Era um esporte que não exigia dinheiro e que podia ser jogado sem nada além da pura vontade. Nos baldios, nos becos e nas praias, os rapazes nativos e os jovens imigrantes improvisavam partidas com bolas feitas de meias velhas, recheadas de trapos ou de papel, e um par de pedras para simular o arco. Graças à linguagem do futebol, que começava a tornar-se universal, os trabalhadores expulsos do campo se entendiam muito bem com os trabalhadores expulsos da Europa. O esperanto da bola unia os nativos pobres com os peões que tinham atravessado o mar vindos de Vigo, Lisboa, Nápoles, Beirute ou da Bessarábia, e que sonhavam fazer a América levantando paredes, carregando caixotes, assando pão ou varrendo ruas. Linda viagem, a que havia feito o futebol: tinha sido organizado nos colégios e universidades inglesas, e na América do Sul alegrava a vida de gente que nunca tinha pisado numa escola (GALEANO, 2004, p. 48).

Assim, o futebol atravessou o Atlântico a partir da política colonialista, do intercâmbio internacional e da sua inerente simplicidade. O marco emblemático da chegada do futebol no Brasil é atribuído a Charles Muller, em 1894, porém, segundo Santos (1981, p. 12) “Charles Miller não queria fundar nada. [...] Miller apenas gostava de futebol, como muitos jovens de hoje gostam de *surf*, ou de tênis, ou de *handeball*”. Por outro lado, existem registros da prática futebolística em épocas anteriores.

Marinheiros europeus, principalmente ingleses, jogaram futebol no Brasil, no Rio de Janeiro, antes de 1894. Divertimento de tripulantes à espera da liberação dos navios, sem continuidade e/ou fixação de raízes. Há registros históricos, mais ou menos consistentes, dessas “peladas imperialistas”, em 1864, 1874 e 1878 (MURAD, 1996, p. 121).

Após o desembarque do futebol em terras brasileiras, a sua história se desenvolveu de forma interdependente com outros elementos socioculturais. Segundo Santos (1981), assim como na Inglaterra, no primeiro momento, o acesso à prática do futebol ficou restrito apenas à elite industrial [...] “esporte de gentlemen, exatamente como são o tênis e o golfe hoje” (SANTOS, 1981, p. 13). Também o acesso à arquibancada ocorria de forma segregada, pois, [...] “os pobres – os que não tinham dinheiro para a bola, os uniformes e os ingressos – espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo” (SANTOS, 1981, p. 15).

Porém, segundo Santos (1981), o fim do sistema escravagista e a crescente profissionalização esportiva, em especial, a promovida pelo governo de Getúlio Vargas na década de 1930, foram elementos decisivos para a popularização do futebol no Brasil. A inclusão do negro no esporte, além de contribuir nesse processo, também influenciou no estilo, e estabeleceu uma identidade reconhecida mundialmente para o futebol brasileiro,

como a ginga e os dribles. [...] “o futebol passa a existir como um fenômeno de massa no Brasil, a partir da inclusão do negro dentro das quatro linhas do campo e da transição do jogo amador para profissional” (PIMENTA, 1997, p. 41).

Segundo Toledo (1996), o desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, urbano ocorridos no início do século XX, também são elementos fundamentais para consolidação do futebol como esporte mais popular no Brasil¹². “A partir de 1908 dezenas de clubes que praticavam o futebol *elitista* e o *pequeno futebol* influenciaram a criação de centenas de agremiações” (TOLEDO, 1996, p. 17).

A multiplicação dos clubes de futebol articulada pela expansão urbano-industrial, abriu um novo e promissor mercado, - a indústria do lazer - impulsionado de forma decisiva pelos meios de comunicação como o rádio e a televisão. “Sem o rádio, não se pode conceber a popularização do futebol, a idolatria que ele gerou – por Domingos, por Hercules, por Valdemar de Brito, mas sobretudo por Leônidas [...] reverenciados onde quer que suas ondas chegassem” (SANTOS, 1981, p. 54).

O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é a parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo decisivo o para isso o papel desempenhado pela mídia, especialmente a televisão (BETTI, 1998, p. 31).

Nesse contexto, o futebol já havia se despontado como um esporte com grande potencial popular. Segundo Toledo (1996), o governo utilizou o interesse que ele despertava nos torcedores com objetivos ideológicos, incentivando a sua popularização, construindo trinta estádios de grande e médio porte Brasil afora, e utilizando os meios de comunicação para disseminar os seus ideais de controle social. Um fato emblemático que ilustra essa manobra foi a associação entre o sucesso da seleção brasileira na copa de 1970 e o desenvolvimento do Brasil. “Por que Lima Barreto era contra o futebol? Primeiro, porque compreendeu logo que as oligarquias iam usar a bola como o ‘ópio do povo’. Segundo, porque o novo esporte era filho do imperialismo” (SANTOS, 1981, p. 28).

É importante ressaltar que essas relações não são constituídas sob a noção de causalidade, mas como um conjunto de fatores que se relacionam de forma interdependentes. Assim, a constituição do futebol como “ópio do povo” deve ser compreendida no contexto da sua utilização ideológica, como mecanismo de controle social, e não como uma dimensão inerente ao próprio futebol. Destarte, a definição de ideologia apresentada por Thompson

¹² O termo “pequeno futebol” foi uma expressão utilizada pela imprensa nessa fase do desenvolvimento do futebol, como um contraponto ao futebol de elite. O “pequeno futebol” era praticado em condições precárias, e ficou conhecido posteriormente como “futebol de várzea” (TOLEDO, 1996).

(2011), dialoga de maneira integrada com a estrutura epistemológica envolvida nesse processo.

A análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social (THOMPSON, 2011, p. 16).

Além desse complexo processo multifacetado, no futebol, enquanto um fenômeno sociocultural que extrapola a mera encenação esportiva, reside um potencial de produção de significados e emoções bastante amplo. A dramatização ritualística propiciada pelo futebol profissional, exerce uma forte atração sobre um público cada vez maior, pelo fato dele deter na sua expressão, elementos representativos que dialogam de maneira profunda com o torcedor

No âmago dessa estrutura está o fato de que as partidas de futebol são embates competitivos, físicos, mentais e táticas entre dois grupos, jogando com uma bola e regidos por regras, rituais e controles que na maior parte do tempo enquadram o círculo entre as antinomias de rivalidade e amizade, e permitem o surgimento de paixões, mantendo-as, porém, na maior parte do tempo e na maioria das pessoas, dentro de limites “civilizados” considerados socialmente aceitos (DUNNING, 2014, p. 210).

1.5 - FUTEBOL E CULTURA: O RITUAL E A BUSCA DA EXCITAÇÃO

Conforme Elias (1994) nos esclareceu, o ser humano se forma e se desenvolve mediado por um processo de dependência junto ao seu grupo social de pertencimento. Neste sentido, segundo Elias (1992), as atividades desportivas relacionam-se com este processo, na medida em que tais atividades ocorrem conforme o nível de desenvolvimento da civilização, uma vez que, [...] “os combates de gladiadores, ou entre seres humanos e animais ferozes, constituíam um divertimento apreciado pelas populações urbanas do Império Romano” (ELIAS, 1992, p. 70).

Desta forma, para o autor, o autodomínio, o controle dos impulsos imputados à criança desde o seu nascimento, são revelados como uma condição humana universal. Um processo realizado pela aprendizagem e pelo aumento do autocontrole, cujos padrões são determinados pelo nível de desenvolvimento das dimensões socioculturais. Porém, para Elias

e Dunning (1992, p. 101), nas sociedades industriais, por um lado, [...] “são menos frequentes as situações críticas sérias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos, [por outro lado] aumentou o controlo social e o autodomínio da excitação exagerada”.

Em outras palavras, as possibilidades relativas às experiências excitantes, na sociedade moderna, sofreram uma retração, podendo entorpecer a vida dos indivíduos; além da exigência para um maior autocontrolo dos impulsos. Segundo ELIAS (1992, p. 91), “De um modo geral, a vida é particularmente monótona. Nada de especial acontece. Talvez uma rapariga, talvez um filme”.

Norbert Elias (1992) ao revelar esse contexto social com ausência da excitação revigoradora, estabelece uma possibilidade para a compreensão acerca dos elementos que constituem o contraponto da monotonia, como dimensões constitutivas de um mesmo processo. Ele observa que, não apenas o futebol, mas as atividades de lazer de maneira geral, trazem como características, os elementos excitantes capazes de contrabalancear as antinomias, tais como, medo e prazer, exaltação e abatimento.

[...] nas ocupações de lazer, sentimentos aparentemente antagônicos como o medo e o prazer não são apenas opostos um ao outro (como <<logicamente>> parecem estar) mas partes inseparáveis de um mesmo processo de satisfação de lazer, porque as satisfações de lazer só podem ser conceptualizadas como processos (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 160).

Desta forma, os autores comprovam o fato de que a “agradável excitação” habita no âmbito das necessidades básicas, como um contraponto à monotonia emocional, provocada pela rotina e pelas restrições do modo de vida moderno. A excitação é uma emoção compensadora, cuja função reside no reestabelecimento do equilíbrio harmonioso essencial para a constituição do ser humano, como [...] “o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas <<racionais>> da vida” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115).

A falta de pão, que foi mais ou menos remediada, é agora seguida pela ausência de sentido. A partir das áreas cinzentas de marginais que se formam à volta da maior parte das grandes cidades mais desenvolvidas, as pessoas, em especial os jovens, olham através das janelas para o mundo estabelecido. Podem ver que é possível uma vida com mais sentido e mais realizada do que a sua própria vida (ELIAS, 1992, p. 93).

Nesse contexto, segundo Elias (1992), a *busca da excitação* assume um papel central na vida do indivíduo, como o seu referencial orientador, em que, uma das possibilidades de realização, reside no processo ritual futebolístico. No caminho para o estádio eles já formam os grupos, adquirem poder, chamam atenção, passam a [...] “fazer coisas que nem sequer se atreveria a fazer se estivesse só. [...] Deste modo, o desafio do

futebol entre equipas locais surge como o maior, o mais excitante dos acontecimentos numa vida que, de qualquer maneira, é, acima de tudo, vazia” (ELIAS, 1992, p. 92). Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, conforme as fotografias à frente.



Fotografias 1 a 4 - Grupo de torcedores escoltados pela PM se dirigindo para o estádio
Fonte - Acervo próprio



Fotografias 5 e 6 - Grupo de torcedores escoltados pela PM chegando ao estádio
Fonte - Acervo próprio

A organização estrutural do futebol traz em si a capacidade de proporcionar a agradável excitação, de maneira especial, em um nível mais elevado que os outros esportes. Segundo Elias (1992), o inesperado, a quebra da rotina, a insegurança, o arriscado, a ansiedade, breves alvoroços, agradáveis esperanças, agitações de deleite, vários elementos cuja tensão experimentada de uma forma especialmente irregular, pode produzir a excitação desejada.

[...] todos os medos e ansiedades podem resolver-se temporariamente, deixando só por breves momentos, o gosto da fruição da agradável satisfação. É este o motivo por que as formas de excitação desempenham um papel central nas actividades de lazer. Só deste modo se pode compreender a função do lazer na destruição da rotina (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 160).

Porém, para que um nível satisfatório, significativo de excitação possa ser alcançado, é necessário que a experiência, o drama representado, obtenha certo nível de realidade no imaginário do indivíduo, com elevada carga de sentimentos. Esse é o caráter mimético apreendido por Elias (1992) nos confrontos esportivos, [...] “não só o futebol, mas o desporto, de uma maneira geral, possui o caráter mimético controlado e não violento” (ELIAS, 1992, p. 83). O autor acrescenta que, neste caso, mimese não pode ser compreendida no sentido adquirido pelo uso inadequado como simples imitação, mas uma ressignificação da representação simbólica encenada, como uma contemplação do objeto real transposto para o imaginário do indivíduo.

Desta forma, segundo Dunning (1992), tanto para os jogadores como para os torcedores, o desporto tem passado por um processo social inevitável, a crescente seriedade na orientação dessas atividades. A competitividade, a orientação para resultados, a substituição das atitudes, valores e estruturas do âmbito amador para o profissional, são elementos que contribuem para a gradual perda da espontaneidade, da prática descompromissada com a vitória. Assim, a crescente seriedade no desporto desloca-o para uma posição central e valorizada na vida do indivíduo, um significado religioso, conforme a fotografia à frente.

[...] é uma orientação segundo a qual o desporto se tem transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas (DUNNING, 1992, p. 299).



Fotografia 7 - Sentido religioso do futebol
Fonte - Acervo próprio

Assim, compreendemos que o futebol extrapola a mera encenação desportiva, como uma luta entre duas equipes, ou seja, uma análise que considera os elementos sócio-histórico-culturais pode revelar algumas faces ocultas relativas a este universo. O futebol abarca a possibilidade real de expressar, de forma polissêmica, as contradições e as estruturas que constituem a sociedade brasileira. Um processo ritual com grande carga de substância cultural, cujos símbolos alcançam significados inimagináveis no ideário do torcedor

O futebol, como a nossa paixão popular e esporte número um, encena um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira. Ao mesmo tempo teatro, dança, esporte e guerra, Eros e Thanatos, Dionísio e Apolo, o sagrado e o profano, o cosmo e o caos, síntese plural dos inegáveis arquétipos de nosso inconsciente coletivo, de nossa identidade cultural (MURAD, 1996, p. 16)

Segundo Santos (1981), a conversão do futebol do âmbito amador para o profissional contribuiu de forma significativa para a popularização deste, ou seja, para o crescimento do público torcedor. “É que o público preferia os jogos de profissionais, de melhor nível, só aceitando os amadores na preliminar. [...] 100 pessoas iam à Chácara Dulley ver o Charles Miller chutar uma bola de capotão. 18 mil assistiram o velho Fried na sua glória” (SANTOS, 1981, p. 49). Segundo Toledo (1996), na década de 1940 o futebol conseguiu a façanha de aglutinar mais de 70 mil pessoas em um estádio, conforme podemos observar na seguinte passagem:

A inauguração do estádio Paulo Machado de Carvalho, situado no bairro do Pacaembu (daí o seu nome popular, Pacaembu) em 1940 foi um marco importante para o desenvolvimento do então emergente esporte de massa que se amalgamava com o progresso da metrópole. Dos cinco clubes que disputaram no campo do velódromo, Parque Antártica e Athletic o primeiro campeonato paulista, realizado em 1902, o certame de 1940 contou com a presença de 11 clubes, organizados em um campeonato de dois turnos e que passou a ser um marco da popularidade do

futebol. Em 1942, em uma partida de estréia em São Paulo de um dos maiores jogadores de todos os tempos, Leônidas, o inventor da bicicleta, São Paulo Futebol Clube vs Sport Clube Corinthians Paulista levou 70.281 pessoas àquele estádio (TOLEDO, 1996, p. 19-20).

Mas o público torcedor não cresceu somente quantitativamente, a sua forma de expressão também foi modificando com o desenvolvimento sociocultural do futebol. “Os palavrões substituíram os coros rimados [...] dentro de campo, ninguém lembraria mais de avisar, à aproximação de um adversário, *man on you!* Simplesmente berraria: ladrão!” (SANTOS, 1981, p. 50).

Segundo Toledo (1996), os torcedores buscavam objetos que os identificava com a sua agremiação, como fitinhas coloridas amarradas em volta do chapéu de palha, camisetas dos clubes, faixas e bandeiras. A partir de 1930, os torcedores começaram a se organizar, usando camisas uniformizadas e instrumentos musicais para incentivar a sua equipe. Essas pequenas bandas eram chamadas “charanga”, passaram a ser financiadas pelos clubes, propiciando a fundação da primeira torcida do Flamengo em 1942, a charanga rubro-negra (TOLEDO, 1996).

Segundo Teixeira (2006), na década de 1960 surgiram as Torcidas Jovens, [...] “a Torcida Jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento deste tipo a se constituir (6/12/1967), seguida pela Torcida Jovem do Botafogo (9/9/1969), pela Força Jovem do Vasco [...] (em 12/2/1970) e pela Young Flu do Fluminense (12/12/1970)” (TEIXEIRA, 2006, p. 2). Justamente nessa época o futebol passou a ser incentivado pelo governo e pela mídia, a torcida foi conquistando seu lugar, ao mesmo tempo em que o comportamento daqueles que a compunham modificou, e passaram a apresentar novos padrões estéticos, se consolidando como um elemento constituinte do espetáculo futebolístico.

Observamos esses padrões estéticos nas manifestações simbólicas das torcidas na nossa pesquisa de campo, - conforme as fotografias à frente - no uso dos bandeirões, sinalizadores, fumaça, instrumentos de percussão, faixas, camisas, mascotes, caixões da torcida rival, cantos, xingamentos, danças coreografadas, entre outros. Segundo Toledo (1996), esses elementos constituem um padrão próprio expresso nos comportamentos dos torcedores, como um elemento aglutinador, possibilitando ações solidárias e de identificação entre eles, o qual o autor definiu como um *padrão de sociabilidade*.

Expresso numa determinada maneira de torcer e participar no futebol profissional, incorporando novos símbolos, inaugurando performances, e na estética, comportamentos, regras, organização, constituindo um determinado estilo de vida no modo como usufruem e participam do futebol (TOLEDO, 1996, p. 122).



Fotografias 8 e 9 - Bandeirão

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 10 - Fumaça

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 11 - Bandeiras

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 12 - Sinalizador

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 13 - Instrumentos de Percussão

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 14 - Faixas

Fonte - Acervo próprio



Fotografia 15 - Mascote

Fonte - Acervo próprio

Embora as torcidas organizadas se expressem de forma mais evidente e recebem mais destaque por parte da mídia, o padrão de sociabilidade definido pelo autor também pode ser estendido para os outros torcedores não associados a estes grupos. Isto é, as manifestações simbólicas e rituais também fazem parte da vida dos torcedores uniformizados, e em certos casos, também dos espectadores do futebol¹³.

Diante desse contexto, compreendemos que, por um lado, o futebol ocupa uma posição significativa na sociedade brasileira, por outro, o ritual se apresenta como um elemento determinante nesse processo, pois, é através dele que as estruturas sociais e os status individuais são definidos no âmbito futebolístico. “Torcer é uma construção cultural, e baseia-se principalmente em nossas relações, em nossas experiências” (MORATO, 2005, p. 76).

Uma vez definido o time do coração, toda uma gama de elementos simbólicos passará a influenciar e a determinar diretamente a vida do torcedor. “O time escolhido é o marco de um ritual. Um ritual de passagem da figura de indivíduo para a de torcedor” (MORATO, 2005, p. 78). Segundo o autor, a partir desse ponto, os processos rituais percorridos pelo indivíduo definirão o status do torcedor dentro da organização social da torcida. Os trabalhos pesados, como fixar as faixas, carregar os instrumentos da percussão, são destinados aos novatos, conforme as fotografias à frente. Porém, ele vai subindo na escala de destaque no grupo, de acordo com os rituais que ele atravessa. Apreendemos a expressão dos processos rituais nas observações de Reis (2005). “Nos jogos observados em São Paulo, pude presenciar o roubo de camisetas e bandeiras da torcida adversária e a queima desses objetos” (REIS, 2005, p. 114).

¹³ Acerca da classificação tipológica do torcedor, Reis (1998), estabeleceu dois tipos, o *espectador* e o *torcedor*. “O espectador de futebol é todo indivíduo que assiste aos espetáculos esportivos, e o torcedor é o indivíduo que além de ser espectador com preferência por algum clube, é torcedor dele, e que manifesta essa predileção no decorrer dos jogos” (REIS, 1998, p. 6). A autora subdividiu os torcedores em *organizados e uniformizados*. “Torcedor uniformizado, como o próprio nome diz, é aquele que usa a camisa da equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol. O torcedor organizado é aquele que faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual ele torce” (REIS, 1998, p. 6). Ademais, segundo Toledo (1996), as Torcidas Organizadas também apresentam uma sistematização jurídica e hierárquica, [...] “possuem um organograma mais complexo estruturado em cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias” (TOLETO, 1996, p. 27).



Fotografias 16 a 19 - Colocação de faixas
Fonte - Acervo próprio

Ao cruzar os portões do estádio uma nova fase do processo ritual é acessada, a fase marginal. É nesse contexto que uma forma especial de relacionamento social ocorre, a *communitas*. Segundo Turner (2013), “A *communitas* é um relacionamento não estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares” (TURNER, 2013, p. 13). Porém, novos rituais “menores” ocorrem de forma relativa “dentro” de outros mais amplos. Isto é, a ocupação do estádio reflete diretamente o ritual, cujas demarcações espaciais são realizadas pelas faixas e pela fumaça com as cores de cada agremiação, entre estas áreas existe uma região neutra, de transição, simbolizando um espaço entre os dois mundos sagrados, [...] “uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome *margem*” (VAN GENNEP, 2013, p. 35). Registramos esse processo nas nossas observações de campo, conforme as fotografias à frente, assim como Morato (2005) descreve.

As torcidas têm seus lugares marcados e há separação entre os adversários, inclusive com portões de entrada distintos. Há um espaço ocupado somente pela polícia militar (PM), que separa os torcedores adversários e é estabelecido de acordo com a importância da partida. As torcidas organizadas ocupam sempre a mesma faixa da arquibancada, mas isso não é exclusividade delas. Os torcedores que não fazem parte de nenhuma organização de torcida também procuram sentar-se sempre nos mesmos lugares (MORATO, 2005, p. 85).



Fotografia 20 - Região neutra entre as torcidas
Fonte - Acervo próprio



Fotografia 21 - Demarcação espacial com fumaça
Fonte - Acervo próprio

Também nos momentos que antecedem as partidas de futebol estabelece-se um duelo entre as torcidas, - conforme as fotografias à frente - como um jogo estratégico de temas recorrentes, o qual, para além de uma agressão gratuita, é na verdade constituída a protagonização de uma trama ritual.

Antes das partidas, as torcidas entoam cantos e realizam uma espécie de jogo com a sua congênere rival. Percebe-se claramente o jogo simbólico das torcidas organizadas cantando e gritando, que é também respondido na forma de cantos e xingos pela torcida rival (REIS, 2006, p. 2).

As canções e xingamentos presentes em torno dos jogos de futebol constituem uma forma de diálogo entre os diferentes grupos de torcedores. Há o predomínio do uso disto pelos torcedores uniformizados e organizados, porém não são raras as vezes em que os outros espectadores se empolgam com as canções e os xingamentos e engrossam o coro (REIS, 2005, p. 113).



Fotografias 22 e 23 - Duelo ritual entre as torcidas
Fonte - Acervo próprio

A expressão cultural captada através representação simbólica encenada ritualisticamente nos estádio de futebol, nos possibilita ultrapassar os limites da aparência manifesta. “A condição de torcedor de futebol no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um ‘mar’ de significados de nossa própria cultura” (MORATO, 2005, p. 75). São reconhecimentos e identificações com os nomes, cores, mascotes, escudos e camisas, - popularmente chamada de segunda pele no meio futebolístico – são elementos fundamentais para a constituição da sua identidade. “Entender um pouco mais o ser humano que torce é entender o homem nacional” (*Ibid*, p. 101).

Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, conforme as fotografias à frente, assim como na entrevista, [...] “fica aquela coisa na flor da pele, então a gente transfere esse amor não só vestindo o manto sagrado que é a camisa do Goiás, ai eu busquei fazer a tatuagem” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).



Fotografias 24 e 25 - Manto Sagrado
Fonte - Acervo próprio

Segundo Vogel (1982), a matéria bruta para todo esse processo ocorrer é justamente o cotidiano, um metabolismo sociocultural e simbólico-ritual, capaz de recortar e expor em evidência os elementos constitutivos de si mesmo, tais como o orgulho e a submissão, o luto e a euforia, a esperança e a desilusão, a tristeza e a felicidade. Um processo que estabelece fronteiras entre esses elementos, os quais são atualizados e ressignificados permanentemente.

O futebol abre uma via real de acesso para a compreensão da imaginação social e da realidade sociológica brasileira. A partir dele se constroem representações ritualizadas de certas identidades sociais. A própria identidade nacional tem nesse esporte uma estratégia importante de definição e manipulação. As representações produzidas no ritual futebolístico têm, ainda, a virtude de expressar e condensar um

conjunto de regras que pode ser operado como uma verdadeira gramática das relações sociais em nosso país (VOGEL, 1982, p. 112).

Neste primeiro capítulo nós partimos da expressão mais explícita e imediata captada nas manifestações futebolísticas através das encenações simbólicas e ritualísticas. Os códigos e regras, símbolos e representações, constituídos através da cultura, são encenados no âmbito futebolístico de maneira singular através do processo ritual, o qual alcança significados inimagináveis no ideário do torcedor. Porém, a análise de todo esse contexto sócio-histórico-cultural não pode ser orientada por uma relação de causalidade, - como no caso do uso do futebol como instrumento ideológico, como “ópio do povo” – uma análise determinista que tende a perder elementos importantes para uma análise mais ampla e profunda.

Desta forma, compreendemos que a construção deste cenário conceitual, através dos temas estudados, se constitui em uma base sólida para o desenvolvimento do nosso trabalho. Para além da função e da posição fundamental ocupada pelo sistema simbólico, destacamos o processo civilizador, cujo movimento alterou o curso da história, modificando o comportamento individual e as estruturas das relações sociais, conduzindo-os lentamente para o âmbito privado. Os elementos determinantes desses processos são apreendidos no próprio movimento histórico, em que o desenvolvimento sociocultural da humanidade escreve ao longo das dimensões espaço-temporais.

CAPÍTULO 2

IDENTIDADE, CORPO E TATUAGEM

Iniciaremos este capítulo expondo acerca da identidade social, pelo fato desta apresentar os processos e as estruturas que possibilitam a classificação dos objetos e a produção dos estilos culturais. Estes elementos são apreendidos através do sistema simbólico, os quais se convertem em representações sociais que subsidiam a constituição da identidade do indivíduo. Objetivamos apreender a realização da tatuagem como uma manifestação cultural mediadora para a constituição da identidade na dimensão corporal, compreendendo os processos e os desdobramentos que envolvem este fenômeno, estabelecendo as fronteiras nesses através das diferenças, as quais são fundamentais para a própria formação da identidade.

2.1 - IDENTIDADE SOCIAL E PERTENÇA GRUPAL

O fato de nascermos em uma sociedade cujo desenvolvimento encontra-se em um nível relativamente avançado, pode nos conduzir para uma compreensão parcial da realidade, pois, a condição sociocultural conquistada pelo desenvolvimento histórico é, neste caso, aparentemente natural. Essa compreensão parcial, fragmentada, nos levaria a desconsiderar o alto grau de interdependência entre os indivíduos e a sociedade, assim como dos elementos constitutivos da estrutura social em que vivemos. O indivíduo isolado, fora das condições sociais, levaria uma vida cujo padrão seria o selvagem.

Nesse contexto, segundo Elias (1994, p. 43) “Os seres humanos criam um cosmo especial próprio dentro do cosmo natural, [...] eles compõem um *continuum* sócio-histórico em que cada pessoa cresce – como participante – a partir de determinado ponto”. Esse fato revela a necessidade básica do indivíduo de pertencer a um determinado grupo. Norbert Elias (1994, p. 146) se refere ao mundo primitivo para evidenciar que a pertença grupal é uma condição básica para a sobrevivência, pois, “Uma pessoa sozinha, uma pessoa sem grupo, não tinha grande chance de sobrevivência naquele mundo mais selvagem”.

Porém, segundo o autor, tal necessidade não se restringe apenas às questões mais elementares, - como as alimentares e as sexuais – compondo uma primeira camada, mas também a uma segunda camada, as “formas sublimadas de desejo”, as quais o indivíduo busca satisfação através da monopolização de bens e valores, da obtenção de propriedade, de uma posição social mais elevada ou de um sistema de segurança permanente.

[...] as tensões específicas entre grupos diferentes, geradoras de um impulso em direção a mudanças estruturais nesse *continuum* humano que o transformam numa continuidade *histórica*, têm duas camadas. Nelas, e até mesmo em sua gênese, embora em graus variáveis, sempre estão implicados os impulsos emocionais a curto prazo e os impulsos superegoicos a longo prazo. Essas tensões nunca emergiram sem forças propulsoras elementares como a fome; mas tampouco surgiram sem impulsos de prazo mais longo, como os que se expressam no desejo de propriedade ou mais propriedade (ELIAS, 1994, p. 43).

Segundo Elias (1994), essa forma humana constituída por duas camadas tornou-se possível, devido ao desenvolvimento sócio-histórico-cultural alcançado pela própria humanidade, através da produção, acumulação e transmissão cultural, pois, de outra forma, estaríamos no mesmo nível dos primórdios históricos. O desenvolvimento da ciência, - especialmente no século XVII com as contribuições de Descartes – foi um ponto específico e fundamental para que esta constituição em duas camadas se desenvolvesse, libertando o homem das limitações conceituais das autoridades políticas e eclesiásticas. Foi justamente esse o contexto da constituição histórica do indivíduo, um processo em que houve uma ascensão da autoconsciência para um nível mais elevado, pois, [...] “os homens têm condição de saber que sabem; são capazes de pensar sobre seu próprio pensamento e de se observar observando” (ELIAS, 1994, p. 89).

Conforme o autor, foi nesse período histórico que o movimento reticular social criou as condições apropriadas e necessárias, para que o processo de individualização ganhasse força, possibilitando o pensamento acerca da *identidade-eu* e da *identidade-nós*. De forma crescente, as diferenças entre as pessoas passaram a ter mais destaque em relação ao que elas tinham em comum. “É característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua *identidade-eu*, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua *identidade-nós*” (ELIAS, 1994, p. 130, grifos nosso). Percebemos esse movimento de maneira mais clara quando voltamos no tempo.

O Estado romano republicano da Antiguidade é exemplo clássico de um estágio de desenvolvimento em que o sentimento de pertencer à família, à tribo e ao Estado, ou seja, a *identidade-nós* de cada pessoa isolada, tinha muito mais peso do que hoje na balança *nós-eu*. Assim, a *identidade-nós* mal era separável da imagem que as classes formadoras da língua tinham da pessoa individual. A ideia de um indivíduo sem

grupo, de uma pessoa tal como seria se fosse despojada de toda a referência ao nós, tal como se afiguraria se a pessoa isolada fosse tão altamente valorizada que todas as relações-nós, como família, tribo ou Estado, fossem consideradas relativamente sem importância, essa ideia ainda estava em boa medida abaixo da linha do horizonte na práxis social do mundo antigo (ELIAS, 1994, p. 130).

Porém, segundo o autor, mesmo diante do avanço da individualização, da preponderância da identidade-eu em relação à identidade-nós, da “redução da permanência e a ampliação da permutabilidade” nos contextos familiar e profissional, da elevação dos níveis de repugnância e vergonha, do autocontrole mais intenso e da restrição da espontaneidade, [...] “essa conformação social das relações humanas não extinguiu a necessidade humana fundamental de um impulso de afeição e espontaneidade nos relacionamentos com os outros” (ELIAS, 1994, p. 167).

Apreendemos a expressão desse processo nas manifestações referentes ao universo futebolístico, a qual surgiu na resposta do torcedor durante a nossa pesquisa de campo. “O que me fez ser torcedor do Goiás mesmo de verdade, foi por causa da torcida, o que me emocionou, o que tocou lá no fundo da alma realmente, a arquibancada é a vibração que vem daqui [aponta para o coração]” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Diante desse contexto, a necessidade dos relacionamentos espontâneos e da afeição, pode ser satisfeita através da inserção do indivíduo nos grupos sociais. Sobre esse processo, Henri Tarjfel (1981) contribui de forma significativa com o nosso estudo, ao desenvolver o conceito de “identidade social”, o qual se refere justamente ao pertencimento grupal. Inicialmente o autor explica que o indivíduo tenderá a permanecer como membro de um grupo e a pertencer a novos, na medida em que esses grupos contribuam de forma positiva com a sua identidade social, cujos aspectos lhe proporcionem satisfação. Sinteticamente o autor define este conceito.

Identidade social será entendida, para fins desta discussão, como aquela *parcela* do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença (TARJFEL, 1981, p. 290).

Assim, segundo o autor, o significado emocional, os valores, as características do grupo, são elementos determinantes para o fortalecimento da pertença grupal. Desta forma, não é qualquer grupo que contém as condições básicas para proporcionar a pertença ao indivíduo, mas aqueles que contribuem de forma positiva com a constituição da sua identidade social, que lhe ofereça elementos para fundar e sustentar a sua identidade, aqueles grupos cujos aspectos podem colaborar para elevar a sua satisfação e autoestima.

Conforme Tarjfel (1981), a categorização social é um fenômeno fundamental para tornar possível todo esse processo, o qual pode ser compreendido como [...] “o processo através do qual se reúnem os objetos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (*Ibid*, p. 289-290). Isto é, a categorização social realiza a delimitação dos grupos, através da classificação das suas características e da marcação das diferenças existentes entre eles, por meio da comparação com os outros grupos.

Para o autor, é a categorização social que realiza a construção dos grupos sociais, através da determinação das suas características semelhantes e contrapostas. Porém, é a percepção da diferença na comparação com os outros grupos, que possibilita que as características do grupo de pertença alcancem um alto nível de significado para o indivíduo, agindo como uma base de referência para a sua adesão. Desta forma, a categorização social se converte em um sistema de orientação, para criar os espaços sociais e posicionar o indivíduo nesta organização (TARJFEL, 1981).

Desta forma, compreendemos que a categorização social é uma modalidade de estrutura social especial, a qual possibilita que se realize a distinção e a classificação das semelhanças e das diferenças dos objetos ou fenômenos sociais, criando os grupos e determinando as suas respectivas identidades sociais. O futebol é um desses fenômenos cuja identidade social contém grande potencial de reconhecimento identitário no Brasil. Podemos confirmar esse fato nas palavras de Arno Vogel (1982).

Vivemos num mundo marcado pelo futebol. Mais que isso - temos uma identidade social composta por uma seleção de papéis entre os quais o de torcedor ocupa um lugar de destaque. A importância dessa identidade aparece claramente quando levamos em conta o espaço que o futebol ocupa na sociedade brasileira. [...] O futebol tece uma intrincada rede de relações (VOGEL, 1982, p. 78).

Observamos a manifestação desse processo relativo à constituição da identidade social, pelo viés da categorização social na nossa pesquisa de campo, a qual aparece no próprio depoimento do torcedor do Vila Nova. “Falar da torcida do Goiás é fácil, eles não tem torcida né. É tudo frouxo eles né véi, não tem torcida, não tem nada. A torcida do Vila e do Goiás é diferente, eles é almofadinha, a torcida do Vila é povão, nós é mais favelado, é favela, eles é mocinha” (Entrevista nº 18, dia 21 de junho de 2016, Vila Nova x Criciúma).

Denise Jodelet (2014) acrescenta que a categorização social é um processo que torna as características grupais mais explícitas, facilitando o reconhecimento, a adesão e a consolidação da pertença grupal do indivíduo. Segundo a autora, a categorização social pode

ocorrer em dois sentidos. “Aquele da classificação em uma divisão social: colocamos as pessoas em uma categoria dada, [...] jovens e velhos, etc.; aquele da distribuição de uma característica a alguém, caso este que podemos relacionar com a estigmatização ou estereótipo” (JODELET, 2014, p. 62). É importante destacar que estes dois sentidos da categorização social se relacionam.

Conforme a autora, esse processo cria um variado repertório de identidades sociais, um contexto em que o indivíduo se empenha para construir uma imagem de si, buscando reconhecimento da sua identidade nos diferentes grupos sociais através da comparação. Porém, na medida em que as diferenças se tornam mais acentuadas, podem ocorrer consequências na percepção e no comportamento do indivíduo, surgindo a discriminação acerca dos grupos aos quais ele não pertence. Os próprios indivíduos reforçam esse processo ao se reconhecerem como pertencentes a uma determinada categoria constitutiva de um grupo social, pois, em situações de concorrência, eles favorecem os representantes do endogrupo em detrimento dos outros representantes pertencentes ao exogrupo.

A explicação desses vieses refere-se à força da necessidade do pertencimento social: o engajamento e a implicação emocional com relação ao grupo ao qual pertencemos conduzem a nele investir a sua própria identidade. A imagem que temos de nós próprios encontra-se assim ligada àquela que temos de nosso grupo, o que nos conduz a defendermos os valores dele (JODELET, 2014, p. 63).

Desta forma, o torcedor dedica a constituição da sua identidade ao seu grupo de pertença, representado neste caso pelo time de futebol, um processo em que a ligação entre o indivíduo e o grupo atinge níveis profundos, conforme podemos apreender nas entrevistas da pesquisa de campo. “O Goiás representa de onde eu vim, minha família, os valores que eu aprendi aqui em Goiás, é o time aqui da minha terra que eu vou defender até morrer” (Entrevista nº 08, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia). “É mais importante que tudo, família, trabalho, tudo, nota 10, 1000 né, 1000” (Entrevista nº 18, dia 21 de junho de 2016, Vila Nova x Criciúma). “É amor, hoje é mais importante que meu emprego” (Entrevista nº 14, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma). “O dia que eu fui casar eu falei pra mulher, vou casar com você, mas o Goiás é a minha vida” (Entrevista nº 15, dia 26 de julho de 2016, Goiás x Luverdense).

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2014), os grupos são inventados em torno de algo capaz de [...] “criar laços imaginários que permitam ‘ligar’ as pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum” (SILVA, 2014, p. 85). Neste sentido, o autor relata alguns elementos dotados

desta capacidade no âmbito nacional, ou seja, a língua, os símbolos como o hino, o brasão e a bandeira.

Ademais, conforme o autor, existem também os *mitos fundadores*, os quais remetem a algum acontecimento importante, um gesto, um ato heroico, um fato monumental, um momento decisivo, - não importando se ele é verdadeiro – para criar um registro capaz de ligar os sentimentos e os afetos dos indivíduos. Esse processo estabelece uma referência para garantir a fixação e a estabilidade na formação dos grupos sociais (SILVA, 2014).

Neste sentido, percebemos em certa medida, a realização deste processo no contexto nacional, com a conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção brasileira em 1970, o qual atribuiu ao nosso futebol o estatuto, o reconhecimento de melhor do mundo. Na nossa pesquisa, o torcedor se referiu a um certo ‘jogo histórico’, um marco para ele, que reforça e valoriza o seu vínculo com o time através da tatuagem da imagem do time e da torcida.

Em 2013, foi aquele ano que a gente tava pra cair pra 3ª divisão, jogo histórico contra o Guaratinguetá, e antes de acontecer esse jogo eu falei, vou fazer uma tatuagem do Atlético e da Dragões no momento ruim do Atlético, porque fazer no momento bom todo mundo faz. E fiz a tatuagem mesmo sabendo que o Atlético corria risco de cair e ser rebaixado pra série C. E graças a Deus isso não aconteceu e a tatuagem ficou com mais valor ainda (Entrevista nº 12, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Segundo Norbert Elias e John Scotson (2000), é essa ligação entre o grupo e o indivíduo que o conduz a defender os valores do coletivo, contribuindo para a definição mais precisa das fronteiras sociais, assim como para preservar o carisma, a pureza e a integridade grupal. Esse processo promove a disseminação de um padrão estereotipado do grupo, e todos os indivíduos que se encontrarem inseridos nele, são igualmente categorizados conforme tais valores e características. “Até os membros de menor ‘valor’ dos grupos carismáticos tendem a reivindicar para si, por identificação, características e valores atribuídos ao grupo inteiro” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 133).

Porém, conforme os autores, o indivíduo possuirá as características e os valores do grupo que ele participa, mas esse ganho tem um preço. A superioridade, o carisma, o poder, a força, o dinamismo, a popularidade, são elementos do grupo, os quais passam a integrar o conjunto de características dos indivíduos, cujo preço deve ser pago com a subordinação do seu comportamento aos padrões do grupo.

O orgulho por encarnar o carisma do grupo e a satisfação de pertencer a ele e de representar um grupo poderoso — e, segundo a equação afetiva do indivíduo, singularmente valioso e humanamente superior — estão funcionalmente ligados à

disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhes são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo. [...] A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação pessoal decorrente da submissão às normas grupais (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 26).

Nesse contexto, Tarjfel (1981) e Elias (1994) convergem para um mesmo ponto, aquele em que, por um lado, a identidade social contribui para a constituição da identidade do indivíduo, - o qual incorpora e defende os valores do coletivo - por outro lado, ele participa de forma significativa na constituição da identidade social do grupo de pertença que ele integra. Assim, de maneira interdependente, indivíduo e grupo constituem uma unidade, definem suas fronteiras e características, seus valores e regras, suas semelhanças e diferenças.

2.2 – A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Para desenvolvermos a nossa compreensão a respeito dos processos referentes à constituição da identidade, de forma mais específica, Silva (2014) parte da aparência mais imediata acerca deste conceito, ou seja, “A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’” (SILVA, 2014, p. 74). Porém, segundo o autor, por um lado, esta análise atribui ao conceito uma condição autônoma, autocontida e autossuficiente; por outro lado, a sua base de referência se restringe apenas as suas próprias características.

Seguindo essa linha de raciocínio, a diferença pode ser compreendida como aquilo que o outro é, ou seja, é a contraposição à identidade, [...] “‘ela é italiana’, ‘ela é branca’, ‘ela é homossexual’, ‘ela é velha’, ‘ela é mulher’” (SILVA, 2014, p. 74). A positividade que este raciocínio atribui para a análise, tende a esconder que eles são, na verdade, dependentes. “Por trás da afirmação ‘sou brasileiro’ deve-se ler: ‘não sou argentino’, ‘não sou chinês’, ‘não sou japonês’. [...] Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (*Ibid*, p. 75).

Diante deste contexto, Kathryn Woodward (2014) nos esclarece que a identidade é relacional, ou seja, ela depende daquilo que ela não é para poder existir, - ela é vinculada à outra identidade que se distingue dela – isto é, a diferença é marcada de forma relativa à outra identidade. A autora também nos alerta acerca do perigo de que, nesse processo sobre grupos

de pertença, consideremos que não exista nenhum traço de semelhança entre as identidades grupais.

Assim, compreendemos que a rivalidade entre os torcedores de futebol, é a expressão de elementos importantes para estabelecer uma referência acerca da constituição da identidade-nós, ou seja, das características específicas do grupo de pertença incorporadas pelo indivíduo. Em outras palavras, a rivalidade é a expressão do processo de diferenciação entre os grupos de torcedores, determinante da identidade grupal. Morato (2005) comenta a respeito deste processo, revelando a importância e o interesse pelo outro.

O rival é a outra metade da laranja, o outro lado da moeda. Ao mesmo tempo em que é negado, também é afirmado por lembranças ou declarações de desinteresse que, na verdade, refletem o mais puro interesse, pois é sempre comparado ao time do torcedor. Nos jogos, o rival é tão lembrado quanto o próprio time, através de músicas e frases rimadas, mesmo quando o jogo é contra uma terceira equipe (MORATO, 2005, p. 95).

Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, em que o torcedor do Goiás se refere ao rival Vila Nova como “aquele timinho lá do leste-universitário”, porém, o adversário se constitui em fonte de felicidade para o torcedor: [...] “a minha maior alegria é o Goiás, depois é eles, eles me trazem felicidade demais” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Nesse contexto, a determinação da diferença entre os grupos é realizada pela construção de um sistema simbólico, cuja codificação é atribuída aos objetos, a partir de uma rede de regras e convenções instituídas socialmente. Esse processo possibilita ao indivíduo a leitura interpretativa desses símbolos, assim como consolidar a classificação deles, conforme a sua própria base de referência nós-eles. O futebol é um fenômeno sócio-histórico-cultural em que as suas manifestações propiciam tal leitura em alto grau de significação simbólica, cuja marcação da diferença é realizada pelas cores, bandeiras, hinos, faixas, emblemas, cantos, mascotes, - uma grande diversidade simbólica. As palavras de Galeano (2004) dialogam com as nossas.

A camisa da seleção nacional transformou-se no mais indubitável símbolo de identidade coletiva, e não só nos países pobres ou pequenos que dependem do futebol para figurar no mapa. Quando a Inglaterra foi eliminada nas preliminares do Mundial de 94, o *Daily Mirror*, de Londres, abriu título na primeira página, em corpo catástrofe: *O FIM DO MUNDO* (GALEANO, 2004, p. 241).

Segundo Woodward (2014, p. 43), “Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias”. Neste sentido, antes ou após os jogos os torcedores concentram-se nos locais que vendem alimentos e bebidas, fora ou dentro do

estádio, como um ponto de encontro dos grupos para realizar um dos rituais mais antigos, o comensal¹. Esse ritual além do caráter de agregação e união, também produz um elemento constitutivo da identidade do torcedor de futebol, uma vez que as comidas são típicas daquele local, conforme as fotografias à frente. Ademais, a demarcação espacial também é determinada com rigor, funcionando como um local sagrado, reservado para o ritual comensal referente a cada grupo de torcedores específicos.



Fotografias 26 e 27 - Ritual comensal - dentro e fora do estádio

Fonte: Acervo próprio

Assim, a particularidade histórica, a especificidade espaço-temporal, é determinante para que certos elementos sejam constitutivos de uma cultura também específica. Nesse metabolismo social, segundo Woodward (2104), são construídas as categorias sociais que orientam os indivíduos, para a interpretação e a classificação do mundo objetivo e subjetivo. Nesse processo, as pessoas e as coisas ganham sentido, cuja marcação da diferença é o fator preponderante para a determinação das fronteiras identitárias. Realiza-se assim, a leitura simbólica e a classificação do objeto, com a finalidade de estabelecer ordem social. “A cultura na forma do ritual, do símbolo e da classificação, é central à produção do significado e da reprodução das relações sociais” (WOODWARD, 2014, p. 43).

Desta forma, segundo Silva (2014), a produção do significado ocorre a partir dos sistemas simbólicos, os quais são contextualizados pela representação social, cuja manifestação não é a simples expressão de um objeto ou fenômeno. A representação é um sistema de significação, é uma forma de atribuição de sentido para a nossa experiência, oferecendo suporte e sustentação para a constituição da identidade e a marcação da diferença.

¹ Conforme Arnold van Gennep (2013, p. 43) “A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto, é claramente um rito de agregação, de união propriamente material. [...] A união assim formada pode ser definitiva”.

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso” (SILVA, 2014, p. 91).

Portanto, o sistema de representação produz os significados culturais, os quais se convertem nas mediações para possibilitar as nossas experiências identitárias. Essa compreensão acerca da representação social se articula diretamente com o conceito de cultura que desenvolvemos baseados nos estudos de Geertz (2008), o qual aponta que os significados são construídos no metabolismo do desenvolvimento cultural, como um “conjunto de mecanismos de controle”, determinando o comportamento dos indivíduos.

Diante desse contexto, podemos realizar uma síntese em que, os significados produzidos nos sistemas de representação são impregnados no mundo objetivo e subjetivo, determinando as identidades. Woodward (2014) contribui com a nossa compreensão acerca desse processo.

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diversas expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos (WOODWARD, 2014, p. 31).

Assim, segundo a autora, a abrangência da representação social é ampliada por esses processos socioculturais, pois, ela constitui as identidades individuais, coletivas e os sistemas simbólicos, cujos significados construídos regulam a vida social. Isto é, os elementos que constituem a representação simbólica contêm certas características, as quais estão impregnadas no objeto, e são determinantes da especificidade daquela identidade, associada a certo tipo de pessoa. “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (*Ibid*, p. 17-18).

Esse processo pode ser apreendido no âmbito futebolístico de diversas formas, porém, revelam sempre a mesma condição, isto é, a regulação da vida social pelo sistema simbólico transferido para o objeto. Uma vez que o torcedor possui a tatuagem referente a uma certa equipe, comprovamos a expressão destas determinações sociais nas suas próprias palavras. “Lá em casa não tem escolha, ou você é atleticano ou você não é da família” (Entrevista nº 10, dia 18 de junho de 2016, Atlético x CRB). “Tem muita gente que

discrimina, que primeiramente já olha a tatuagem e já pensa que nois é bandido” (Entrevista nº 09, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia).

Já teve de a torcida do Goiás querer brigar comigo dentro do ônibus, já várias vezes, muitas, do Vila também. Acontece, quando você envolve com esse trem de torcida é muito difícil né, você evitar. Quando dá pra correr, você corre, se não der você apanha geralmente (Entrevista nº 14, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Conforme Elias (1994), todo esse processo não é uma escolha, mas uma determinação sócio-histórica. Nas sociedades mais desenvolvidas, em que certos elementos como a individualização, a competição e o autocontrole se acirram de forma crescente, o atendimento a estas demandas é imputado ao indivíduo. Esse processo o conduz a demarcar as suas qualidades, atributos e competências, - a sua identidade – criando uma nova necessidade, aquela em que o indivíduo deve se distinguir dos outros, realizando a demarcação da diferença capaz de lhe proporcionar orgulho e respeito no meio social. Assim, estes elementos passam a constituir a estrutura do ser, a identidade do indivíduo.

Esse desejo de se destacar dos outros, de se sustentar nos próprios pés e de buscar a realização de uma batalha pessoal em suas próprias qualidades, aptidões, propriedades ou realizações, por certo é um componente fundamental da pessoa individualmente considerada. Trata-se de algo sem o qual ela perderia, a seus próprios olhos, sua identidade de indivíduo [...] quer aprovelem ou não (ELIAS, 1994, p. 118).

2.3 – O CORPO: CAMPO DAS EXPRESSÕES SOCIOCULTURAIS

Podemos apreender a constituição da identidade do indivíduo pelo estabelecimento das diferenças, através da exigência social de demarcação das qualidades e aptidões, características e realizações individuais. A expressão mais imediata e explícita dessas manifestações de identidade - individual ou social - podem ser captadas no corpo, o qual é o elemento material, a substância mediadora pela qual o ser humano se relaciona socialmente.

Segundo David Le Breton (2007), não há como compreender o corpo e a identidade como elementos distintos, o lugar e o tempo da identidade se expressam pelo corpo. O corpo não é um atributo da pessoa, um acessório, pois, desta forma, a constituição do ser humano seria conforme um paradigma dualista, de um lado o homem, e de outro o corpo, o objeto. Essa compreensão é fundamental para a formação de uma consciência corporal

integral, absoluta, plena, evitando a fragmentação da identidade humana (LE BRETON, 2007).

Para o autor, é um desafio para os pesquisadores compreender a corporeidade²², a sua estrutura simbólica, as representações e os limites, pois, estes abrangem campos e possibilidades infinitamente variáveis. Isso ocorre pelo fato do corpo ser moldado pelo contexto social e cultural, cuja teia simbólica é produtora de significados e valores específicos para cada grupo, influenciando diretamente o contexto corporal nos hábitos, gestos, rituais e cerimônias.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2007, p. 7).

Neste sentido, segundo Jocimar Daólio (1995), o corpo é uma sede de signos sociais, é a expressão da cultura, a qual começa a ser escrita de forma contínua no corpo das crianças, a partir dos primeiros momentos da sua vida. Assim, gradativamente o indivíduo vai incorporando os valores, normas e costumes sociais; da mesma forma que acrescenta uma palavra nova ao seu vocabulário. Isto é, “O que define o corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade” (DAÓLIO, 1995, p. 41).

Desta forma, compreendemos o corpo como um veículo imerso em um sistema simbólico, ao mesmo tempo em que ele cria, também incorpora os significados produzidos culturalmente; um processo que remete à relação entre os indivíduos e a sociedade. O corpo é revelado como uma complexa estrutura de representação simbólica, uma dimensão humana que perpassa todas as sociedades, considerando a diversidade histórica espaço-temporal.

Segundo Le Breton (2007), o corpo é o vetor semântico, sobre o qual reside a mediação para que os fenômenos sociais e culturais ocorram, cujas relações que envolvem a vida cotidiana, são encarregadas de atribuir significações exatas ao mundo. Ou seja, “No

²² Utilizamos o termo corporeidade respeitando a terminologia utilizada pelo próprio autor, David Le Breton, assim como pelo fato deste termo ser adequado para o desenvolvimento do nosso tema neste ponto específico, em que a cultura e os significados sociais são fundamentais, assim compreendemos a [...] “corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (LE BRETON, 2007, p. 7). Ademais, esclarecemos que utilizaremos o termo corporalidade no terceiro capítulo, o qual se difere epistemologicamente de corporeidade.

fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico” (LE BRETON, 2007, p. 31).

Neste sentido, o torcedor de futebol expressa no corpo o seu sentimento, o amor, mediado pela representação simbólica realizada através da tatuagem relativa ao tema. “Algo que com certeza vai demonstrar o amor que eu tenho pelo clube. Tá na pele né, significa que tá na pele, não é uma camisa, é a foto a tatuagem na pele mesmo” (Entrevista nº 15, dia 26 de julho de 2016, Goiás x Luverdense).

Conforme Le Breton (2007), quanto mais voltamos no tempo, mais forte se torna a dimensão gregária humana, na mesma medida em que o sistema simbólico se torna mais relevante para as sociedades tradicionais. Nesse contexto, nos rituais de passagem, expressos por cerimônias impregnadas de simbolismo, percebemos o desejo do indivíduo em anular a sua diferença em relação ao seu grupo de pertença, através das marcas corporais³.

Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais e comunitárias, o “corpo” é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. [...] onde a existência de cada um flui na presteza ao grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como elemento de individuação, como categoria mental que permite pensar culturalmente a diferença de um ator para outro, porque ninguém se distingue do grupo, cada um representando somente a singularidade na unidade diferencial do grupo (LE BRETON, 2007, p. 30-31).

Porém, localizamos no período entre os séculos XIV e XVIII, elementos significativos que colaboram para compreendermos o processo de ruptura com a concepção integral de corpo⁴. Elias (1994) nos esclareceu acerca das modificações ocorridas na estrutura da sociedade nessa época, as quais alteraram o comportamento humano, elevando o nível do autocontrole através dos sentimentos de vergonha e repugnância, e nos conduzindo para uma crescente individualização.

Segundo o autor, essas modificações estruturais da sociedade, foram possibilitadas pelo movimento reticular, o qual criou tensões específicas, produzindo um

³ “O dia de furar, pintar ou tatuar o corpo marca os momentos importantes da vida: o nascimento, a adolescência, a festa, a guerra e o luto. Ao nascer, as crianças Kayapó têm suas orelhas furadas e enfeitadas com tocos vermelhos de madeira. [...] Nativos havaianos tatuam a língua em sinal de luto. É uma maneira de impor um silêncio temporário, até que a ferida se cure. A marca da perda, no entanto, fica para sempre” (ARAÚJO, 2005, p. 21-22).

⁴ Embora a concepção de ruptura entre o corpo e a alma remete à era platônica, ela se fundamenta de forma decisiva, na materialidade, neste momento histórico entre os séculos XIV e XVIII. Segundo Fabio Zoboli (2012, p. 36), “Para Platão, o homem era dividido em corpo e alma. No diálogo Fédon, Platão afirma que a alma tem como função comandar o corpo e o corpo tem como função a obediência à alma. Essas duas realidades – alma e corpo – propostas por Platão têm suas características particulares”.

cenário capaz de romper com o modelo social anterior. Esse rompimento foi relativo ao controle exercido pelas instituições políticas e eclesiásticas, constituindo um momento de quebra dos valores medievais (ELIAS, 1994).

Para Le Breton (2007), esse processo pode ser apreendido na realização das primeiras dissecações corporais dessa época, pelo desenvolvimento da ciência no campo anatomofisiológico, cujo discurso pregava a libertação do corpo através da sua dessacralização. Esse desenvolvimento colaborou para constituição do dualismo, colocando de um lado o homem, e de outro o seu corpo, convertendo-o em objeto. Nesta fase histórica, de maneira mais acentuada durante o século XVI, [...] “Uma nova sensibilidade individualista nascente foi necessária para que o corpo fosse visto como algo separado do mundo que o acolhe e dá significação e separado também do homem ao qual dá forma” (LE BRETON, 2007, p. 27).

Todo esse desenvolvimento sócio-histórico-cultural é fundamental para compreendermos o processo de ruptura da unidade homem-corpo. Le Breton (2007) nos revela que esse rompimento alcança três dimensões, primeiramente o homem encontra-se separado da natureza, do cosmo, pois, [...] “não é mais o macrocosmo que explica a carne, mas uma anatomia e uma fisiologia que só existe no corpo”. O indivíduo se separa também dos outros na [...] “passagem da sociedade de tipo comunitária para a sociedade de tipo individualista onde o corpo encontra-se na fronteira da pessoa”. Por fim, compreende-se ele separado de si mesmo, uma vez que, [...] “o corpo é entendido como diferente do homem” (*Ibid*, p. 27).

Desta forma, para o autor, sem que se tenha consciência, a concepção dualista adquire sustentação, o corpo é percebido como um objeto distinto, cuja circunstância coloca o indivíduo e o corpo em posições opostas. Uma condição que possibilita a percepção e a existência do corpo separado do indivíduo, como um outro ser, um *alter ego* (LE BRETON, 2007).

Na nossa pesquisa de campo o torcedor se referiu a este processo de ruptura de maneira direta, associando o outro ser, o *alter ego*, ao seu clube do coração. “Eu não consigo separar o Goiás da minha vida, então como eu poderia falar, o Goiás é meu *alter ego*. Eu me misturo entre o Goiás, tem hora que eu não sei se sou eu ou se eu sou o Goiás, chega a ser o meu *alter ego*” (Entrevista nº 16, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Nesse contexto em que o corpo passa a ser um *alter ego*, o autor desenvolve essa compreensão para a constituição do *corpo parceiro*. Diante da condição de isolamento estrutural, construída pelo declínio dos valores coletivos e pela crescente individualização, o indivíduo descobre através da mediação do seu próprio corpo, uma possibilidade de estabelecer contato e sociabilidade. Isso é possível devido à ruptura ocorrida na unidade homem-corpo, cuja dissociação coloca o corpo na condição de objeto, - em uma relação ao mesmo tempo materna e narcisista - o homem passa a alimentá-lo, a constituir o seu *corpo parceiro* (LE BRETON, 2013).

Segundo o autor, uma das referências para a construção do corpo é a aparência. A apresentação física extrapola a simples materialidade ao ser classificada conforme um sistema implícito de código moral. A apreciação realizada pelo olhar do outro coloca a aparência na “tabela do preconceito”, a qual se fundamenta nas categorias sociais, fixando estereótipos e estigmas, conforme os detalhes da roupa, da forma do corpo ou do rosto. Assim, o julgamento do olhar se torna a última instância das relações sociais. “Na modernidade, a única consistência do outro é muitas vezes a de seu olhar, o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais comedidas” (*Ibid*, p. 53).

Nesse contexto em que a aparência física, corporal, se tornou subordinada à percepção e ao julgamento do outro, conforme o autor, o indivíduo não hesita em investir na valorização da sua aparência, através do consumo de práticas esportivas, roupas, cosméticos, uma “constelação de produtos”. Um processo social fundado na sedução do olhar do outro sobre o corpo-objeto, o qual, sob constante preocupação, é modelado como um “cartão de visitas vivo” (LE BRETON, 2007).

Para realizar essas determinações, além de romper com a unidade homem-corpo, - convertendo o segundo em objeto manipulável – o nível de ruptura é elevado para o esquartejamento do próprio corpo-objeto, um fenômeno que reflete a fragmentação constituinte desta sociedade. Neste sentido, segundo Le Breton (2013), o *body builder* modela cada um dos seus músculos individualmente, esculpindo-os como se estivessem fora do corpo, finalizando o processo com a utilização de esteroides e de dieta específica⁵.

⁵ Citamos algumas questões desenvolvidas por Le Breton (2013) acerca do corpo-objeto e a sua fragmentação, relevados pela “Manufatura de crianças” **1 - Útero de aluguel:** “O corpo de outra mulher é o acessório necessário à gestação [...] oferece ao casal ansioso por ter filhos a parte mais íntima de si, [...] após a ‘entrega’ da criança. Elas são conduzidas a um processo de luto marcado pela culpa. Algumas se recusam entregar a criança e atraem sobre si a fúria da Justiça por ruptura de contrato. [...] A criança não passa de um feixe de genes que estruturam sua identidade futura” (*Ibid*, p. 82). **2 – O controle genético:** “40% dos americanos questionados enunciam sua vontade, caso as circunstâncias sejam favoráveis, de recorrer à engenharia genética para

Porém, Siegfried Kracauer (*apud* BAUMAN, 2008) apreendeu esse processo desde a virada do século XIX, uma época em que houve uma manifestação de interesse pelo investimento na aparência corporal. Na década de 1920, uma fase em que o consumismo ainda não havia atingido os níveis exorbitantes atuais, o autor percebeu que esse movimento já caminhava para residir no campo das necessidades, pois, não era “sempre um luxo”.

A corrida aos inúmeros salões de beleza nasce, em parte, de preocupações existenciais e o uso de cosméticos nem sempre é um luxo. Por medo de caírem em desuso como obsoletos, senhoras e cavalheiros tingem o cabelo, enquanto quarentões praticam esportes para se manterem esguios. “Como posso ficar bela?”, indaga o título de um folheto recém-lançado no mercado; os anúncios de jornal dizem que ele apresenta maneiras de “permanecer jovem e bonita agora e para sempre” (KRACAUER *apud* BAUMAN, 2008, p. 13-14).

Isso não ocorreu por acaso, encontramos alguns elementos significativos no movimento histórico dessa época que contribuem para compreendermos esse processo. Segundo Maria Severiano (2007), a revolução industrial constituiu uma base estrutural fundamental para o desenvolvimento da economia de mercado alicerçada no crescente consumo, bem como para o surgimento e a consolidação do trabalho no formato assalariado.

Outro elemento importante nesse contexto foi o surgimento dos meios de comunicação de massa, como os folhetins e jornais, e mais tarde o rádio e a televisão. Um processo em que todo objeto com potencial comercial pode ser convertido em mercadoria, adquirindo adesão do público consumidor através da disseminação do ideário capitalista pelos instrumentos midiáticos. Os produtos são apresentados pelo viés ideológico, utilizando o convencimento pela massificação das informações, prometendo uma falsa completude, de modo a incentivar o consumo⁶ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Nesse contexto, a imagem de um corpo ideal passou a ser associada à concepção de felicidade, utilizando mecanismos psíquicos para manter a relação desejo-consumo no ciclo reprodutivo; um jogo entre a excitação e a repressão que protela a realização do sujeito indefinidamente. “Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o dorso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da

‘melhorar’ as características físicas ou intelectuais de seus filhos” (*Ibid*, p. 127). **3 – A invenção do embrião:** “Gametas e embriões, desvinculados dos indivíduos e transformados em satélites do corpo, tornam-se disponíveis para as investigações mais perturbadoras. [...] O amontoado de células humaniza-se e provoca um dilema de consciência. Destruí-los ou abandoná-los, provoca então o sentimento de uma espécie de traição contra essas ‘crianças’ adormecidas” (*Ibid*, p. 84-86). **4 - A criança entra na era da reprodutibilidade industrial:** “Para uma certa racionalidade médica, a criança é apenas o cruzamento deliberado de gametas e não a conjunção de um homem e de uma mulher” (*Ibid*, p. 98-99).

⁶ Nesse contexto, os autores desenvolvem o tema bastante amplo referente à Indústria Cultural, porém, apresentaremos somente os elementos mais básicos que contribuem com o desenvolvimento do nosso trabalho.

renúncia a muito mutilou e reduziu ao masoquismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 131).

O corpo-objeto não poderia ficar fora desse processo. Segundo Tadeu Baptista (2013), a imagem de um corpo modelado com as características estéticas segundo o ideário mercantil passou a ser disseminada pela mídia, consolidando um conjunto de fatores que habita o senso comum. Desta forma, segundo o autor, além do corpo ser o lócus da força de trabalho a ser vendida, também é necessário empregar mais força de trabalho para modelá-lo com esses elementos estéticos determinados socialmente, aumentando o seu valor na sociedade mercantil.

[...] o corpo dentro deste processo repete a produção das mercadorias produzidas e circuladas diariamente, podendo, assim como qualquer uma delas, aumentar o seu valor pela maior assimilação de trabalho humano, mas *mantendo-se como fetiche*, afinal, o corpo e a vida humana não têm preço (BAPTISTA, 2013, p. 221, grifo nosso).

Assim, o indivíduo investe na sua aparência, no corpo que será exposto na vitrine do mundo social, uma vez que na sociedade mercantil a ênfase é na imagem, ou seja, a forma suplanta o conteúdo. Diante deste contexto, o indivíduo é orientado a construir um corpo-objeto conforme o padrão estético sedimentado no senso comum, obedecendo esta lógica, ele poderá agregar valor a si, convertendo os elementos materiais constitutivos do seu corpo, em valor social, pois, esse processo lhe renderá reconhecimento e sentimento de existência perante o olhar do outro.

Segundo Zygmunt Bauman (2008), nos indivíduos, para além de estarem adequadamente nutridos e saudáveis, os elementos estéticos corporais se tornaram pré-requisitos para eles possuírem outras características favoráveis e agregar valor a si, tais como o autocontrole e a disciplina. Isto é, somente os indivíduos dotados do padrão estético modelo, determinado socialmente, é que são dignos para receber o voto de confiança da sociedade, pois, somente estes são capazes de desenvolver o autocontrole e a disciplina. Desta forma, o indivíduo é *promotor e mercadoria* ao mesmo tempo, pois, as pessoas:

[...] são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma *mercadoria* atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que tem à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas. [...] São, ao mesmo tempo, promotores *das mercadorias e as mercadorias que promovem*. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores. [...] O teste que precisam passar para obter os prêmios sociais que ambicionam exige que *remodelem a si mesmos como mercadorias*, ou seja, como produtos que são capazes de obter atenção e atrair demanda e fregueses (BAUMAN, 2008, p. 13).

O fato de todo esse processo ocorrer no âmbito da aparência corporal, nos revela que a imagem é um elemento estruturante dessas relações; assim como na modernidade, o olhar assumiu a preponderância em relação aos outros sentidos humanos. Destarte, observamos novamente o movimento histórico para compreender alguns processos pertinentes ao nosso objeto, os quais são constituídos na relação entre o olhar e a imagem, o ver e o ser visto.

Elias (1994) nos esclarece que um dos elementos que contribuíram para o destaque do olhar e da imagem, reside no processo civilizador ocorrido a partir do século XIV, o qual imputou ao indivíduo um autocontrole mais severo, refletindo diretamente no corpo. “Com a crescente supressão dos movimentos corporais, aumenta a importância do ver: ‘Você pode olhar, mas não mexa nisso’, ‘Bela figura’, ‘Não chegue muito perto, por favor’” (ELIAS, 1994, p. 100).

Assim, Claudine Haroche (2008) nos elucida que olhar assumiu a condição de principal mediador nas relações pessoais. Na idade média a visão ocupava a terceira posição, uma vez que a audição e o tato eram predominantes, e ainda, de forma acentuada. Este quadro se inverteu e a visão passou a ser o sentido sensorial dominante na modernidade. Porém, essa mudança provocou alterações profundas nos modos de subjetivação e nas personalidades. O sentimento de existência passou a ser então, dependente do olhar do outro, caso contrário poderia causar sensação de abandono, inexistência. Para ser sujeito, ser visto se tornou imprescindível, um processo que sustenta outros sentimentos derivados do olhar, como integridade, autoestima e dignidade, que são, por sua vez, os fundamentos do sentimento de existência (HAROCHE, 2008).

Apreendemos esse processo na nossa pesquisa de campo, ao percebermos o desejo do torcedor em publicar a imagem da sua tatuagem nas redes sociais, - como a primeira sensação após a execução do desenho - e pela elevação do reconhecimento atribuído ao torcedor devido à realização da tatuagem. “Dentro da torcida mudou, todo mundo me conhece já. Já sabe que eu sou o loirinho, que tenho tatuagem, dragões zona norte, tal, mudou bastante” (Entrevista nº 07, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis). “Foi a primeira sensação, vou tirar uma foto e vou colocar no Orkut” (Entrevista nº 13, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Segundo Joel Birman (2013, p. 48-49), “Na verdade, a condição do ver e do ser visto foi transformada em um verdadeiro critério *ontológico* para a existência do sujeito contemporâneo”, o qual era fundado no reconhecimento simbólico, através das obras e ações,

produzidas e realizadas pelo indivíduo nos campos objetivo e subjetivo, alterando para uma certeza de existir alicerçada na visibilidade. Um deslocamento do reconhecimento, do registro teórico do discurso para o da visibilidade, da imagem. Antes, mesmo a imagem era subalterna ao discurso, hoje ela é soberana (BIRMAN, 2013).

Nesse contexto, a imagem, estimulada pelo desenvolvimento tecnológico, se integra à aceleração do movimento no fluxo sensorial e informacional contínuo, cuja fluidez crescente induz a uma agitação permanente, a qual desestabiliza as relações duradouras. Esse processo atende ao apelo do capitalismo que desenraiza as tradições culturais e coloca em movimento o que é estável, apoiado de forma fundamental pelo desenvolvimento tecnológico mediado pela onipresença das telas midiáticas (HAROCHE, 2008).

Segundo Haroche (2015), já no século XIX, Marx e Engels denunciavam os primeiros vestígios relativos a este processo, uma movimentação constante que incidiria diretamente sobre as maneiras de ver e sentir na contemporaneidade, alterando a forma de percepção do indivíduo, alcançando a totalidade social. Um processo que colabora para a implantação do imediatismo e do isolamento, assim perde-se o calor do contato e do olhar detido, pois, de maneira acelerada, o olhar não avança além do visível e do superficial, se mantendo nas dimensões alienantes e reificadoras.

As maneiras de ser e de sentir, os modelos de comportamento e de sentimento se modificaram em sua relação com o tempo sob o efeito da aceleração, e em sua relação com o espaço sob o efeito da globalização, da diluição das fronteiras entre o mundo real e os mundos virtuais. Nas sociedades contemporâneas de mercado, as tecnologias de informação, por reforçarem e contribuírem para um ritmo acelerado, levaram a uma *superficialidade* das interações, nos vínculos e nas trocas - uma superficialidade não só ligada à falta de tempo e à visibilidade permanente, como também alienante, humilhante, pois priva o indivíduo de consciência e o leva a um contínuo desnudamento de si mesmo (HAROCHE, 2008, p. 180).

Assim, o indivíduo vê e é visto de forma rápida e intensa, porém, essa forma característica moderna de contato não comporta que as dimensões subjetivas sejam expostas. Conforme Nicole Aubert (2013), o invisível, a essência, tende a esmaecer e a deixar de ter importância em relação às dimensões visíveis, as aparências. É a preponderância da aparência sobre a essência: [...] “a imagem é a coisa, chega a ser até mais que a coisa: o que sou é absorvido pelo que pareço” (*Ibid*, p. 121).

Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, no ponto em que o torcedor se refere à tatuagem como um elemento que eleva o seu *status*, tornando-o mais aparente diante da torcida: [...] “ela me torna um estágio mais elevado de torcedor, no sentido de paixão, talvez a minha paixão é mais declarada, ela é mais explícita,

ela explicita mais a minha paixão. Ela só não me deixa mais diferente, ela me deixa assim, mais aparente” (Entrevista nº 16, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Nesse sentido, Christoph Wulf (2013) acrescenta que atualmente a imagem ocupa uma posição central para compreendermos a sociedade moderna, pois, através da sua disseminação pelos meios de comunicação de massa, elas penetraram em todos os âmbitos da vida humana. Portanto, ela tem recebido uma atenção especial, sobretudo nos estudos culturais, pelo fato das suas informações não poderem ser transmitidas pelas palavras, não há substituto para os valores inerentes a ela mesma. Esse processo se refere à “virada pictórica”, um fenômeno que tem sido debatido no campo das ciências, acerca do novo significado das imagens na cultura moderna (WULF, 2013).

O autor nos esclarece que os objetos são assimilados como uma impressão das imagens e armazenadas no imaginário, transformando o mundo externo em imagens, possibilitando o acesso ao universo cultural através da atribuição de sentido à memória. Um dos temas centrais dessa construção cultural é o corpo humano, pois, a sua imagem é a representação dos próprios seres humanos, um processo que torna possível a autopercepção e a autoconcepção, uma vez que envolve situações significativas de suas vidas (WULF, 2013).

Porém, esse processo se complexifica pelo fato dele se desenvolver em três níveis. Segundo o autor, de forma direta, vemos a imagem como ela mesma, em seguida estabelecemos nexos com os objetos que ela representa, e por fim, elas se referem a algo que se relaciona com a sua própria representação, algo que está fora delas mesmas e daquilo que elas representam, mas que contribui para constituir o seu sentido. Esse processo não envolve apenas os objetos materiais, mas também as atividades, as relações sociais, a vida humana (WULF, 2013).

Assim, compreendemos que o corpo é constituído, e, ao mesmo tempo é a expressão imagética do desenvolvimento sócio-histórico-cultural, em que os múltiplos fatores são ressignificados de forma interdependente nessa teia simbólica. Desta forma, para Wulf (2013), o patrimônio cultural é constituído pelo idioma, pelas expressões e tradições orais, pelos rituais e práticas sociais, pelas artes e artesanatos, sendo que [...] “o corpo humano é o *médium* do patrimônio cultural intangível” (*Ibid*, p. 157). Isto é, o corpo é o veículo central nos rituais, gestos e performances, no processo de produção, acumulação e transmissão da cultura.

Quando falamos do corpo humano nesse contexto, o que entendemos é um conceito de corpo como algo que está gravado em uma sociedade e cultura determinadas, que tem sido modelado por estes processos, e ao mesmo tempo é capaz de criar outros processos sociais e culturais (WULF, 2013, p. 158).

Neste mesmo sentido, compreendemos o corpo nas palavras de Le Breton (2007) como um vetor semântico, o pivô da presença humana, o corpo é o mediador das relações sociais permeadas por símbolos e significações. Assim, a assimilação dos comportamentos, das expressões corporais, a modelação anatomofisiológica e a modulação social dependem do círculo social e da totalidade dos elementos que compõem o seu meio, nos âmbitos natural e cultural, e, portanto, histórico.

Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação (LE BRETON, 2007, p. 9).

Diante de todo esse contexto, compreendemos que o corpo intercepta e é interceptado pelas diversas dimensões socioculturais, revelando algumas contradições constitutivas desta sociedade. Por um lado, ele é uma unidade integral, possibilita a ligação ao cosmos, é a expressão da cultura, lugar dos símbolos, gestos e performances, é o tempo e o local da identidade, da força-de-trabalho realizadora, expressão da completude, ele é mediação, por outro lado, o corpo é fim, é um *alter ego*, um parceiro, uma mercadoria na esteira fabril da ilusão, um objeto fragmentado, uma mera substância, é frágil e sedento por acabamento, ele é a sede da clausura, do isolamento e da individualização. Desta forma, estes elementos contraditórios revelam a condição efêmera constitutiva do corpo na atualidade, cuja aparência suplanta a essência, tornando-se a base estrutural desta sociedade.

2.4 – TATUAGEM: PROCESSO HISTÓRICO E MEDIAÇÃO IDENTITÁRIA

A partir da compreensão alcançada neste breve estudo acerca da constituição, dos processos e dos desdobramentos da dimensão corporal, voltaremos nossa atenção agora para as modificações corporais referentes à tatuagem, ocorridas no movimento histórico. Para tal, objetivamos apreender o desenvolvimento sociocultural ocorrido neste âmbito, realizando uma volta ao passado, para compreendermos o presente de maneira contextualizada.

Segundo Toni Marques (1997), os primeiros registros arqueológicos referentes às modificações corporais, datam de 700 mil anos a.C., em que eram utilizados pigmentos naturais para realizar desenhos nos corpos dos indivíduos mortos⁷. Conforme os estudos do autor, uma possível origem das marcas corporais propositais refere-se à representação incorporada pela cicatriz adquirida nas batalhas, como símbolo de coragem e bravura dos guerreiros e caçadores. No âmbito feminino as marcas corporais se restringiam às razões estéticas (MARQUES, 1997).

Conforme Leusa Araujo (2005), esse processo relativo às marcas corporais se desenvolveu e passou a representar os grupos étnicos e a pertença grupal, fato que pode ser apreendido na sociedade totêmica. “O corpo de um guerreiro dos Citas que viveu há 2500 anos foi encontrado, em 1948, onde hoje é a Sibéria. Trazia peixes, ovelhas e carneiros tatuados nos braços, nas costas, no peito e na parte inferior das pernas” (ARAUJO, 2005, p. 14).

Nesse contexto, existem várias técnicas que se referem às modificações corporais⁸, o *piercing*, o *stretching*, a escarificação, o *cutting*, o *branding*, o *burning*, o *plinging*, o implante e entre elas, a tatuagem [...] “é um sinal visível inscrito na própria pele graças à injeção de uma matéria colorida na derme” (LE BRETON, 2013, p. 34).

A origem da tatuagem é um tema que fomenta o debate acadêmico, por um lado, alguns defendem que ela possui uma raiz única, por outro, ela teria sido inventada múltiplas vezes. Concordamos com a perspectiva apresentada por Marques (1997), em que ela surgiu em diferentes locais e períodos, com vários propósitos, pois, dentre os continentes do planeta, foram desenvolvidas diversas técnicas e estilos.

Segundo Le Breton (2004), apreendemos no movimento histórico a utilização das marcas corporais com vários objetivos, para marcar os escravos, os criminosos, os fugitivos e os traidores, no âmbito religioso para estabelecer um sinal de reconhecimento, para demarcar nacionalidade, afiliação, entre outras. Nas sociedades tradicionais, as tatuagens reproduzem os rituais ancestrais, indicam o status, o clã, a faixa etária e a linhagem do indivíduo.

⁷ Prova física surgiu somente em 1991: “O corpo do chamado Homem de Gelo é a prova mais antiga. Um corpo congelado foi encontrado por turistas em solo italiano, na fronteira com a Áustria, em 1991, e as medições arqueológicas indicam que data de 5.300 a.C.” (MARQUES, 1997, p. 16).

⁸ O *piercing* é um furo na pele para colocar um objeto de metal, o *stretching* é o alargamento do *piercing*, a escarificação são cicatrizes talhadas, o *cutting* são cicatrizes escalpeladas, o *branding* são cicatrizes em relevo feitas com ferro em brasa ou laser, o *burning* é a impressão de uma queimadura realçada com tinta, o *plinging* é a retirada da pele e o implante é a incrustação de formas em relevo sob a pele (LE BRETON, 2004).

Em numerosas sociedades humanas as marcas corporais estão associadas a ritos de passagem em diferentes momentos da existência ou então estão ligadas a significados precisos no seio da comunidade. A tatuagem tem assim um valor de identificação, mostra mesmo no cerne da carne a pertença de um sujeito a um grupo, a um sistema social, revela afinidades religiosas, estabelece uma ligação ao cosmos (LE BRETON, 2004, p. 173).

Neste sentido, conforme Le Breton (2007), o corpo é o *médium*, o *vetor semântico* que carrega as marcas da natureza e da sociedade tradicional determinadas nos rituais de passagem, expressando o pertencimento grupal do indivíduo através da tatuagem, das modificações corporais, as quais são impregnadas de representação simbólica específicas daquele grupo social. Os elementos simbólicos vão sendo incorporados ao indivíduo ao longo da sua trajetória dentro das tradições da tribo, determinando a sua posição. Araújo (2005) descreve brevemente esse processo.

Faz parte do ritual de passagem da infância para a adolescência de um Karajá tatuar o rosto com dois círculos – *omaruma* – feitos da mistura da tinta do jenipapo com a fuligem do carvão. O processo é doloroso, pois o instrumento para picar a pele é um dente de peixe-cavalo (ARAÚJO, 2005, p. 22).

Segundo Le Breton (2004), os cristãos marcavam seus corpos com o sinal de Cristo, a cruz. Porém, a partir da Idade Média as instituições eclesiásticas exerceram um forte controle social e proibiram essa prática, pois, “A Bíblia afirma claramente a sua recusa de qualquer intervenção visível e duradoura no corpo humano. [...] O corpo deve permanecer tal como Deus o criou” (LE BRETON, 2004, p. 26). Eram concedidas exceções apenas para marcar os corpos dos escravos e dos criminosos.

Neste sentido, Marques (1997) acrescenta que à Inquisição Católica utilizou o medo como instrumento para banir a tatuagem da Europa. “O fogo da Inquisição pegava facilmente: quem seria tolo o bastante para portar algo visto como *stigmata diaboli*, marca do diabo?” (MARQUES, 1997, p. 33). O autor esclarece também que os estudos acerca do Islamismo, apontam para a condenação dos crimes contra a natureza, entre eles, as marcas no rosto e no corpo.

A partir do século XIII, a Europa iniciou a era dos descobrimentos marítimos e das colonizações. Conforme Marques (1997), no primeiro momento, os brancos invadiram os locais e aniquilaram a tradição e a cultura dos povos colonizados, mas com o Renascimento e o Iluminismo, houve um movimento contrário acerca da prática das marcas corporais, colaborando para enfraquecer o ideário repressivo eclesiástico. Um fato que ilustra esse processo foi realizado pelo rei Carlos XIV da Suécia, ele tatuou na pele a inscrição “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

Segundo Marques (1997), um fato histórico e emblemático que delimita o ressurgimento da tatuagem, reside na viagem do capitão inglês James Cook ao Taiti em 1769, em que os nativos Maoris tatuaram um marinheiro da tripulação, o qual foi apresentado para Londres. A palavra tatuagem surgiu nesse contexto, em que os nativos batiam com um cabo de madeira em um osso afiado para picar a pele e introduzir a tinta, produzindo o som *ta-ta-tau*, originando o termo nativo *tatau*, traduzido para a língua inglesa como *tattoo*, e em português, tatuagem.

Le Breton (2004) identificou alguns elementos significativos acerca do processo de disseminação da tatuagem. Em 1804 alguns tatuadores estabeleceram seus ateliês nos navios, durante as longas viagens eles tatuavam a maioria dos marinheiros, até mesmo como uma forma de passar o tempo. Desta forma, a tatuagem foi se constituindo como um poderoso sinal de pertença, delineando a cultura marítima, e, como os marinheiros percorriam o mundo, eles passavam a maior parte das suas vidas no mar, isso motivou uma forte integração ao grupo, o qual acabou assumindo uma posição de importância superior à própria nacionalidade do indivíduo.

A tatuagem é nos marinheiros uma espécie de ritual figurativo de integração ao grupo, pertence à tradição marítima e participa da cultura contrabandista das cidades portuárias com seus bordéis, suas casas de jogo, o seu mundo noturno e muitas vezes brutal (LE BRETON, 2004, p. 42).

Nesse contexto, segundo o autor, o ambiente sociocultural portuário foi determinante para a associação estereotipada da tatuagem com a criminalidade, uma vez que os indivíduos tatuados eram na maioria marinheiros, prostitutas, soldados ou presidiários⁹. O autor nos esclarece também que justamente estes grupos estavam em busca de uma constituição identitária, encontrando na tatuagem uma forma de manifestar a sua pertença (LE BRETON, 2004).

Para Araújo (2005), a transitoriedade da vida e a constante exposição à morte, são elementos que alimentam o desejo destes grupos marginais em perpetuar a vida na forma da tatuagem. Eles transformam seus corpos em veículos da sua história e da sua cultura – o diário de viagem para marinheiro, a bandeira da pátria para o soldado, um coração com as iniciais do nome do cafetão para a prostituta e o alfabeto de delitos para o presidiário. “Quanto mais

⁹ Marques (1997) descreve um possível percurso para a disseminação da tatuagem nesse âmbito: [...] “do marinheiro estrangeiro para a prostituta, e da prostituta para o freguês brasileiro; do marinheiro estrangeiro que se mete em confusão e vai preso para os colegas de cadeia” (MARQUES, 1997, p. 140).

passageira e arriscada é a vida, maior é o desejo de fazer as coisas durarem para sempre” (ARAÚJO, 2005, p. 52).

Percebemos também que a forma da estrutura social destes grupos pode ser compreendida como a *communitas* descrita por Turner (2013), pois, são grupos marginais, que se encontram a margem da sociedade. Isto é, as relações sociais estabelecidas por estes grupos ocorrem a partir da cultura contrabandista portuária, dos bordéis, dos jogos de azar, das guerras e do submundo noturno, constituindo processos, relações e estruturas com regras, normas e valores próprios.

Após esse período, a tatuagem seguiu seu caminho rumo à popularização. Segundo Araújo (2005), as pessoas ou animais com deformidades corporais, criaturas consideradas fora do normal, tornaram-se atrações dos circos. Entre estes, o homem-Zebra. Foram necessários sete anos de trabalho do tatuador George Burchett para fechar o corpo inteiro com as listras negras. Mas os mais famosos eram John Hayes com 780 desenhos no corpo e o Capitão Constantino com 388, ambos relatavam que tinham sido sequestrados e tatuados à força por nativos, uma estratégia de sucesso para atrair o olhar das pessoas. Para Le Breton (2004), esse fenômeno perdeu a sua força por volta da década de 1950, mas não contribuiu para libertar a tatuagem dos aspectos marginais e preconceituosos.

Porém, conforme Araújo (2005), o elemento fundamental para a disseminação e a popularização da tatuagem em âmbito mundial foi a invenção da máquina elétrica de tatuar. Essa nova forma de executar a marca no corpo é menos dolorosa, mais rápida e propicia um maior controle do tatuador sobre o desenho. Para a autora, foi essa invenção que possibilitou a reprodutibilidade da tatuagem.

Na esteira de várias invenções da Revolução Industrial, o americano Samuel O'Reilly se baseou num dispositivo para o desenho e a pintura patenteado por Thomas Edison, para criar, em 1891, a máquina elétrica de tatuar. Agora, muitas agulhas podiam trabalhar ao mesmo tempo e em velocidade, diminuindo a dor do ritual e transferindo com rapidez o desenho para a pele. A tatuagem entrava na era da reprodutibilidade (ARAÚJO, 2005, p. 45).

A partir da década de 1950, com a crescente importância da imagem na sociedade moderna, a tatuagem tornou-se um elemento importante para constituir a imagem corporal, a qual comunica simbolicamente uma identidade ao olhar do outro. Segundo Marques (1997), Le Breton (2004) e Araújo (2005), os movimentos *teddy boys*, *mods*, *beatniks*, *hippies*, *bad boys*, *bikers*, *skinheads*, surfistas, *hip hop*, entre outros, utilizaram de uma estética corporal específica para firmar na pele tatuada o significado sociocultural dos seus movimentos. Assim como os punks, os quais influenciaram o surgimento de inúmeras tribos urbanas. “Tudo para

chamar a atenção do resto do mundo para um sistema econômico que desemprega, escraviza e submete o homem” (ARAÚJO, 2005, p. 69).

Nesse sentido, Le Breton (2004) evidencia essa forma de construção da imagem corporal como um meio de expressão política, comunicando uma contracultura, com a intenção de se posicionar fora desta sociedade. São manifestações corporais que representam, por um lado, a liberdade e o sonho, e por outro, a rebeldia e a ruptura. Porém, segundo o autor, todos estes movimentos contribuíram para ampliar a visibilidade social e [...] “arrancar as modificações corporais da sombra onde se encontravam até então” (LE BRETON, 2004, p. 72).

Portanto, para Le Breton (2004), o movimento que envolveu as modificações corporais, - partindo da “sombra” em direção à visibilidade social - contribuiu de maneira significativa para que a tatuagem se tornasse um elemento mediador, um componente utilizado na construção da identidade. Nesse contexto, o corpo foi convertido em uma escrita para o olhar do outro, formando uma proteção simbólica, uma vez que o desenho tatuado na pele contém um significado específico. Diante destas novas possibilidades, o indivíduo se tornou o produtor da sua própria identidade reivindicada (LE BRETON, 2004).

Segundo Woodward (2014), a partir da década de 1960, ocorreram algumas mudanças sociais que contribuíram para intensificar essa busca identitária pelo indivíduo. Foram modificações globais nas organizações, econômica e política, que colaboraram para criar, por um lado, uma fluidez e alterar os padrões de produção e consumo, e por outro, um abalo nas estruturas tradicionais de pertencimento.

Conforme a autora, esse processo pode ser reconhecido na crescente fragmentação das relações profissionais e pessoais, na dissolução das referências para a vida cotidiana, no esmaecimento das classes sociais, do partido e da nação-estado. Esse processo retirou do indivíduo um núcleo social que lhe possibilitava fixar a sua identidade. A perda dos elementos constitutivos desse núcleo caracterizou este período histórico pelo “colapso das velhas certezas”, e, portanto, por uma crise de identidade.

[...] nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo (WOODWARD, 2014, p. 26).

Porém, Marques (1997) nos alerta sobre os riscos de uma análise determinista, estabelecendo uma relação causal acerca de um fenômeno que é, na verdade, multifacetado.

Essa compreensão reducionista aponta para a constituição da identidade através da tatuagem como uma [...] “consequência do apodrecimento dos dois territórios de relações humanas, o público e o privado”. Neste sentido, o autor acrescenta:

Quem não suporta a tensão causada por esta devastação recorre às práticas tribais e nelas adquire uma identidade. Os velhos meios de adquirir identidade – o trabalho, os sentimentos, o bem público – perderam o sentido. O sujeito adquire identidade se tatuando ou se tribalizando de qualquer forma, em ato ou pensamento. [...] tatuei-me; agora eu sou eu (MARQUES, 1997, p. 80).

Desta forma, este processo contribui para a constituição da identidade, mas não de forma unilateral, como uma resposta direta a uma crise identitária, como um resultado que explica um pretexto. Ademais, segundo Le Breton (2004), a decisão de marcar o corpo colabora para o indivíduo adquirir um sentimento de existência, para estabelecer um limite simbólico e para fixar a identidade, pois, em tempos de crise, “O mundo contemporâneo testemunha o desenraizamento das antigas matrizes de sentido” (LE BRETON, 2004, p. 15).

Conforme o autor, após a década de 80, os movimentos radicais de contracultura foram se dissolvendo na vagabundagem, na vida cotidiana e saindo da clandestinidade; o punk, por exemplo, deu lugar aos estilos *New Wave*, gótico, *gloom*, *grunge*, entre outros¹⁰. Esse processo contribuiu de forma decisiva para o afastamento gradativo da tatuagem da marginalidade e a sua crescente conversão em mercadoria, uma vez que, “A cultura punk penetra o circuito do consumo, desviada, transformada em estilo. [...] mudam radicalmente de estatuto, usurpadas pela moda” (*Ibid*, p. 89).

Nesse contexto, segundo Marques (1997), o rádio e a televisão tiveram um papel importante na disseminação e na saída da tatuagem da clandestinidade no Brasil. Inicialmente com os desenhos animados, como O marinheiro Popeye, Os cavaleiros do zodíaco e Os cavaleiros tatuados de Beverly Hills, assim como as telenovelas. Mas o estímulo determinante para a popularização da tatuagem ocorreu com a música *Menino do Rio*, tema da novela *Água Viva*, em que, “Diariamente, meses a fio, milhões de pessoas ouviam os versos de Caetano Veloso, no rádio e na TV, em louvor ao rapaz que tinha ‘dragão tatuado no braço’” (MARQUES, 1997, p. 190).

¹⁰ Nesse contexto, surgiu um debate acerca da classificação da tatuagem entre os âmbitos comercial e artístico, porém, percebemos que não há como estabelecer uma classificação fixa, pois, [...] “as modificações corporais são sem dúvida uma arte, mas também um comércio comum no jogo de procuras e de ofertas. Vêm a exigir uma formação permanente dos profissionais por causa da sua incessante renovação. Qualquer que seja o seu gosto pessoal, estão submetidos à soberania do cliente para continuar a figurar em bom lugar no mercado” (LE BRETON, 2004; 213).

Conforme o autor, o Brasil todo queria ser o ‘menino do Rio’. Impulsionado também pela mídia impressa, criou-se um estereótipo em torno deste personagem, divulgando um ideário de liberdade, paz, amor, surf e tatuagem¹¹. Esse processo potencializou a reprodução em série das tatuagens, uma vez que a sua impressão na pele atribuiria ao seu possuidor as características associadas ao respectivo ideário (MARQUES, 1997).

Na nossa pesquisa de campo captamos alguns processos que remetem à reprodução das tatuagens, os quais revelam a influência do meio futebolístico na decisão e na escolha do local do corpo para realizar o desenho. “Eu fui em São Paulo, na sede da torcida do São Paulo que é aliada da nossa torcida e lá se tatua muito o nome da torcida nas pernas e eu achei muito bonito a formas das canelas estar escrito o nome da torcida” (Entrevista nº 13, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma). “Eu vi em outro rapaz, gostei e fiz” (Entrevista nº 04, dia 03 de abril de 2016, Vila Nova x Aparecidense).

No desenvolvimento do campo comercial¹² a tatuagem realizou um movimento insólito, ela saltou da pele para a roupa, um processo em que as tatuagens das celebridades midiáticas, impregnadas de fetiche, passaram a ser reproduzidas nas estampas das roupas de grife famosas. Porém, vários modelos acabaram reproduzindo o desenho na própria pele¹³. Assim, [...] “a pele vira o invólucro que estampa o código de barras - de longe, são todos iguais -, já que tudo vira moda, tudo se vulgariza, tudo se vende” (MARQUES, 1997, p. 79).

Neste sentido, Madel Luz e César Sabino (2006) contribuem com a nossa compreensão acerca da determinação social constituída no âmbito cultural da tatuagem.

¹¹ Le Breton (2004) explica que este processo é constituído por um ciclo da moda, em que as tatuagens se revezam conforme a sua divulgação. “Stéphanie, 21 anos, sem profissão, mandou tatuar um sol na planta do pé. Fala isso com paixão e confessa por fim: ‘o motivo é Estelle Halliday. Ela também tem uma, acho muito bonito’. Laura, 21 anos, tatuadora, em Paris, evoca a esse respeito o ciclo das modas: ‘Há dez anos eram as cabeças de lobo, por causa de Johnny Halliday que tinha uma. Depois, o pequeno sol no pé por causa da Estelle Halliday. Agora é uma pequena peça chinesa, a tribal, as maoris, etc’” (LE BRETON, 2004, p. 125).

¹² Marques (1997) descreve alguns fatos que revelam a força dos meios de comunicação de massa para converter os artefatos culturais em mercadoria e fetiche. **1** - A tatuagem passou a ser reproduzida nas estampas das roupas de grife famosas como: Calvin Klein, Dolce & Gabanna e Gianni Versace, Anna Sui, entre outras **2** – Segundo a indústria produtora de espinafre enlatado no Texas – a Crystal City - o desenho animado do marinheiro Popeye aumentou a venda do produto utilizado pelo herói, o qual passou a ser o seu ‘garoto propaganda’. **3** - Os tatuadores eram obrigados a reproduzir uma quantidade incalculável da tatuagem que fosse tema telenovelsco. **4** - Os chicletes Ploc e Ping Pong viraram febre ao oferecer de brinde, os carimbos que imitam a tatuagem. **5** - No filme “Papillon” - borboleta em francês – o protagonista fixou na pele tatuada a imagem da borboleta, a qual passou a ser reproduzida no mundo inteiro com o apelo de liberdade e renascimento. **6** - José Artur Machado, o menino do Rio, tornou-se modelo, participou de programas de entrevistas, ganhou fama como embaixador da tatuagem e desfilou pela Company.

¹³ Modelos que reproduziram as estampas como tatuagem: Eve Salvail, Nina Bosch, Jenky Shimizu, Yasmeen Ghauri, Christy Turlington, Ashley Montana, Carré Otis, Stephanie Seymour, Greta Carazzoni, Niki Taylor e Jody Watley (MARQUES, 1997).

“Quando pensa escolher seu desenho (seja ele qual for), o indivíduo é ‘escolhido’ por todo um conjunto de representações e práticas, estruturas subjetivas e objetivas reproduzidas pelo estilo de vida que articula e imita” (LUZ; SABINO, 2006, p. 255). Na nossa pesquisa de campo o torcedor se referiu a esta questão de maneira direta, ao responder sobre o motivo pelo qual ele torce para o seu time: “Não é você que escolhe, é o time que te escolhe” (Entrevista nº 08, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia).

Desta forma, com a crescente importância que a imagem tem adquirido nesta sociedade, associado à disseminação de um ideário que vincula consumo e aparência, o indivíduo passou a investir na produção da sua imagem corporal com o objetivo de estabelecer um estilo de vida, sendo categorizado socialmente, cujo processo assumiu a função de fabricar uma identidade. Esse movimento é determinado por um padrão estético administrado, o qual expressa a identidade social do indivíduo, isto é, a sua pertença grupal.

Segundo Le Breton (2004), os processos relativos às modificações corporais, estão cada vez mais envolvidos com a construção da identidade através de um duplo movimento. Por um lado, com o olhar voltado para si, o indivíduo busca os elementos simbólicos que lhe constituem, atribuindo ao desenho um significado que se aproxima do sentido tradicional, o qual fora perdido, criando uma nostalgia no interesse pela fusão com o cosmos; por outro lado, com o olhar voltado para o mundo, o corpo se converte em uma forma de comunicação, uma linguagem escrita na pele, porém, o indivíduo almeja que a leitura seja realizada pelo olhar do outro, em que a sua imagem corporal seja capaz de atrair o olhar e a atenção alheia, devolvendo-lhe o sentimento de existência (LE BRETON, 2004).

Assim, pelo fato do corpo se situar no âmbito da construção da identidade, conforme o autor, a tatuagem é uma forma utilizada pelo indivíduo para que ele possa diferenciar-se, marcar a sua presença, expor a sua imagem, estabelecer algo que lhe evidencie perante os outros. A tatuagem é um meio que lhe possibilita destacar no grupo, obter a singularidade almejada, e o mesmo tempo, constituir uma relação de aliança e pertença, através de [...] “um adereço definitivo que contribui para a afirmação do sentimento de identidade, para a encenação de si” (*Ibid*, p. 20).

Na nossa pesquisa de campo, a aliança e a pertença, e ao mesmo tempo o destaque dos torcedores de futebol que possuem tatuagens, podem ser percebidos nas suas respostas.

Eu fico um pouco mais conhecido na torcida, seu nome fica falado, o pessoal se espelha pra querer fazer mais também (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu). [...] O cara que tem uma tatuagem do time ou do mascote, alguma coisa referente a torcida ou ao time, ele fica mais influente (Entrevista nº 11,

dia 18 de junho de 2016, Atlético x CRB). [...] Quando eu fiz saí do estúdio, olhei ficou bem o que eu queria mesmo eu falei, pô, parabéns pra quem fez e pra mim que tive peito de fazer (Entrevista nº 06, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis). [...] Onde eu vou eu sou Goiás, onde eu ando eu sou Goiás, dentro de casa eu sou Goiás, fora de casa eu sou Goiás, qualquer lugar eu sou Goiás (Entrevista nº 08, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia).

Neste sentido, segundo Elias (1994), a memória é um elemento importante, constituinte da identidade. Isto é explicado pelo fato dela ter a capacidade de preservar de forma seletiva os conhecimentos e as experiências, cujo processo possibilita o controle dos comportamentos e dos sentimentos. Ademais, “A identidade da pessoa em desenvolvimento repousa, acima de tudo, no fato de que cada fase posterior emerge de uma fase anterior, numa sequência ininterrupta” (*Ibid*, p. 156). Isto é, a memória constitui uma referência que o indivíduo acessa, uma base para ele processar a fase atual de maneira entrelaçada e moldar o seu caráter (ELIAS, 1994).

Conforme Le Breton (2004), a tatuagem é uma forma de materializar no corpo e eternizar na memória uma lembrança, um sentimento, uma emoção. Isso ocorre pela associação entre a imagem tatuada e o fato, em que, a representação simbólica impregnada na imagem, resgata e revive a sensação afetiva guardada na memória. “O sinal tegumentar é uma maneira de escrever metaforicamente na carne momentos-chave da existência. [...] desencadeiam logo a lembrança das circunstâncias da sua inscrição. [...] É uma memória privilegiada, precisa, carregada de afetividade” (LE BRETON, 2004, p. 132-133).

Esse processo pode ser apreendido na nossa pesquisa de campo, quando perguntamos acerca do motivo pelo qual o torcedor realizou a tatuagem¹⁴.

Foi uma promessa que eu fiz no ultimo jogo, quando a gente ganhou do Goiás, dos moxezim lá, no último minuto. Ai eu falei que se a gente fizesse o gol naquele lance eu falei que eu ia fazer uma tatuagem para o Atlético, eu tive que cumprir a minha promessa e não me arrependo não. [Pesquisador] Quando você olha para a tatuagem o que você sente? A emoção daquele minuto (Entrevista nº 10, dia 18 de junho de 2016, Atlético x CRB).

Além da associação entre a imagem tatuada e a sua representação afetiva, pode ocorrer também a transferência simbólica dos sentimentos, a qual é realizada de forma mais direta para a tatuagem. “O Goiás ganhando ou perdendo a gente tá mais apaixonado, então fica aquela coisa na flor da pele, então a gente transfere esse amor não só vestindo o manto

¹⁴ O gol que o torcedor se refere na entrevista ocorreu aos 48 minutos do segundo tempo, no jogo entre Goiás Esporte Clube e Atlético Clube Goianiense, no estádio Serra Dourada, no dia 13 de abril de 2014, o qual resultou no título de campeão goiano daquele ano. Observação: o torcedor realizou a tatuagem *para* o Atlético, retornaremos nesta questão no 3º capítulo.

sagrado que é a camisa do Goiás, ai eu busquei fazer a tatuagem” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Naturalmente esse processo não ocorre de forma isolada, segundo Le Breton (2004), ele também realiza a [...] “inscrição do grupo na memória corporal, [...] reforça o sentimento de pertença e de solidariedade” (LE BRETON, 2004, p. 182). Ademais, ao formar uma identidade demarcando a diferença através da tatuagem, ele se afasta dos outros considerados indignos, e garante a sua aceitação e reconhecimento na comunidade. Também podemos observar esse processo na nossa pesquisa de campo. “Acho que as pessoas aqui hoje gostam de mim pelo que eu já fiz pela torcida e pelo Atlético” (Entrevista nº 13, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Desta forma, conforme Le Breton (2004), os laços afetivos construídos socialmente alcançam níveis profundos, como irmãos, passam a serem sentidos e compreendidos pelos seus integrantes como algo além da pertença a um bando ou como um pacto de amizade. A tatuagem é a marca definitiva para [...] “eternizar o momento de aliança. O grupo é percebido como poderoso e eterno, e nada deve romper a sua unidade. [...] é um selo que estabelece a unidade dos seus membros” (*Ibid*, p. 182). Esse processo foi manifestado pelo torcedor na nossa pesquisa de campo. “Até onde eu moro lá em Aparecida lá, tem uma galerinha que fizemos uma campanha lá brincando e pegou, pra todo mundo fazer tatuagem do Goiás” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Aqui nós encontra, faz amizade, a irmandade, porque torcer para o Vila é conhecer gente que você não conhece, fazer aquelas amizades assim, verdadeiras mesmo, que não te deixa pra trás. [...] É quase igual um sentimento assim, filho e mãe. É forte pra caramba (Entrevista nº 05, dia 03 de abril de 2016, Vila Nova x Aparecidense).

Porém, o autor nos alerta acerca da importância do contexto sócio-histórico-cultural em que a tatuagem é realizada. Nas sociedades tradicionais, o sinal cutâneo se referia aos rituais ancestrais, à aliança e à pertença, à anulação das diferenças e à integração ao corpo coletivo¹⁵. Na sociedade moderna, a tatuagem realizada por empréstimo cultural perdeu todo o sentido, ela revela apenas o seu valor estético e o objetivo de individualização. “A tatuagem maori em Estrasburgo não é maori. [...] transformam-se em sinais indiferentes ao seu conteúdo” (LE BRETON, 2004, p. 188-236).

Desta forma, para uma leitura mais consistente e contextualizada da imagem tatuada, deve-se considerar a relação entre o ver o ser visto, [...] “é preciso compreendê-las na

¹⁵ Esse processo pode ser apreendido nos rituais indígenas, “Os pele-vermelhas praticavam pintura corporal na guerra e no luto. As tatuagens teriam sido feitas em rituais de iniciação, sacrifício e bravura, como no caso dos índios sioux” (MARQUES, 1997, p. 39).

sua finalidade, ou seja, na maneira como o indivíduo se apropria delas para as tornar suas elaborando uma ficção ao mesmo tempo pessoal e social à volta das suas marcas” (LE BRETON, 2004, p. 246). Em outras palavras, é preciso compreender a representação simbólica incorporada pela tatuagem no âmbito futebolístico, o sentido que ela assume para o indivíduo e para o olhar do outro, o nível de significado afetivo, emocional que ela representa. Nesta entrevista da pesquisa de campo apreendemos alguns elementos que colaboram para esta compreensão, sobretudo acerca da profundidade emocional alcançada.

A simbologia, a tatuagem, o escudo do clube, já é uma simbologia muito forte, você carregar a camisa dele, quando essa camisa tá na sua pele, e ela tá na pele porque ela vem de dentro pra fora, o que eu sinto aqui dentro, eu tô sentindo aqui fora, então eu tô vestindo aquilo que tá envolvendo meu coração, tá envolvendo a minha pele (Entrevista nº 16, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Diante deste contexto, identificamos dois conjuntos de determinações sócio-histórico-culturais a respeito da temática da tatuagem realizada pelo torcedor no âmbito futebolístico, - um relativo às sociedades tradicionais e o outro à modernidade. Compreendemos que este fenômeno se revela como um processo localizado no cruzamento destes conjuntos de determinações, pois, ele apresenta elementos tanto dos processos que se referem às sociedades tradicionais como da moderna.

O tradicional pode ser apreendido nas manifestações em que são utilizados elementos como fumaça, tambores, bandeiras, hinos, gritos de guerra, mascotes na função de totem, também nos rituais de passagem, na estrutura social que se aproxima da *communitas*. Assim como no relato dos torcedores acerca do nível profundo de ligação com o grupo, - representação do universal, do cosmos - em que *a tatuagem expressa o que reveste o seu coração*, produzindo um sentimento de identidade e pertencimento, de amor e realização.

Os elementos da sociedade moderna podem ser apreendidos na ruptura ocorrida na unidade homem-corpo, convertendo-o em objeto. Esse fato é fundamental, uma vez que ele possibilita a manipulação do corpo e das suas partes, refletindo a estrutura social que se fragmenta, apontando para a crescente individualização do ser. Diante do complexo e acelerado desenvolvimento técnico e instrumental, econômico e político, assistimos o desenraizamento da tradição e o surgimento de uma crise de identidade, um contexto em que a tatuagem aparece como uma opção de afirmação de si, assim como para atender ao chamado da crescente importância da imagem e do investimento na aparência, convertida em valor fetiche.

Porém, esta é uma visão reducionista acerca da existência humana, justamente pelo fato dela se desenvolver fundamentada na ruptura da unidade homem-corpo. É reducionista, mas é verdadeira, pois, reflete a realidade. Ademais, a concepção do corpo como um médium, um vetor semântico, perpassado por símbolos e significados, não sustenta a ruptura e a fragmentação, pelo fato das suas dimensões só fazerem sentido no todo, como elos interdependentes e inseparáveis, constitutivos do ser humano.

Neste ponto, compreendemos a realização da tatuagem no âmbito futebolístico como um fenômeno multifacetado, o qual deve ser analisado considerando os elementos constitutivos desta particularidade histórica. Assim, apreendemos os conjuntos de determinações da tradição transcendental e da modernidade atuando neste processo de forma entrelaçada. Porém, em ambos os casos, a inscrição corporal expõe a dependência do indivíduo acerca dos afetos e dos relacionamentos humanos. Desta forma, a tatuagem é um clamor do torcedor para o mundo, revelando que pertencer é uma necessidade.

CAPÍTULO 3

A ESTRUTURA E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO CAPITAL

Alexis Leontiev (2004) nos esclareceu acerca dos primórdios da constituição da cultura, do surgimento do sentido racional sintetizado no psiquismo humano a partir da atividade material, sustentado pelas condições biológicas favoráveis, colaborando para o desenvolvimento da consciência. Este processo rompeu com o desenvolvimento humano subordinado ao determinismo biológico, em que o homem passou a modificar a natureza em função das suas necessidades, fundando a atividade criadora da cultura, o trabalho.

Assim, o trabalho humano foi revelado como a atividade basilar, engendrando no movimento histórico outros processos importantes para o nosso estudo. Portanto, desenvolveremos de maneira sintética e específica, os temas sobre o trabalho, a alienação, o fetiche e a reificação, os quais constituem uma base fundamental para a investigação científica acerca do nosso objeto. Estes elementos estabelecem um diálogo direto com as estruturas, processos e relações que se desenvolvem no estágio de futebol, em que o âmbito empresarial passou a dominar.

As contribuições de Karl Marx nos possibilita ampliar e aprofundar esta compreensão. Embora o contexto analisado por Marx remeta ao operário inglês no século XIX, o qual trabalhava na esteira fabril em condições sub-humanas, - pois, era este o contexto mais desenvolvido do capital, - as mediações constitutivas da práxis histórica daquela época se mantiveram e se desenvolveram. Assim, o autor nos conduz para um passado preciso, esclarecendo quais são os elementos mais significativos e determinantes do indivíduo e da sociedade, nessa particularidade histórica – o capitalismo.

3.1 – TRABALHO, ALIENAÇÃO, FETICHE E REIFICAÇÃO

Marx (1993) nos revela a posição central do trabalho como produtor da cultura, como uma atividade livre e independente da necessidade imediata. Ele parte da simples

comparação entre a atividade produtiva humana e a dos animais, os quais produzem de forma unilateral, determinada pela necessidade imediata. A possibilidade da realização do trabalho consciente, lúcido e livre pelo homem é o que o diferencia como ser genérico, e lhe permite ascender da condição de ser *natural* para ser *social*.

Sem dúvida o animal também produz. Faz ninho, uma habitação, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Mas só produz o que é estritamente necessário para si ou para as suas crias; produz apenas numa só direção, ao passo que o homem produz universalmente; produz unicamente sob a dominação da necessidade física imediata, enquanto que o homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade [...] o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie e sabe como aplicar o padrão apropriado ao objecto; deste modo, o homem constrói também em conformidade com as leis da beleza (MARX, 1993, p. 165).

Desta forma, segundo o autor, desde os primórdios históricos, o ser humano na busca pela realização das suas necessidades básicas, estabeleceu relações com a natureza e com os outros seres humanos. Ao se exteriorizar, se objetivar, ele modifica a natureza e também a si. O elemento fundamental desse processo é a relação do homem com o próprio homem, pois, é nessa relação com o outro que ele se reconhece de maneira espelhada, um processo recíproco e constitutivo do ser social, ontológico. Esse metabolismo é o trabalho.

Para Marx (1993) esse breve conceito de trabalho ontológico é fundamental, mas apenas como ponto de partida, pois, o conceito de trabalho revelado no presente está fundamentado nessa particularidade histórica, cujo modo de produção da vida é o capitalista. Portanto, é na materialidade atual que se deve apreender o trabalho a partir dos nexos constitutivos específicos dessa sociedade, cujo metabolismo social é estabelecido de forma alienada e crivada pela propriedade privada, visto que [...] “toda a sociedade se deve dividir em duas classes, os *possuidores* de propriedade e os *trabalhadores* sem propriedade” (*Ibid*, p. 157).

Conforme o autor, a propriedade como posse da natureza sempre existiu nas organizações sociais anteriores, mas a propriedade privada é uma forma específica da sociedade capitalista. O ideário iluminista é fundamentado na liberdade e na igualdade entre os homens, porém, a igualdade reportada aqui se refere à igualdade entre proprietários, porquanto os *possuidores* – anunciados por Marx - são os proprietários dos meios de produção e dos produtos, e os *trabalhadores* são os proprietários da sua força de trabalho. Livrementemente capitalistas e proletários estabelecem relações de troca entre as suas propriedades. “Eles devem, portanto, reconhecer-se reciprocamente como proprietários privados. Essa relação jurídica, cuja forma é o contrato [...] é uma relação de vontade, em que se reflete a relação econômica” (MARX, 1983, p. 79).

Segundo o autor, a liberdade aqui considerada parte do princípio da não causação danosa ao outro, ou seja, na verdade, ela inibe a possibilidade de interseção entre os homens e limita o campo de ação deles, levando-os ao isolamento, como uma “mônada” dobrada sobre si. A possibilidade de aproximação entre eles é movida pelo interesse privado. É a liberdade baseada na defesa e na garantia do benefício pessoal como direito de usufruir das suas propriedades de forma independente, é, portanto, a liberdade do direito à propriedade privada. Desta forma, ela [...] “leva cada homem a ver nos outros homens, não a *realização*, mas a *limitação* da sua própria liberdade” (MARX, 1993, p. 57).

Diante dessa realidade, revela-se que a liberdade é falsa, pois, capitalistas e proletários não têm outro lugar para trocar a sua propriedade a não ser a classe antagônica. Revela-se também a real desigualdade de condições dessa relação, - de um lado, os proprietários dos meios de produção e dos produtos, de outro, os proprietários da força de trabalho como meio de subsistência. Ademais, como as condições da propriedade privada são desiguais, ela compromete as condições de liberdade e de igualdade. Mas como a propriedade privada se torna constituinte dessa sociedade como princípio organizativo, ela encontra respaldo nos ideais iluministas e se converte em uma determinação histórica da vida social (MARX, 1993).

Conforme o autor, a propriedade privada estabelece a sua própria constituição de forma recíproca com o trabalho alienado, pois, ela é a condição e também o desdobramento para que o trabalho seja realizado na forma de alienação. “Só no derradeiro ponto de culminação da propriedade privada é que se revela o seu segredo, a saber, por um lado, que ela é o *produto* do trabalho alienado e, por outro, que ela é o *meio* através do qual o trabalho se aliena, a *realização da alienação*” (*Ibid*, p. 169).

A compreensão acerca da propriedade privada é fundamental para este estudo, pelo fato dela nos esclarecer sobre a forma da apropriação nessa sociedade, a qual implica desdobramentos diretos nas relações dos homens entre si e com a natureza, mediados pelo trabalho. Segundo Marx (1993), é ela que abre o caminho para que o trabalho seja expropriado de forma privada, através do contrato de compra e venda da força de trabalho, nos possibilitando compreender a forma de trabalho alienado. Este, por sua vez, ao se realizar nesse formato, constitui as condições particulares para a propriedade privada existir, pois, o próprio trabalhador [...] “cria o domínio daquele que não produz sobre a produção e sobre o produto. Assim como aliena a própria actividade, da mesma maneira outorga a um estranho a actividade que não lhe pertence” (MARX, 1993, p. 168).

Para Marx (1993), a forma da organização social burguesa fundada na propriedade privada determina o estranhamento, o não reconhecimento, a separação entre o trabalhador e o produto do seu ofício. Ele produz o que não lhe pertence, é esse o *segredo do trabalho alienado*. Desta forma revela-se o que estava velado, a escravidão do trabalhador escondida na forma de trabalho assalariado.

Seguindo com Marx (1993), analisamos o desenvolvimento paulatino do trabalho alienado. Primeiramente, na relação direta entre o produtor e o produto ocorre a separação e o afastamento entre eles, pelo fato do produto e dos meios de produção não pertencerem ao trabalhador, pois, são de propriedade privada da classe capitalista. As objetivações alienadas não criam reconhecimento, mas estranhamento, hostilidade e servidão ao objeto, tanto no campo objetivo quanto no subjetivo.

O produto do seu trabalho não se apresenta como possibilidade de afirmação, mas de negação de si, e também como negação ao acesso aos outros objetos produzidos pelos outros trabalhadores, ou seja, - de maneira desenvolvida - nega-se o acesso a toda uma produção sócio-histórica-cultural humana. Isso ocorre não apenas pelo fato das condições econômicas particulares não possibilitarem, mas também pelo fato dos objetos por ele produzidos não se constituírem em elementos de reconhecimento dele mesmo, não dizem mais respeito ao seu mundo objetivo ou subjetivo, material ou espiritual, *é a alienação da coisa* (MARX, 1993).

Conforme o autor, o segundo momento constitutivo do trabalho alienado ocorre na relação do trabalhador com o ato da produção, no agir do operário na atividade produtiva, ato que se converte em um processo estranho, de não reconhecimento para ele. A parcela da sua vida que passa a ser depositada ao longo da estrutura do tempo na forma de trabalho, não o estabelece como ser, mas lhe esvazia a possibilidade da experiência constitutiva de si, pois, a vida se converteu em meio de vida e o que é depositado não lhe diz respeito e não lhe pertence. Observando mais de perto, percebemos que esse processo ocorre na relação do trabalhador com a atividade produtiva realizada por ele mesmo, reconhecidamente estranha e alheia, sua força e seu esforço refletem para ele como impotência e sofrimento. “O seu trabalho não é voluntário, mas imposto, *é trabalho forçado*. [...] O seu caráter estranho ressalta claramente do facto de se fugir do trabalho como da peste” (*Ibid*, p. 162).

Segundo o autor, o trabalhador é a expressão do trabalho vivo que tem por função acordar as máquinas, o trabalho morto, e lhes transferir a sua energia vital. Desta forma, ele se torna instrumento, suplemento da máquina, se converte em meio para algo que ele mesmo não

alcança ou compreende. O trabalho como essência humana traz em si a ideia de atividade livre, consciente; mas na esteira produtiva não há tempo nem lugar para o ato criativo, para semear ideias e cultivar o sensível. “O trabalho vivo deve apoderar-se dessas coisas, despertá-las entre os mortos [...]. Lambidas pelo fogo do trabalho, apropriadas por ele como seus corpos, animadas a exercer as funções de sua concepção e vocação” (MARX, 1983, p. 153).

O homem é um ser genérico, já o dissemos. A base física da sua genericidade assim como a dos animais, se constitui pelo fato deles viverem da natureza inorgânica. Para Marx (1993) a natureza, – incluindo os outros homens - é o corpo inorgânico do homem por dois motivos; primeiro porque ela é o seu meio de vida material e segundo porque ela é objeto para sua atividade vital. A partir dessa relação imediata, as possibilidades se multiplicam, o homem passa produzir universalmente, de forma mediada, lúcida e consciente. A livre criação lhe possibilita o autorreconhecimento nas suas objetivações, ele se desenvolve e supera a limitação dos animais. Mas ao vender a sua única mercadoria como força de trabalho, este assume a forma de trabalho alienado e ocorre a negação a esse processo de reconhecimento. O trabalho já se encontra determinado pelo objeto na esteira produtiva, obstaculariza-se os canais da sua universalidade, a atividade vital genérica é convertida em meio de existência individual e o homem se aliena da sua própria vida humana, perde a si.

[...] o objecto do trabalho é a *objectivação da vida genérica do homem*: ao não reproduzir-se apenas intelectualmente, como na consciência, mas activamente, ele duplica-se de modo real e intui o seu próprio reflexo num mundo por ele criado. Pelo que, na medida em que o trabalho alienado subtrai ao homem o objecto da sua produção, furta-lhe igualmente a sua *vida genérica*, a sua objectividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico (MARX, 1993, p. 165-166).

Os processos analisados anteriormente - a alienação ao produto e ao ato produtivo - contribuem para a constituição deste terceiro momento analisado, pois, o trabalho alienado nega fluxo entre o homem e a sua universalidade, o homem não cria nem acessa as outras criações, ou seja, ele não se objetiva de forma plena, nem se apropria de toda uma materialidade historicamente produzida, pois, esta se apresenta de forma alheia e hostil. O trabalho não é mais uma forma de produzir a vida, mas a vida se reduz a meio, ao trabalho produtivo.

Desta forma, o potencial criativo humano, as possibilidades ampliadas pela universalidade humana na relação com a natureza se perdem e se convertem em desrealização, em negação do ser genérico; o homem se restringe a ingrediente, a apêndice da produção, se enclausura e se escraviza. O trabalho alienado separa o homem da sua

humanidade e o conduz ao isolamento da sua essência genérica, ele perde a si mesmo, não se reconhece na sua própria humanidade.

Segundo Marx (1993) alienação do homem em relação ao homem é a expressão desenvolvida do estranhamento do homem com o produto do seu trabalho. Isto é, ao produto, - o qual não lhe pertence - implica o ato produtivo; a este na forma de trabalho alienado implica um sujeito desumanizado, com a sua essência genérica negada; o qual perde-se a si. Este processo é válido também para o estranhamento relativo aos objetos produzidos pelos outros homens, e evidentemente, é válido também para a relação entre produtores, os próprios homens; pois, os objetos estão destituídos de seus produtores autênticos, reconhecidos.

Uma consequência imediata da alienação do homem a respeito do produto do seu trabalho, da sua vida genérica, é a *alienação do homem* relativamente ao *homem*. Quando o homem se contrapõe a si mesmo, entra igualmente em oposição com os outros homens. O que se verifica com a relação do homem ao seu trabalho, ao o produto do seu trabalho e a si mesmo, verifica-se também com a relação do homem aos outros homens, bem como ao trabalho e ao objecto do trabalho dos outros homens. De modo geral, a afirmação de que homem se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra igualmente alienado da vida humana (MARX, 1993, p.166).

Desta forma, se estabelece um estranhamento do homem em relação à própria espécie humana, isto é, perde-se o reconhecimento do outro, da sua humanidade, seja esta individual ou coletiva. Partindo do rompimento do vínculo do homem com o produto do seu trabalho, da privação do sentido que habita na atividade produtiva e da perda de si, chegamos à expressão mais desenvolvida da alienação, a conversão do ser social, do outro, em objeto, em coisa.

Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, no ponto em que os torcedores rivais se dispõem a entrar em confronto direto, culminando com as agressões físicas. Este fato revela justamente a ruptura acerca do reconhecimento do outro, e de maneira espelhada, de si mesmo. Porém, estes enfrentamentos não ocorrem somente entre torcedores rivais, eles ocorrem também no âmbito interno da torcida, conforme as fotografias à frente, colocando em questão a própria constituição da unidade grupal, da integração, da irmandade. Em suma, por um lado, este fato revela o torcedor como a personificação das relações sociais mais amplas, como expressão da perda do reconhecimento do ser social, por outro lado, revela a contradição como elemento constituinte desta sociedade, neste caso, no contraponto entre confronto e integração. Ademais, este processo pode avançar e alcançar outros espaços urbanos, como os terminais de ônibus, além da própria arbitragem.



Fotografias 28 e 29 - Briga interna na torcida
Fonte - Acervo próprio



Fotografia 30 - Manifestação no terminal
Fonte - Acervo próprio



Fotografia 31 - Violência contra a arbitragem
Fonte - Acervo próprio

Seguindo com Marx, apreendemos a contradição também na forma de organização social dividida em classes, – entre capitalistas e proletários - em que uma classe compra e a outra vende a sua força de trabalho, impedindo a realização humana pelo fato desse processo ser fundamentado na propriedade privada, dando origem a uma artimanha enigmática em que, o proprietário do produto não o produziu, e quem produziu o produto não é o seu proprietário. Essa genialidade irônica se desenvolve, pois, é articulada integralmente com o trabalho, a atividade genérica universal humana; por isso se desdobra em engendramentos mistificadores, os quais atingem a subjetividade do homem. Este processo lança as suas bases na materialidade econômica através do trabalho, revelando a grandiosidade do seu alcance na práxis histórica, no modo de se produzir a vida.

No trabalho alienado o homem é separado da sua atividade vital, e, portanto, do seu gênero; ele se torna substância do objeto e a sua vida passa a se constituir apenas pela superficialidade da aparência, da parte, do presente, do imediato. Segundo Marx (1993) todo esse movimento ainda se desenvolve, revelando além do trabalho alienado como uma vida

humana deformada, a tendência para a subjugação do ser pelo mundo das coisas, um processo que aponta para a constituição e a ampliação do alcance do fetichismo.

A alienação não se revela apenas no facto de que os *meus* meio de vida pertencem a *outro*, de que os *meus* desejos são a posse inatingível de *outro*, mas de que tudo é *algo diferente* de si mesmo, de que a minha actividade é qualquer *outra coisa* e que, por fim – e é também o caso do capitalista – um poder *inumano* impera sobre tudo (MARX, 1993, p. 217).

Marx (1983) nos esclarece acerca da constituição desse “poder inumano” partindo da mercadoria, inicialmente ela é um objeto, natureza modificada para satisfazer as necessidades humanas, uma coisa útil que contém valor de uso. A sua efetiva realização é determinada pelo seu consumo¹, é isso que constitui o seu carácter fundamental revelado através da sua dimensão utilitária. Assim, o objetivo do capitalista é produzir objetos com valores de uso, mas que possam ser trocados no mercado, de tal modo que os diferentes valores de uso originais possam ser convertidos em valores de troca.

Para o autor, isso ocorre pelo fato do valor de uso específico se tornar *valor de uso para o outro*, ou seja, *valor de uso social*. Tal destinação do objeto ao mercado e não mais ao consumo em si, específico, faz com que o carácter útil e imediato dos produtos do trabalho seja abstraído, abstrai-se também a característica qualitativa do trabalho que o constituiu, pois, a mercadoria [...] “deixa já de ser mesa ou casa ou fio ou qualquer outra coisa útil” (MARX, 1983, p. 47).

O trabalho concreto, conforme o autor, é aquele substancial, constituinte do objeto produzido para o uso imediato, é o trabalho reconhecido, pessoal, determinado pelas suas características qualitativas. No momento em que se modifica o destino do objeto, - do uso para a troca - o trabalho concreto desaparece, ele se dilui na forma de produção baseada na propriedade privada e no trabalho alienado. Nessa mudança de destino do objeto, ao se abstrair as características qualitativas do trabalho concreto, este é convertido em trabalho abstrato determinado pelas características quantitativas, o qual se torna mera força de trabalho produtivo de carácter impessoal. Desta forma, o valor de troca é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria (MARX, 1983).

Ao desaparecer o carácter útil dos produtos do trabalho, desaparece o carácter útil dos trabalhos neles representados [...] que deixam de diferenciar-se um do outro para

¹ Neste trabalho optamos por não abordar de maneira específica e ampla, as questões acerca da relação entre a produção e o consumo. Porém é importante ressaltar que, neste momento, o consumo é o elemento determinante do valor de uso, mas no processo produtivo como um todo, *o elemento determinante* do consumo, do modo de se consumir e também do consumidor, *é a produção*. “A produção não produz, pois, unicamente o objeto de consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, produz objetiva e subjetivamente. A produção cria, pois, os consumidores” (MARX, 2008, p. 250).

reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. [...] Como medir então a grandeza do seu valor? Por meio do quantum nele contido da “substância constituidora do valor”, o trabalho. A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, o e tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações de tempo, como hora, dia etc (MARX, 1983, p. 47).

O caráter enigmático da mercadoria, o qual estamos apreendendo de maneira processual, se revela exatamente no que ela tem de mais explícito, o ato produtivo dela mesma. O que antes era força de trabalho em potencial, adormecida na corporalidade² humana, se transfere e se materializa no objeto na forma de substância concreta, como o elemento determinante do seu quantitativo de valor, se tornando o componente comum a todas as mercadorias e possibilitando a sua permuta. Este é o ponto que queremos chegar. Se um quantitativo de valor reside na mercadoria, e quantitativo é algo que se define numericamente, onde ele está? “Podemos virar e revirar uma mercadoria, como queiramos, como coisa de valor ele permanece imperceptível” (MARX, 1983, p. 54).

Desta forma, investigamos o *valor de uso*, o qual foi convertido em valor de uso social, isto é, em *valor de troca*, para chegarmos ao *valor*, compreendido como a quantidade de trabalho humano vivo necessário para a produção do objeto. Assim, apreendemos o movimento da substância humana constitutiva da mercadoria, a qual é a referência para determinação do seu valor, se escondendo nela mesma, e essa substância humana, a força de trabalho, passa a ser aparentemente própria da mercadoria. “Partimos, de fato, do valor de troca ou da relação de troca das mercadorias para chegar à pista de seu valor aí oculto” (*Ibid*, p. 54). Esse é o engendramento enigmático que ocorre no processo produtivo da sociedade burguesa, o qual encobre o elemento essencial constitutivo da mercadoria, a vida humana, as subjetividades depositadas no objeto.

O trabalho está oculto na mercadoria devido à forma como ela é produzida. O capitalista proprietário dos meios de produção e do produto não se relaciona com o objeto, o operário é quem executa, produz, mas ele é o proprietário apenas da sua força de trabalho, sendo todo o processo produtivo e o produto do trabalho alheio a ele. Esse é um processo que se descortina na realidade, sustentado pela forma privada de apropriação e pelo trabalho que

² O termo corporalidade se difere de corporeidade, utilizada no segundo capítulo, pelo fato da sua aproximação com a dialética materialista. Assim, a contextualização do termo corporalidade parte da compreensão acerca da entrada do homem na relação com o outro e com a natureza, no trabalho ontológico, um processo que propicia a constituição do ser social, em que o homem se reconhece de maneira espelhada, em um mecanismo recíproco. De maneira desenvolvida, apreendemos a manifestação corporal na produção material capitalista, cuja apreensão acerca das mediações deste processo, nos possibilita compreender como o sistema social se tornou a dimensão determinante do homem, das suas práticas e gestos, gostos e posturas, da sua corporalidade.

se efetua através contrato de compra e venda da força de trabalho vivo, ou seja, pelo trabalho alienado.

Conforme Marx (1993), o processo produtivo burguês atribui o poder de troca aos objetos como valor fora deles mesmos, destinados à troca, e desta forma, desenvolve-se e outorga-se a autonomia para o mundo das coisas.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objecto, assume uma existência externa, mas que existe independente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objecto se torna uma força hostil e antagônica (MARX, 1993, p. 160).

Um processo que é articulado na sociedade do capital e garante ao objeto autonomia para andar sobre as próprias pernas, pois, qualquer pessoa ao observar uma mercadoria, é capaz de reconhecer *nela mesma* o seu valor. Segundo o autor, nessa sociedade em que as relações mercantis alcançam grandes magnitudes, naturaliza-se a aparência de que o valor de troca é inerente à mercadoria, e por isso ofusca-se a percepção do seu valor de uso. Então, o valor de troca impera soberano sobre o valor de uso e passa-se a produzir como se a permuta fosse a verdadeira essência da mercadoria; nas relações imediatas esse processo se naturaliza.

A constante repetição da troca transforma-a em um processo social regular. Com o correr do tempo, torna-se necessário, portanto, que parte do trabalho seja intencionalmente feita para a troca. A partir desse momento, consolida-se por um lado, a separação entre a utilidade das coisas para as necessidades imediatas e sua utilidade para troca. Seu valor de uso dissocia-se de seu valor de troca. Por outro lado, torna-se a relação quantitativa, em que se trocam, dependente da sua própria produção. O costume fixa-as como grandezas de valor (MARX, 1993, p. 82).

Como percebemos, o valor de troca se naturaliza e se desenvolve, adquirindo paulatinamente uma situação de prestígio, e na sociedade regida pela lógica do mercado, a importância da mercadoria passa a superar a do próprio homem. Em outras palavras, o valor aderido ao objeto ganha notoriedade na sociedade mercantil, subjuga o valor de uso e assume a primazia sobre o sujeito. A esse processo Marx intitulou de *fetichismo da mercadoria*. Ele se refere ao “nebuloso mundo da religião” para estabelecer uma relação de semelhança com o processo em que a criatura domina o criador.

Não é nada mais que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantém relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (MARX, 1983, p. 71).

O fato preciso, exato, produtor do ocultamento do trabalho no objeto e da gênese da mercadoria portadora de fetiche, ocorre no hiato da conversão do trabalho concreto em abstrato, do objeto de uso em objeto para troca. É a dissolução do trabalho como possibilidade de realização da universalidade genérica humana em “gelatina”. O ocultamento também alcança um nível mais profundo. O trabalho humano constituinte da mercadoria não aparece de forma imediata, por isso a aparência trata de apresentar os produtos como autênticos possuidores do trabalho, da substância social. Diante disso, nessa sociedade regida pela associação mercantil, as relações sociais aparentam ocorrer entre os objetos, fora dos homens e independente deles e esse processo reprodutivo tende a se naturalizar (MARX, 1983).

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais destas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais (MARX, 1983, p. 71).

Entretanto, segundo o autor, nessas condições históricas em que o domínio do mundo objetivo se amplia e se solidifica, as relações humanas se tornam representações das relações econômicas; esse processo alcança a sociedade com tal força capaz de constituir também a *fetichização das relações sociais*. O domínio do objeto sobre o sujeito é revelado pelo seu poder de converter *representação em realidade*, atuando diretamente na vida do sujeito. Comprova-se assim o domínio do mundo das coisas sobre os homens, o qual passa a limitar e a determinar as ações humanas e as relações sociais.

Se tenho vocação para estudar, mas sem dinheiro para isso, então não tenho vocação para estudar, isto é, uma vocação *efectiva, genuína*. Reciprocamente, se não tenho a verdadeira vocação para estudar, mas tenho a vontade e o dinheiro para isso, então tenho a vocação *autêntica* (MARX, 1993, p. 233).

Retornemos ao início, porém em outro nível, a mercadoria é uma coisa construída em etapas. Na esteira produtiva uma fase não diz respeito à outra, os trabalhadores não reconhecem o processo integral, mas somente a parte pela parte; os canais de conexão e comunicação do todo estão obstacularizados. Isso ocorre devido à fragmentação do próprio processo produtivo que acontece na realidade, e assim não há relação entre o objeto produzido na indústria e aquele que surge na vitrine.

Na sociedade mercantil esse processo ganha força e avança, pois, essa forma de produção destitui o objeto de uma origem que o identifique de maneira pessoal, útil, como valor de uso. O caráter “místico e misterioso”, a vida inscrita na mercadoria se desdobra na aparência de que ela detém autonomia para se relacionar de forma independente do homem,

pois, o caráter social do trabalho aparece [...] “não como relações diretamente entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas” (MARX, 1983, p. 71).

Neste sentido, Georg Lukács (2003) nos esclarece acerca das estruturas, relações e processos relativos à reificação, os quais são desenvolvidos a partir da fundamentação marxiana sobre a alienação e o fetichismo. Uma vez que a essência da mercadoria se fundamenta nas relações humanas, as quais são ocultadas nela mesma na forma de produção capitalista, o autor busca nos elucidar sobre os desdobramentos do processo em que o objeto assume a preponderância em relação ao homem, isto é, em que a criatura domina o criador, caracterizando a expressão mais desenvolvida da coisificação humana, a reificação.

Lukács (2003) retoma alguns apontamentos para deixar claro que esses processos são específicos dessa particularidade histórica, a qual é fundada pelos ideários iluministas de igualdade e liberdade, porém, conforme os ditames do viés ideológico capitalista. Nas sociedades anteriores também havia exploração, opressão, trabalho homogeneizado, que feriam a dignidade humana, como no caso da sociedade escravista. No entanto, as relações entre os homens eram transparentes, diferentemente desta, em que o véu da aparência oculta as relações sociais verdadeiramente constitutivas do mundo objetivo.

A separação do produtor dos seus meios de produção, a dissolução e a desagregação de todas as unidades originais de produção etc., todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: *substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais* em que eram mais transparentes as relações humanas (LUKÁCS, 2003, p. 207, grifo nosso).

Um ponto central de crítica ao marxismo reside no seu suposto reducionismo econômico, pelo fato das relações mercantis constituírem uma base fundamental e geral, cujo metabolismo propicia os desdobramentos que tendem a alcançar a totalidade social. Sobre esta questão, Lukács (2003) nos esclarece que, embora as relações mercantis não fossem inventadas pelo capitalismo, - nas sociedades anteriores elas já existiam – o fetichismo, alcançando a totalidade social, é um fenômeno específico dessa particularidade histórica.

Segundo o autor, esse processo se desenvolveu fundamentado no caráter universal engendrado por esta forma de produção, expresso por uma estrutura econômica unificada, padronizada, reproduzindo de maneira espelhada, a sociedade e a consciência unitária do indivíduo. Esse processo constitui a consciência unitária, justamente pelo fato dela se formar capturada por este padrão universal, estruturado pelo trabalho alienado e pela propriedade privada, não estabelecendo um sentido integrado, orgânico com a comunidade, não se

comunicando com quem de fato produz. Esse processo pode ser revelado através da análise da estrutura e do significado da mercadoria.

Os objetos que satisfazem as necessidades não aparecem mais como os produtos de processo orgânico da vida de uma comunidade (por exemplo, numa comunidade aldeã). Por um lado, são vistos como exemplares abstratos da espécie que por princípio são idênticos aos seus outros exemplares e, por outro, como objetos isolados, cuja posse ou ausência dela depende de cálculos racionais. Somente quando toda a vida da sociedade é pulverizada dessa maneira em atos isolados de troca de mercadorias, pode surgir o trabalhador “livre”; ao mesmo tempo, o seu destino deve tornar-se o destino típico de toda a sociedade (LUKÁCS, 2003, p. 2003, p. 207-208).

Conforme o autor, os elementos essenciais destas relações se tornaram cada vez mais obscuros pelo fato desse processo se desenvolver em engenhosas articulações, surgindo os comerciantes intermediários e a crescente fragmentação da produção, estabelece-se equivalência entre os diversos produtos e a própria força de trabalho deve ser vendida, pois, [...] “é típico da estrutura de toda a sociedade que essa auto-objetivação, esse tornar-se mercadoria de uma função do homem revelem com rigor extremo o caráter desumanizado e desumanizante da relação mercantil” (*Ibid*, p. 209).

Segundo Lukács (2003) a racionalização da produção é um elemento fundamental nesse processo, pois, a partir da fragmentação do objeto e, portanto, da produção em operações realizadas em etapas, as partes do objeto adquirem certa autonomia entre si. Ademais, o desenvolvimento das técnicas produtivas atendem à necessidade do aumento da produtividade, expressado pelos resultados obtidos em cada etapa, implementado uma especialização cada vez mais precisa e exata. Tudo isso é regido pelas leis da previsibilidade e pelo cálculo econômico, para que se possa atingir a meta e a produtividade estabelecida (LUKÁCS, 2003).

Assim, conforme o autor, esse processo ocorre no campo material, promovendo a segmentação e o isolamento das etapas da produção e do objeto, a condição do trabalhador é reduzida à posição da sua função na fase específica, determinado pelo cálculo da quantidade de trabalho socialmente necessário nesta etapa. Ademais, o trabalho se torna a repetição mecânica de uma atividade destituída de sentido, produzindo um automatismo que alcança até a *alma do trabalhador*, aprofundando a perda da compreensão da totalidade das relações sociais.

O processo de trabalho é fragmentado, numa proporção continuamente crescente, em operações parciais abstratamente racionais, o que interrompe a relação do trabalhador com o produto acabado e reduz seu trabalho a uma função especial que se repete mecanicamente. [...] Com a moderna análise “psicológica” do processo de trabalho (sistema Taylor), essa mecanização racional penetra até na “alma” do trabalhador: inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua

personalidade e são objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito calculador (LUKÁCS, 2003, p.201-202).

Desta forma, as verdadeiras relações sociais, amplas e humanizadas, ficam comprometidas, uma vez que a noção da totalidade foi perdida, pois, elas ocorrem com base na racionalização, na quantificação e na própria instrumentalização de si. O trabalhador passa a ser integrado ao processo produtivo como uma peça de uma grande engrenagem que funciona de maneira independente dele, cuja forma determina a sua especialização e adaptação ao sistema. Neste sentido, conforme o autor:

[...] essa fragmentação do objeto da produção implica necessariamente a fragmentação do seu sujeito. [...] Como o processo de trabalho é progressivamente racionalizado e mecanizado, a falta de vontade é reforçada pelo fato de a atividade do trabalho perder cada vez mais seu caráter ativo para tornar-se uma atitude contemplativa (LUKÁCS, 2003, p.203-204).

A compreensão acerca deste processo é fundamental, o qual podemos apreender na atividade mecânica do trabalhador, seja na cibernética ou na estiva, no escritório ou no canteiro de obras, isto é, a atitude contemplativa salta da materialidade, como expressão do processo produtivo como um todo, para a subjetividade do trabalhador. Porém, eis o segredo, de maneira imperceptível e determinante, esta forma de compreender e de produzir a vida, se converte em uma matriz estrutural da consciência do indivíduo.

A origem deste processo reside na alienação, na separação entre o produtor e o produto, cujo desenvolvimento converte o homem em apêndice da máquina, ou seja, em objeto. Porém, este engendramento enigmático não está posto de forma imediata, pois, é o homem que opera a máquina, é ele que aperta o botão com seus braços e pernas, ossos e músculos. Neste contexto, somente através do esforço intelectual e da análise processual é que podemos apreender os mecanismos desenvolvidos e revelar as suas mediações ocultadas na aparência imediata.

Assim, conforme Lukács (2003), este processo se universaliza no modo de produção atual, pelo fato deste ser estruturado na relação sujeito-objeto. A abrangência deste processo assim como a sua determinação alcança todos os indivíduos, a totalidade das relações sociais, independente da classe ou da função desempenhada, constituindo um modelo estrutural de consciência padrão, a consciência unitária.

Diante de todo este contexto, segundo Lukács (2003), a consciência reificada se reconhece através da representação dos elementos constitutivos da forma de produção capitalista, pois, as verdadeiras relações sociais, estão ocultas na aparência imediata mercantil,

a tal ponto desses elementos se tornarem imperceptíveis e irreconhecíveis. Esse processo reproduz e aprofunda a coisificação humana, pelo fato dele alcançar todas as instâncias da vida social e, principalmente, por se apresentar de forma naturalizada.

Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva (LUKÁCS, 2003, p. 211).

Para o autor este é o ápice do processo, qual seja, a conformação da estrutura da consciência à realidade capitalista. Um processo engendrado pela fragmentação progressiva do objeto e do sujeito, motivando a perda dos nexos que constituem a totalidade social, isolando-os em etapas cada vez mais exatas, proporcionando as condições para uma especialização mais precisa e produtiva através da racionalização, do cálculo e da previsibilidade, não apenas do sujeito-objeto, mas da vida.

Gyorgy Márkus (2015) colabora com a nossa compreensão acerca deste processo ao nos esclarecer que, o desenvolvimento histórico caminha para a constituição do indivíduo livre, visto que atualmente ele se encontra liberto de constrangimentos vivenciados no passado. Porém, o indivíduo atual é “abstrato”, pois, ele é livre em um certo sentido jurídico, mas a sua atividade e a sua vida [...] “são de fato determinadas por condições e circunstâncias sociais que atuam de forma objetiva e *independente dele*” (MÁRKUS, 2015, p. 136, grifo nosso).

Ademais, o autor contribuiu com o desenvolvimento do conceito de cultura que realizamos, um processo em que os objetos *incorporam* na sua estrutura física as normas e as regras sociais produzidas pelos homens. No entanto, de maneira mais desenvolvida, o mundo material não só *incorpora* a reificação, mas se reproduz no seu próprio criador, o homem.

[...] na vida social humana, os produtos funcionam não apenas dentro de uma rede de regras que definem o modo de seu *uso ‘técnico’* (e, assim, o caráter de sua utilidade), mas, também, em uma rede de relações sociais que define as condições e o caráter de seu *emprego social*. Eles não são apenas objetivações das faculdades essenciais humanas, mas também os *portadores das relações sociais*, que são *materializadas e reificadas* neles, tanto quanto eles são *personificados* nos agentes vivos de produções (MÁRKUS, 2015, p. 59).

A riqueza deste estudo reside na sua contribuição fundamental para descortinar um processo que alcança a totalidade das relações sociais de maneira decisiva. As determinações aqui desenvolvidas, - a propriedade privada, o viés ideológico do capital acerca da liberdade e da igualdade, o ocultamento das relações sociais nos objetos, a fragmentação do processo, do objeto e do sujeito - em suma, a alienação, o fetichismo e a reificação,

passaram a constituir a consciência do indivíduo, a determinar a forma e o conteúdo do seu olhar para o mundo e para si.

São estas determinações que fundamentam a sociedade atual, que constituem uma base mediadora para a compreensão da vida nesta sociedade, as quais produzem as categorias sociais que carregam e expressam estes conteúdos, modelando os indivíduos de maneira espelhada. Estas determinações formam uma base que possibilita a análise do objeto em um contexto “historicamente específico e socialmente estruturado” (THOMPSON, 2011), os quais sustentam uma análise sociocultural substancial, pois, um negro se torna escravo somente em determinadas condições (MARX, 2010).

Certamente, essa universalidade do problema só pode ser alcançada quando a formulação do problema atinge aquela amplitude e a profundidade que possui nas análises de Marx; quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema isolado, tampouco como um problema central da economia enquanto ciência particular, mas como um problema central e estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Pois somente nesse caso pode-se descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa (LUKÁCS, 2003, p.193).

Apreendemos esses processos partindo da base material que se desdobra nos campos objetivo e subjetivo, atingindo a dimensão social como um todo, e conferindo ao mundo dos objetos relevância superior ao próprio homem. A questão essencial desse processo reside na relação do homem com o próprio homem, pois, é nesse processo que ele se constitui como ser humano, porém, nesta particularidade histórica, o reconhecimento recíproco está obstaculizado, e por fim, coisificado.

A síntese de todo este processo é condensada na consciência, propiciando um reducionismo histórico na constituição do indivíduo, revelando a sua fragilidade, pois, ele outorga ao objeto a condição de sujeito, uma vez que o outro homem foi convertido e reconhecido como objeto. Esta compreensão apresenta o nexo entre a reificação e o nosso objeto, sendo a reificação a expressão mais desenvolvida do processo, o qual traz como elementos fundamentais a alienação e o fetichismo.

Este processo é constitutivo do indivíduo, o qual reconhece uma realidade falsa e invertida como a verdadeira realidade, justa e igualitária. Para a consciência unitária e reificada, o estágio é um espaço democrático e imparcial, a tatuagem pode ser apenas um desenho, algo simples e efêmero. Ademais, diante de uma compreensão fragmentada a respeito deste processo constituinte do ser social, refletindo a própria realidade parcializada, ele se vê autônomo, independente e livre. Este processo nos esclarece acerca da insuficiência

do indivíduo para refletir sobre os processos constitutivos da sua própria vida, da sua interdependência social.

Percebemos algumas expressões relativas à este processo na nossa pesquisa de campo, da manifestação da efemeridade atribuída à tatuagem, como uma simples homenagem ao time, revelando a contradição, a fragmentação e o isolamento de si, da consciência em relação ao outro, ao coletivo e ao todo, pois, a realização de uma tatuagem não é algo superficial³. Embora existam técnicas de remoção, esta forma de marcar o corpo liga o indivíduo ao grupo por toda uma existência, porém, segundo o torcedor, o significado da tatuagem é [...] “pra mostrar simplesmente o carinho, eu só demonstrei um carinho, mas é a mesma coisa se eu tivesse ou não. É só um carinho mesmo” (Entrevista nº 15, dia 26 de julho de 2016, Goiás x Luverdense).

Ademais, o torcedor se referiu ao estádio como um espaço democrático e igualitário, revelando a força da aparência, do imediato e da fragmentação em ocultar a realidade, pois, nas arquibancadas, o ambiente reservado para a classe baixa, cujo valor do ingresso é menor, - a cobertura contra chuva, os banheiros e lanchonetes, a posição do sol - não possuem uma condição boa, diferentemente do ambiente reservado para a classe alta, estabelecendo um tratamento hierarquizado para o público, conforme observamos nas fotografias à frente. Embora a contradição já seja explicitada na própria entrevista, na representação do torcedor como “zé mané”, este espaço é compreendido de maneira falsa, como um espaço democrático e igualitário⁴.

Dentro da torcida ninguém é melhor do que ninguém, todo mundo é igual, não adianta o cara vim dizer dentro da minha torcida que é rico, que é dono de empresa. Na torcida ele é o mesmo zé mané que eu, é o mesmo cara, ninguém é mais do que ninguém, não tem preto, não tem branco, não tem religião, não tem nada, é todo mundo igual (Entrevista nº 07, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis).

³ Na nossa pesquisa de campo 72,2% dos torcedores se referiram à tatuagem como simples homenagem ao clube, e 27,7 % compreendem este processo como algo sério [...] “vamos perder essa tatuagem só quando for para o caixão” (Entrevista nº 12, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

⁴ Neste sentido, Pimenta (1997, p. 45) assevera que [...] “o torcedor não percebe que há um falso espaço demarcatório no estádio, que sintetiza a sua condição social (geral, arquibancada e numeradas); que em determinados casos o alambrado lembra um zoológico cercado animais; que se não pagar o ingresso é barrado no portão”.



Fotografias 32 a 35 - Bebedores nas arquibancadas X bebedores nas cadeiras
Fonte: Acervo próprio



Fotografias 36 a 39 - Banheiros nas arquibancadas X banheiros nas cadeiras
Fonte: Acervo próprio

Segundo Reis (2006), na divisão entre tribunas, cadeiras e arquibancadas, podemos realizar uma leitura em que se encena uma “teatralização” das relações sociais mais amplas, ou seja, uma forma de representação da sociedade e das suas contradições. Neste sentido, para Pimenta (1997), as formas das manifestações dentro dos estádios deslocam a verdadeira compreensão da realidade, pois, “Há, contudo, através do jogo de bola, o fornecimento de um falso espaço de liberdade e de igualdade dispersas do real e os espectadores, tomados de um frenesi, se calam diante da dor, da fome, do analfabetismo e da opressão” (PIMENTA, 1997, p.52).

Neste contexto em que o sistema societário se estrutura mediado pela exploração e pela opressão, as relações sociais escondidas nos objetos tendem a se naturalizar, assim como a importância do objeto sobre o homem⁵, expressada pelo torcedor que concretizou a promessa de fazer uma tatuagem *para o clube*: [...] “ai eu falei que se a gente fizesse o gol naquele lance, eu falei que eu ia fazer uma tatuagem *para o Atlético*” (Entrevista nº 10, dia 18 de junho de 2016, Atlético x CRB).

As questões centrais desse processo foram determinadas inicialmente pela forma de produção alienada e pela propriedade privada, cujo desenvolvimento atribuiu ao mundo dos objetos relevância superior ao próprio homem, caracterizando o fetichismo na sociedade burguesa. Os desdobramentos deste processo alcançaram a totalidade social, uma vez que o homem outorgou ao objeto a condição de sujeito, as relações sociais se converteram em relações entre coisas, sendo esta a estrutura lógica da sociedade capitalista.

3.2 - O SIGNIFICADO SOCIOCULTURAL DO FUTEBOL-EMPRESA

Assim compreendemos a força do contexto histórico, estabelecendo processos determinantes para a constituição do indivíduo e da sociedade. Na forma de organização capitalista reside a chave deste processo, em que o mundo das coisas se desenvolve, inicialmente sob o caráter utilitário, com a função de suprir necessidades. Segundo Demerval

⁵ Neste sentido, diante das condições de educação e saúde no Brasil, Zirin (2014) aponta para a contradição em que a importância atribuída ao mundo das coisas suplanta o ser humano, “Ninguém reconhece que ao priorizar os jogos acima de qualquer coisa, cada novo estádio da Copa do Mundo, esse ‘elefante branco’, é transformado em um poderoso símbolo do quanto as pessoas se sentem deixadas para trás” (ZIRIN, 2014, p. 33).

Saviani (2006), uma vez que os elementos materiais, simbólicos ou afetivos habitam o reino das necessidades humanas, eles são abarcados pela dimensão utilitária, e nesta sociedade podem ser trocados por outros objetos, desenvolvendo o fundamento central desta organização social, a mercadoria.

A sociedade atual, organizada sobre a base da propriedade privada dos meios de produção (capital), por ser uma sociedade centrada na troca, tende a converter tudo em mercadoria. Por isso essa sociedade, além de ser chamada de capitalista ou burguesa, é também conhecida como sociedade de mercado. Nela não apenas os bens materiais, mas também os bens espirituais ou simbólicos acabam caindo sob o signo da mercadoria (SAVIANI, 2006, p. 16).

Neste sentido, conforme Reis (2005), o futebol é uma das grandes invenções da sociedade moderna, se adaptando de maneira integrada à globalização do capital. Portanto, é preciso analisá-lo no contexto e na estrutura específica desta particularidade histórica, almejando descortinar as relações e os processos constitutivos do fenômeno futebolístico.

Considero necessário compreender o espetáculo futebolístico como mais um produto do capitalismo e, portanto, ele deve ser analisado dentro do sistema de metabolismo social do capital, o que vale dizer que são intrínsecos ao futebol as desigualdades, ambiguidades, simbolismo e violência presentes nas sociedades modernas, pois todos esses são frutos do pseudo-progresso do capitalismo no final do século XX (REIS, 2005, p.127).

Mauro Betti (1998) nos esclarece que desde o império romano, grandes multidões aglomeravam-se nos estádios, mas somente na era moderna surgiram os espectadores dispostos a pagar para assistir os jogos esportivos. Esse processo se desenvolveu concomitante à institucionalização e à profissionalização do futebol durante o século XIX. Mas o fato decisivo para a sua conversão em espetáculo de massa ocorreu no século XX, com as transmissões realizadas pela televisão, modelando as competições para serem consumidas pelos telespectadores.

Segundo o autor, as transmissões à longa distância e ao vivo, possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico dos sistemas de satélites, fundaram o “esporte espetáculo”, pois “A TV é telepresença, o objeto é *presenteado* (e não mais representado) em tempo real – daí o sensacionalismo da ‘transmissão ao vivo’. O esporte molda-se perfeitamente à forma dessa nova linguagem; tudo é instantaneidade, ação e velocidade” (BETTI, 1998, p. 34).

Este processo dialoga diretamente com o tema desenvolvido por Guy Debord (2003) sobre a *sociedade do espetáculo*, em que o autor contextualiza as contribuições marxianas acerca do fetiche da mercadoria e os seus desdobramentos, enfocando as questões relativas à mediação imagética. Debord (2003, p. 14) nos esclarece que: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”.

Como vimos, o fetichismo é um processo que se desenvolve a partir da separação entre o produtor e o produto, em que a substância humana se acumula no objeto de forma oculta, atribuindo-lhe valor social, autonomia, além da condição de verdadeiro sujeito, uma vez que seus atributos são determinantes do homem. Segundo Debord (2003) a imagem possui uma característica especial, ela traz em si, a capacidade de representação na sua expressão mais aparente, além de estabelecer a comunicação acerca desta representação de maneira instantânea e veloz. Os meios de comunicação de massa utilizam essa característica imagética, impulsionando o consumo e colaborando de maneira decisiva para consolidar o fetichismo, a autonomia do mundo objetivo, assim como para aprofundar o ofuscamento a respeito da verdadeira relação social entre os homens. Desta forma, [...] “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (DEBORD, 2003, p. 16).

Podemos contextualizar o nosso objeto acerca desta questão observando as fotografias à frente, em que captamos de maneira imediata, a produção do espetáculo mediado pela manifestação imagética, constituído por uma estética cuja intensão é conquistar o olhar do torcedor e incentivar o consumo. Segundo Debord (2003), a necessidade básica de moradia e alimentação, hoje foi substituída pela riqueza ilusória da sobrevivência, esta, [...] “é a base real da aceitação da ilusão em geral no consumo das mercadorias modernas. O consumidor real torna-se um consumidor de ilusões. A mercadoria é esta ilusão efetivamente real, e o espetáculo a sua manifestação geral” (*Ibid*, p. 36).



Fotografias 40 e 41 - Futebol e a Sociedade do Espetáculo

Fonte: Acervo próprio

Neste sentido, Debord (2003, p. 32) explicita o alcance deste processo, pois, “O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à *ocupação total* da vida social”; assim como o seu progressivo acirramento, uma vez que, [...] “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo” (*Ibid*, p. 26).

A apreensão deste processo é fundamental pelo fato dele estabelecer de maneira mais clara as relações entre a alienação, o fetiche, a reificação e o espetáculo futebolístico, pois, o conjunto de relações que constituem o objeto pode ser condensado na imagem, cuja imediaticidade facilita justamente a apreensão das cadeias funcionais interdependentes. Em suma, assim como a imagem possui a capacidade de aprofundar o ocultamento das relações sociais constitutivas do objeto na sua aparência imediata, ela também possibilita a leitura dos processos, estruturas e relações sociais impregnadas nela mesma, revelando os nexos e o elemento capaz de elucidar este ocultamento, a contradição.

Todo este contexto dialoga com as transmissões televisivas dos eventos esportivos, uma vez que a sua produção é mediada pela imagem. Segundo Betti (1998), os eventos esportivos transmitidos se integram ao âmbito comercial, colaborando para o desenvolvimento mercantil do ramo de entretenimento, em que, inicialmente atraiu os patrocinadores interessados em estimular o consumo dos produtos esportivos, ampliando posteriormente para as outras áreas comerciais. Confirmamos este processo nas fotografias à frente, observando que as placas de propaganda são posicionadas no estádio, orientadas apenas pelo ângulo de captação das câmeras de televisão, isto é, na visão onde as câmeras não captam, não há placas.



Fotografias 42 e 43 - Placas de propaganda posicionadas para as câmeras de TV

Fonte: Acervo próprio

Assim, a televisão se consolidou como um instrumento altamente competente no propósito de multiplicar quantitativamente os telespectadores consumidores. Neste sentido, o jogador ídolo passou a ser bastante explorado nas campanhas publicitárias⁶, construindo uma associação entre o sucesso do atleta e o consumo do produto anunciado (BETTI, 1998).

Segundo Marcelo W. Proni (2000), a abertura das fronteiras globais nos âmbitos político e econômico, criou novas possibilidades para as transmissões esportivas realizadas pelos meios de comunicação para todo o mundo. Desta forma, o futebol foi absorvendo o processo de mercantilização, e desenvolvendo internamente, de maneira crescente, a lógica do capital, isto é, a acumulação e a concentração de capital, a administração empresarial e de marketing, o investimento do capital privado, e entre outros, a liberalização da concorrência, expressada pela desregulamentação do controle público e pela necessidade de atingir e de superar as metas financeiras (PRONI, 2000).

Neste sentido, segundo o autor, os interesses e conflitos passaram a ser solucionados no âmbito mercadológico, o que contribuiu para aumentar as desigualdades no futebol, estabelecendo as posições centrais e marginais entre os clubes grandes e os pequenos, os integrados e os excluídos, provocando uma imensa heterogeneidade⁷. “Não há dúvida de que o futebol profissional, nas sociedades de consumo de massa, metamorfoseou-se numa atividade empresarial altamente competitiva ligada ao dinamismo do ramo de entretenimento e de comunicações” (*Ibid*, p. 87).

Porém, segundo Roberto Ramos (1984), esta não é uma escolha, mas é uma questão de sobrevivência, uma vez que o objetivo do clube-empresa é o lucro e o resultado, assim como qualquer outro processo produtivo capitalista. “No futebol, a vitória e os campeonatos significam lucros. É um mercado, que produz e vende espetáculos” (RAMOS, 1984, p. 111).

⁶ Neste contexto, uma reportagem publicada na revista Carta Capital se refere ao jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho, o qual representa a personificação deste processo que se repõe e se atualiza através dos novos jogadores. “O atacante da Seleção Brasileira e do Barcelona é a mina de ouro desta Copa. A lista é grande: brinquedos estrela, chicletes Bubbalo, o picolé da Kibon, o desodorante Rexona, um álbum de figurinhas do Maurício de Sousa, Camisa da Nike, operadora de celular Oi, isotônico Gatorade, guaraná Antarctica, Santander Banespa e o Cartoon Network” (PACHECO, 2006, p. 15).

⁷ Algumas equipes de futebol possuem uma estrutura completa, o centro de treinamento com laboratórios de biomecânica e fisiologia, academia de musculação, piscinas aquecidas, apartamentos, vários campos de futebol, equipes com médicos, psicólogos e nutricionistas - todos especialistas na área esportiva. Outras equipes não possuem estas condições, em alguns casos, nem uniforme reserva, conforme observamos na nossa pesquisa de campo na partida entre Goiás x Novo Horizonte, em que, após jogar o primeiro tempo da partida sob chuva e lama, apenas uma das equipe voltou para o segundo tempo com o mesmo uniforme desfigurado.

Assim, conforme Carlos Pimenta (1997), diante desta obrigatoriedade, esse processo se desenvolveu a tal ponto dos dirigentes buscarem mecanismos obscuros para manipular os resultados, como no caso da ‘máfia da loteria esportiva’. “O profissionalismo nos grandes clubes torna o futebol um negócio altamente rentável e aos poucos clarifica o comportamento dos dirigentes esportivos [...] coisificando o jogo, que assume o caráter rigoroso de uma mercadoria” (PIMENTA, 1997, p.55-56).

Segundo Proni (2000), os interesses mercantis impulsionaram a profissionalização das equipes, dos jogadores e a disseminação das transmissões televisivas do futebol, esse processo formou uma base para que outras mudanças estruturais ocorressem, rompendo com a tradição e a resistência à sua comercialização. Um fato emblemático deste processo, - o qual gerou muita polêmica - foi a presença das marcas dos patrocinadores nos uniformes dos atletas. Assim, a partir da década de 1980:

Na era da globalização, o mundo do esporte-espetáculo ficou enfim aberto à modernidade das leis do mercado livre, da produção cultural industrializada, da iniciativa privada em busca de ganhos econômicos. Nesse novo contexto, é natural que o esporte institucionalizado e mercantilizado tenha sido afetado profundamente: *o esporte espetáculo deixou de ser uma atividade-fim e tornou-se uma atividade meio*; as equipes tornaram-se propriedade ou passaram a integrar as estratégias de acumulação de corporações empresariais; e *os torcedores* passaram a ser tratados (inclusive pelos meios de comunicação de massa) como *clientes e consumidores* (PRONI, 2000, p. 255, grifos nossos).

Desta forma, este processo alcançou a arquibancada, estabelecendo um novo perfil para os torcedores clientes e consumidores. Conforme o autor, a origem desta mudança reside justamente na mercantilização do futebol, o qual deixou de ser gerido por dirigentes esportivos e passou a ser administrado por empreendedores comerciais e de marketing. Neste novo cenário, as ações dos clubes passaram a ser determinadas pelo mercado, pela relação custo-benefício entre o preço do ingresso e o conforto e a segurança do torcedor-cliente, colocando o respeito ao acesso e a democracia no estádio, fora do seu escopo. Portanto, o fundamento da relação entre o torcedor e o time passou a ser puramente econômico, [...] “selando assim a conversão dos torcedores em meros consumidores” (PRONI, 2000, p. 87).

Ademais, o universo futebolístico passou a integrar o mundo dos negócios, uma instituição esportivo-empresarial da indústria do entretenimento constitutiva da rede econômica capitalista, e, portanto, subordinada às suas leis. A liberdade e a igualdade no futebol articuladas nesta sociedade ficaram comprometidas, pelo fato de serem fundamentadas na forma de propriedade privada, uma vez que:

[...] a competição ‘pura’, ‘leal’, livre de barreiras e monopólios é uma ilusão. O ponto de partida não é o mesmo para os competidores. Os mercados são dominados por uns poucos. A liberdade é meramente formal. O direito de participar da ‘primeira divisão’ é propriedade de uma minoria. A desigualdade é crescente. E, ao contrário da ética esportiva – pela qual, finda a competição, a contagem é ‘zerada’ e se reestabelece a [suposta] igualdade -, no campo econômico a disputa pode terminar com o descrédito e a falência de uns, e maior concentração de poder nas mãos de outros. Portanto, o problema é que, na nossa sociedade, a incorporação do ‘moderno’ costuma ficar restrita ao topo da pirâmide e que esse processo tende a acirrar o individualismo e a romper os laços de solidariedade social, o que se conjumina com a imposição de um projeto neoliberal de Nação (PRONI, 2000, p. 264).

Entretanto, segundo o autor, todo esse processo não coloca o futebol em risco, - pois, a alma do espetáculo é a paixão dos torcedores pelos clubes, a qual a própria iniciativa privada tratou de garantir através da continuidade das tradições, incentivando as rivalidades e os processos rituais pela exposição midiática. Embora algumas equipes já foram extintas e outras ainda o serão, o sistema se mantém. Ademais, o Estado também colaborou com a manutenção deste quadro, evitando o abuso de poder, fiscalizando e criando leis, - como as leis Zico e Pelé - que regulamentaram o mercado, as condições de trabalho e a comercialização dos jogadores⁸ (PRONI, 2000).

Desta forma, compreendemos que este processo revela a conversão do futebol como elemento cultural e constitutivo da identidade nacional em *mercadoria*, substituindo as associações esportivas pela maximização dos lucros. Entretanto, por um lado, foi preciso preservar o seu espírito cultural, como um elemento puro, que habita o âmbito tradicional, - uma destas manifestações é a *zebra*, situação em que uma equipe ‘pequena’ vence uma ‘grande’ - e carrega toda uma carga substancial que alcança o que o torcedor tem de mais profundo. Por outro lado, este processo garante a reprodução do sistema capitalista, pois, mantém a chama da paixão clubista acesa, a qual se mantém aquecida através do consumo no âmbito futebolístico.

⁸ Neste contexto, vejamos algumas observações que dialogam com o processo de conversão e integração do futebol no mercado. **1** – O trabalhador jogador de futebol é a expressão mais evidente da conversão do homem em mercadoria, pois, ele é literalmente vendido; **2** – Neste sentido ele é reduzido a coisa, pois, se torna uma peça de reposição, conforme observamos na seguinte matéria: “Cruzeiro perde goleadores de 2014 e busca peças de reposição” (FERNANDES, 2015); **3** – Para sustentar o topo da pirâmide social é preciso manter uma base maior, isso é feito pela mídia ao divulgar que os jogadores de futebol têm salários com valores bastante elevados e possuem uma vida cheia de glamour e tietagem. O que não se conta é que: “Atraída pelo ‘sucesso’, ‘dinheiro’, e ‘fama’, aumenta a penúria social dos jogadores de futebol no Brasil e a grande maioria (70,6%) recebem de um a dois salários mínimos mensais. Apenas 3% dos atletas recebem salários superiores a dez mínimos e o restante permanece na faixa de dois a dez salários mínimos” (PIMENTA, 1997, p.55, grifo nosso). **4** – O processo de fragmentação chega ao ponto do jogador contratar um plano de seguro para suas pernas. Segundo a MBS Seguros: “A mais tradicional companhia de seguros britânica, Lloyd’s, também é famosa por atender celebridades interessadas em fazer seguro de partes de seus corpos. São apólices milionárias que visam garantir o ganha-pão das personalidades em caso de acidente ou invalidez funcional – não do corpo todo, mas de parte específica fundamental ao trabalho. O jogador de futebol português Cristiano Ronaldo tem seguro de suas pernas no valor de 100 milhões de euros” (MBS, Seguros, 2015).

Segundo Dunning (1992) a origem desse processo que converte o esporte amador em futebol-empresa, pode ser apreendido a partir do desenvolvimento industrial e da crescente necessidade das equipes obterem resultados positivos, como uma condição de sobrevivência em uma sociedade fundamentada pela concorrência. Assim, o significado social do futebol se tornou cada vez mais sério. Dentre uma constelação de aspectos que contribuíram para este destaque, o autor evidenciou três inter-relacionados:

- 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; e, 3), a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas (DUNNING, 1992, p. 322-323).

O autor realizou uma classificação, estabelecendo dois tipos de ligações entre os indivíduos e os grupos, - as segmentares e as funcionais - objetivando compreender a redução da violência no esporte moderno⁹. Porém, para o nosso estudo, esta classificação nos revela algo a mais. Na nossa pesquisa de campo apreendemos alguns elementos presentes nas manifestações comportamentais dos torcedores nos estádios, que conformam com as ligações de tipo segmentar¹⁰. Este fato nos revela que no estádio há uma relação social diferenciada, com traços da sociedade tradicional, a qual se aproxima da *communitas*, isto é, uma sociedade que se encontra em suspensão em relação ao mundo fora do estádio, uma sociedade liminar.

Todo este contexto colabora de maneira decisiva para a intensificação e a solidificação dos laços emocionais entre o grupo e o indivíduo. Segundo Reis (2006) o mundo do futebol oferece ao indivíduo uma possibilidade para ele construir a sua identidade, para reconhecer o seu 'eu' individual e o 'nós' coletivo. Um processo que ao contatar indivíduos carentes de identidade, [...] "pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a sua equipe, ou entre a sua vida e a vida de um ídolo [...] vivem para ela e, por ela, chegam a

⁹ Eric Dunning (1992a) desenvolveu esta classificação com o olhar voltado para o movimento histórico, em especial, para a passagem do medievo para a modernidade. As ligações segmentares entre os indivíduos e os grupos carregaram as particularidades das sociedades tradicionais, anteriores à fase histórica revolucionária, e as ligações funcionais são apreendidas nas sociedades urbanas e industriais, de maneira geral elas são antagônicas. O objetivo do autor foi explicar que a violência diminuiu no esporte da atualidade, pelo fato das ligações funcionais serem orientadas pelo autocontrole pulsional, característico do processo civilizador.

¹⁰ Diário de Campo: resultado do confronto entre as características dos torcedores apreendidas na nossa observação de campo e a classificação das ligações segmentares desenvolvidas por Eric Dunning (1992a): estreita identificação com grupos rigorosamente circunscritos; ligações locais; reduzida mobilidade social e geográfica; reduzido controle emocional; procura de excitação imediata; formas populares de desporto que consistem, basicamente, numa extensão ritualizada de combate entre bandos locais; nível relativamente alto de violência manifesta; tendência estruturalmente criada para formarem bandos a volta de linhas de segmentarização social e para estes confrontarem outros bandos locais; ênfase na agressividade masculina (DIÁRIO DE CAMPO, junho, 2016).

perder qualquer outra referência, pois é essa experiência compensatória que lhes dá identidade” (REIS, 2006, p. 40-41).

Na nossa pesquisa de campo o torcedor se expressou neste mesmo sentido, quando perguntamos acerca da importância do time e da torcida na sua vida.

Ahh, pra mim ele é tudo na minha vida né cara, a hora que eu acordo, é pensando, durmo e acordo pensando no Goiás 24 horas por 48 (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu). É mais importante que tudo, família, trabalho, tudo, nota 10, 1000 né, 1000 (Entrevista nº 18, dia 21 de junho de 2016, Vila Nova x Criciúma). A torcida também gera a minha paixão, é meu divertimento, meu lazer. Graças a torcida eu pude conhecer vários estados, realizar altos sonhos, como conhecer o mar e coisas mais que eu já fiz por causa da torcida (Entrevista nº 07, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis). O que me fez ser torcedor do Goiás mesmo de verdade, foi por causa da torcida, o que me emocionou, o que tocou lá no fundo da alma realmente, a arquibancada é a vibração que vem daqui (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Diante destes fatos que emergiram na nossa pesquisa de campo, - embora este processo seja fundamentado na realidade imediata, no futebol-empresa, e, portanto, na ilusão - compreendemos que a experiência vivenciada pelo torcedor no estádio é intensa e lhe oferece a possibilidade de constituir uma identidade substancial e significativa, mediada pela tatuagem.

[Pesquisador] Qual é o significado da tatuagem? Ela vai ter algum significado pra você, a minha tem, a paixão ao clube, a paixão pela torcida, é nas minhas pernas mesmo, é o nome da minha torcida. Entendeu, e no braço o símbolo do clube, eu quero escrever no peito ainda, e vou escrever esse ano ainda *‘a vida me fez Atleticano e eu fiz do Atlético a minha vida’*. [...] Eu vou te dar um exemplo do tamanho do Atlético pra mim, eu deixei de ir no velório de uma tia minha pra vir no jogo do Atlético (Entrevista nº 13, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Na nossa pesquisa de campo apreendemos a tatuagem referente à temática futebolística como um elemento mediador na suposta realização plena do torcedor. Perguntamos acerca da possibilidade da sensação de felicidade mediada pela tatuagem, os torcedores confirmaram, incluindo também o sentimento de completude e realização, sendo gravada no próprio corpo a expressão imagética do seu vínculo emocional.

[Pesquisador] A tatuagem traz felicidade? Traz, muito, me sinto muito, me sinto completo, na verdade eu me sinto completo (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu). Realizado. Cara é... hoje eu já me acostumei, mas mesmo assim me sinto realizado (Entrevista nº 06, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis). Felicidade, muita felicidade, alegria, é como eu falei pra você, é uma coisa que eu amo, então toda hora que eu olho pra ela, eu não arrependo de modo algum de ter feito ela, eu estou demonstrando meu amor no meu corpo (Entrevista nº 07, dia 23 de abril de 2016, Atlético x Anápolis).

Diante deste contexto, Roberto DaMatta (1982) sintetiza o alcance do universo do futebol, como atividade lúdica e séria, como meio e fim, como identidade, como sentido da vida.

[...] o **futebol** é um objeto social complexo e que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes sociedades. Isso permite que um mesmo **sport** seja uma diversão na América e um instrumento de comunicação social e de construção de identidade nacional em países como o Brasil. Num caso, o **futebol** é “fun to watch, but not serious...”. No outro, é um **meio** altamente significativo de veicular mensagens sobre o que é realmente ser brasileiro, sobre o sentido da vida, do destino e do papel da técnica no universo social. Tudo isso de modo direto, gráfico, literal, profundo e dramático (DaMATTA, 1982, p. 29).

Assim, contando com a colaboração de uma realidade social fragmentada e precarizada, produzindo um vazio constitutivo do indivíduo, a experiência no estádio passou a ocupar este espaço, uma vez que esta vivência contribui com a sensação de realização plena no torcedor e dialoga com a sua própria história. Segundo Galeano (2004, p. 140) “O time é a única cédula de identidade na qual o torcedor acredita. E em muitos casos, a camisa, o hino e a bandeira encarnam tradições profundas, que se expressam nos campos de futebol mas vêm do fundo da história de uma comunidade”.

Neste ponto retomamos Norbert Elias e Eric Dunning (1992, p. 115) quando nos dizem que “A falta de pão, que foi mais ou menos remediada, é agora seguida pela ausência de sentido”. Na busca da excitação agradável, pretendendo suprir esta carência, as atividades de lazer passaram a residir no campo das necessidades básicas¹¹, com a função de reequilibrar o indivíduo emocionalmente e romper com a rotina mecanizada e fragmentada da vida moderna.

Todo este processo nos revela que, por um lado, a satisfação atingida na relação entre o torcedor, a torcida e a equipe de futebol, é profunda e significativa, por outro lado, - de maneira contraditória - ela se revela de forma negativa, pois, o torcedor não alcança a satisfação pela mediação da tatuagem, e se reafirma como o ser da incompletude, da falta, conforme o próprio torcedor relata.

Sinto que preciso fazer mais que está faltando, hoje eu já tenho nove tatuagens do Goiás já e pretendo fazer mais umas oito ou dez (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu). Já estou na terceira já. Pretendo fazer mais (Entrevista nº 03, dia 24 de março de 2016, Vila Nova x Gama). Hoje eu arrependo um pouco porque ficou pequena, deveria ter ficado umas quatro vezes maior, pegar peito, costa né, pescoço. Mas eu ainda vou fazer uma maior. (Entrevista nº 08, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia). Uai cara, a sensação foi de querer mais né, de querer fazer mais (Entrevista nº 09, dia 07 de junho de 2016, Goiás x Bahia).

¹¹ Nelson Rodrigues (1993), de maneira inusitada se referiu a esta questão em 1963, no jogo entre Brasil e Espanha. “Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão” (RODRIGUES, 1993, p. 99).

3.3 - FUTEBOL E TATUAGEM: REVELANDO CONTRADIÇÕES

Diante deste contexto, compreendemos que é importante considerar inicialmente que as modificações corporais fazem parte dos processos culturais constitutivos do ser humano, como um complexo conjunto de signos simbólicos e representativos das relações do grupo social que o constitui¹². Isto é, as modificações corporais são processos constitutivos da universalidade cultural humana, são construídas historicamente e aprendidas socialmente, assim como a língua.

Entretanto, conforme Le Breton (2004) nos esclareceu, as modificações corporais contribuem para a construção da identidade, e de maneira especial, as tatuagens como um “adereço definitivo”, colaboram para a afirmação do sentimento identitário, para expressar o pertencimento grupal. Neste sentido, a tatuagem contém alto grau de significado e de representação simbólica, atendendo ao imperativo moderno acerca da busca pela identidade e a sua fixação, pois, a marca é indelével.

Neste sentido, Silva (2014) nos esclarece que a identidade pode adquirir certa fixação, legitimidade e reconhecimento sociocultural através da sua exposição e repetição, seguindo o mesmo processo que produz os signos, como no caso da linguagem. Porém, estes signos, - em especial, os identitários - são representações de algo, interligados por sistemas que compõe uma rede mais ampla, os quais são constituídos por processos de produção sociocultural que não são fixos, não habitam a dimensão da essência, seja da natureza ou da cultura. Desta forma, “A identidade não é fixa, estável, [...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (SILVA, 2014, p. 96).

Porém, todas estas questões que desenvolvemos e retomamos, aparentemente oferecem um lastro seguro para a fixação da identidade do torcedor de futebol, pois, as equipes de futebol não sinalizam a sua dissolução. Entretanto, a real fragilidade deste lastro se

¹² Por um lado, todos os seres humanos realizam modificações corporais, caso contrário, retornaríamos ao padrão primitivo. Por outro lado, este processo carrega elementos culturais específicos, segundo Roberto Lacaze (2016), na comunidade indígena Padaung, da etnia Karen, habitantes do oeste da Tailândia, as mulheres usam argolas no pescoço com o propósito de alongá-los, o que acaba também deformando os ombros para baixo. Elas também usam as argolas nas pernas abaixo do joelho, com o objetivo de torná-los mais finos. Esse processo tem início desde a infância, e o longo dos anos, conforme o desenvolvimento fenotípico, elas vão aumentando o número de argolas com a finalidade de, segundo elas, melhorar a sua beleza (LACAZE, 2016).

esconde na sua aparente solidez¹³, cuja origem reside justamente na preponderância do mundo das coisas sobre o indivíduo, um processo que se desenvolve e se expressa pela conversão dos elementos constitutivos do universo do futebol em mercadoria, integrando e refletindo as determinações desta forma de produção social.

Segundo Proni (2000, p. 256, grifo nosso) [...] “isso muda (ou multiplica) o *significado social* daquilo que chamamos ‘futebol’”. Isto é, o futebol passou a funcionar sob a lógica do capital, agregando as leis de mercado e a sua modernização, como a racionalidade técnica e instrumental, gestão administrativa e empreendedora com foco na competitividade e no marketing, tomada de decisões racionais e impessoais, mudanças estruturais nos estádios¹⁴ e tratamento do torcedor como cliente-consumidor; mudanças cujo objetivo foi aumentar a rentabilidade do futebol-empresa e garantir a sua sobrevivência (PRONI, 2000).

Diante deste contexto, em que os processos, relações e estruturas passaram a funcionar segundo as leis mercadológicas, embora são leis que alcançam a totalidade social, elas não são universais e eternas, mas são leis que estruturam e determinam a sociedade capitalista. Segundo Norbert Elias (1994) esse processo determina a “margem de decisão individual”, e essa margem está presente em todas as sociedades, para todas as pessoas - até mesmo para os escravos – entretanto, esta margem é dependente, justamente, das leis que regem cada particularidade histórica, pois, [...] “o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível depende da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age” (ELIAS, 1994, p. 49).

O autor nos esclarece que este processo é produzido nas relações sociais e apreendido no movimento histórico, originando as “leis autônomas” que estruturam a rede humana, a qual nenhum movimento isolado, - coletivo ou individual – é capaz de romper. Em

¹³ Este processo pode ser apreendido no próprio mercado futebolístico, revelando a sua fragilidade na real e constante possibilidade de falência e extinção dos clubes de futebol. Segundo Emanuel Colombari (2016), no Brasil já foram extintos 449 clubes, entre eles o Blumenau Futebol Clube - cujo Estádio Aderbal Ramos da Silva foi demolido em 2007 e o União Bandeirantes Futebol Clube – cinco vezes vice-campeão paranaense. O Guarani Futebol Clube – que revelou craques como Amaral, Zé Carlos, Renato, Zenon e Careca, e foi campeão brasileiro em 1978 - encontra-se em profunda crise financeira, pois, a sua dívida já ultrapassou o valor do seu principal patrimônio, o Estádio Brinco de Ouro da Princesa.

¹⁴ Segundo Dave Zirin (2014, p. 42) “Em 1999, o Maracanã tinha capacidade para aproximadamente 175 mil pessoas. Em 2000 o número de assentos foi reduzido para 125 mil. Em 2005, foi reformado para abrigar apenas 85 mil assentos. [...] o deck superior, que já foi uma área aberta de baixo custo para torcedores comuns, será agora transformado em camarotes de luxo. Uma em que já sentavam milhares de pessoas será, de acordo com determinação da FIFA, uma seção VIP em que Césares modernos poderão se sentar acima da multidão. Esses camarotes serão, em um verdadeiro estilo norte-americano, vendidos para interesses comerciais privados após os jogos de 2016”.

outras palavras, a sociedade não se transforma “de um só golpe”, as relações de propriedade, a monetarização, a divisão do trabalho, a organização absolutista ou industrial, estão presos às leis das tensões, que somente as tendências sócio-históricas centrífugas de longa duração são capazes de transformar (ELIAS, 1994).

Desta forma, os elementos constitutivos da lógica do capital como “leis autônomas”, passaram a ser determinantes para a constituição do indivíduo, não há outra alternativa, não há outra sociedade. No entanto, segundo Elias (1994), a rede humana não é estática e os processos se desenvolvem, produzindo o movimento reticular, em que a fase atual traz os traços antigos daquela que lhe antecedeu, ao mesmo tempo em que guarda a gestação da nova fase a porvir, isto é, [...] “através de forças reticulares, produziram-se e se produzem na história períodos pacíficos e outros turbulentos e revolucionários, períodos de florescimento ou declínio” (*Ibid*, p. 45).

Neste sentido, Severiano (2007) colabora com a nossa compreensão acerca do desenvolvimento deste processo, partindo do valor concreto dos objetos como valor de uso nas formas pré-capitalistas, incidindo para o valor de troca no capitalismo de mercado, até o atual “valor signo” na sociedade de consumo¹⁵. Entretanto, uma fase não prescinde da outra, pois, [...] “todas as etapas do desenvolvimento do sistema capitalista estão incluídas; todas as significações históricas estão presentes” (SEVERIANO, 2007, p. 52).

Segundo a autora, a crescente variedade dos produtos, subdivididos em categorias, hierarquias e estilos, compõem uma multiplicidade de objetos com a função de abastecer o mercado, aprofundando o ofuscamento das relações sociais presentes nos objetos, os quais incorporam a substância humana, aumentando os seus poderes imateriais. O “valor signo” é apreendido no desenvolvimento deste processo, em que não consumimos mais o objeto em si, mas o seu significado, produzindo uma necessidade de reposição cada vez mais rápida, por produtos cada vez mais efêmeros (SEVERIANO, 2007).

Conforme Georg Lukács (2003) sinalizou, Maria Severiano (2007) nos confirma que um elemento importante neste processo é a subdivisão do processo produtivo, determinando a forma de organização da sociedade capitalista, classificando o mundo –

¹⁵ A autora utiliza o termo “sociedade de consumo” não no sentido de uma mudança na estrutura da sociedade classista, a qual passaria a ser fundamentada no consumo, pois [...] “A ênfase aqui recai na mudança de significação, a partir de uma determinada época, nas atitudes em relação ao consumo, mudança esta ocasionada, justamente, por fatores relacionados ao mundo da produção, pois é dele que continuo tratando” (SEVERIANO, 2007, p. 85).

homens e objetos - em categorias e estilos. Isto é, “A palavra-‘chave’, quase mágica, que parece refletir a ordem de algumas mudanças observadas nesta nova fase é ‘a fragmentação’” (SEVERIANO, 2007, p. 87).

Segundo Betti (1997) uma das formas de manifestação deste processo de fragmentação reside nas transmissões televisivas dos eventos futebolísticos. Todo um processo que envolve a produção do “telespetáculo esportivo”, cuja formatação exhibe somente as partes que interessam aos investidores, no sentido de contribuir com a sua comercialização.

Assim, a forma determina o conteúdo, a técnica instrumental propiciada pelas diversas câmeras, *replay*, *slow motion*, entre outros recursos, funcionam como um filtro, direcionando e produzindo uma visão artificial do evento, através da ênfase no detalhe em detrimento do todo. Novamente, a realidade que se apresenta diante dos seus olhos, é uma ilusão (BETTI, 1997).

Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona as imagens esportivas e as interpreta para nós, propõe um certo ‘modelo’ do que é ‘esporte’ e ‘ser esportista’. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade (BETTI, 1998, p.34).

Conforme Severiano (2007), a fragmentação, cujas partes e etapas não se comunicam, produz uma aparência com a total ausência de determinações, a história do objeto e do sujeito são ocultadas. Diante de todo esse processo, contando com o desenvolvimento da produção e da imensa variabilidade de objetos de consumo, a natureza material destes foi diluída na sua associação simbólica. Desta forma, os aspectos sógnicos passaram a constituir o valor predominante da mercadoria, – incluindo os aspectos afetivos, emocionais e a própria realização humana.

Agora, a mercadoria, além de incorporar/alienar as relações sociais que as produziram, também incorpora e aliena aspectos subjetivos referentes à felicidade, liberdade, personalidade e realização humana. O que à época de Marx tinha uma aparência de “coisa” – a mercadoria – desmaterializa-se e passa a ter uma aparência de “signos”, absolutamente intercambiáveis em suas significações (SEVERIANO, 2007, p. 53).

Desta forma, segundo a autora, o significado adquirido pelo objeto/mercadoria na sua relação de produção já ocultada e alienada, também é substituído por símbolos destas relações alcançando um segundo nível, os quais expressam os novos valores sociais, posicionando hierarquicamente os objetos detentores destes símbolos conforme a escala social. Não compramos mais os objetos em si, mas a “atitude e o estilo” que eles representam,

isto é, o consumo atribui as características e o prestígio do objeto ao seu possuidor¹⁶ (SEVERIANO, 2007).

Ademais, esta forma enigmática de produção em que o proprietário do produto não o produziu, e quem produziu o produto não é o seu proprietário, ao final, rompe com o reconhecimento substancial entre os homens, convertendo-os em objetos dos objetos, isto é, em coisas. Neste sentido, conforme Severiano (2007), o homem se torna dispensável, pois, [...] “as relações entre coisas se autonomizam e se personificam ao desprenderem-se de seus elementos fundantes que são as relações sociais” (*Ibid*, p. 53).

Segundo a autora, esta desumanização das relações sociais subordina o universal ao particular, expresso pela “unidimensionalização do real”, isto é, como a única forma de vida nesta sociedade, propiciando um reducionismo histórico na constituição do indivíduo e da sua identidade. Apreendemos este processo na [...] “objetivação mercantilizada das subjetividades, na qual a unidimensionalização do real se faz totalizante sobre a vida dos indivíduos, dissolvendo e provocando uma ‘falsa identidade’ do particular no universal” (SEVERIANO, 2007, p. 55).

Desta forma, os elementos simbólicos e representativos se tornaram a referência, o lastro para o indivíduo construir a sua identidade, os quais são destituídos de essência, pois, são fundados nas relações mercantis. Um processo em que as relações sociais foram ocultadas, diluídas e convertidas em “valor signo”, restando a aparência, o efêmero, o finito, oferecendo elementos para a constituição de uma identidade sem raiz, fundada no mercado, naquilo que não se sustenta, portanto, uma identidade efêmera e ilusória. Captamos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, no ponto em que o torcedor revela ter feito várias tatuagens do seu time e deseja realizar outras dezenas delas, explicitando a negação à saciedade deste desejo, assim como a inconsistência desta realização.

Le Breton (2004) nos esclareceu acerca da posição determinante destes elementos para o desenvolvimento do nosso estudo. Inicialmente ele elucidou a relação correspondente

¹⁶ Retomamos alguns apontamentos de Woodward (2014) acerca deste processo, quando se refere ao “circuito da cultura”, um sistema que articula o artefato cultural como um produto de consumo, determinando a identidade, o tipo de pessoa para a sua utilização, segundo a autora, “Esses sistemas produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza um tal artefato, isto é, produzem identidades que lhe são associadas. Essas identidades e o artefato com o qual elas são associadas são produzidas, tanto técnica quanto culturalmente, para atingir os consumidores. [...] Um artefato cultural, tal como o walkman, tem um efeito sobre a regulação da vida social, por meio das formas pelas quais ele é representado, sobre as identidades com ele associadas e sobre a articulação de sua produção e consumo” (WOODWARD, 2014, p. 16).

entre a realização da tatuagem e a construção da identidade. Na análise dos relatos na sua pesquisa, o autor revelou que os elementos do “rito de passagem” estão presentes nesse processo, assim como esta forma de construção identitária representa algo de profundo, verdadeiro, real e que os liberta, [...] “é como um ritual que vos lava das alienações criadas pela sociedade tecnológica” (LE BRETON, 2004, p. 243).

Entretanto, segundo o autor, para uma análise mais consistente e profunda, é preciso considerar o contexto mais amplo deste fenômeno, em que nesta sociedade, [...] “a noção de ‘rito de passagem’ é fetichismo. Esvazia-se da sua substância ou transforma-se em cliché, tornando-se simplesmente sinônimo de prova” (LE BRETON, 2004, p. 243). Ademais, a concepção de comunidade se dissolveu, agora temos apenas agrupamentos temporários de indivíduos, cujo ser é reduzido a mero objeto da cerimônia ritual. Esse processo converte o ritual verdadeiro e profundo em prova efêmera e individual, embora para o indivíduo [...] “a tatuagem é uma passagem para uma outra vida” (*Ibid*, p. 243).

Neste sentido, apreendemos outro fenômeno que contribui para que todo este processo ocorra, é a conversão da individualização em individualismo, atendendo a uma conformação ideológica capitalista. DaMatta (2000) nos esclarece inicialmente que as atividades individuais já existiam em outras organizações sociais anteriores ao capitalismo, entretanto, eram atividades integradas ao todo, as quais possibilitavam a experiência universal através do reconhecimento sociocultural.

Segundo o autor, foi somente nesta forma social atual que o indivíduo passou a ter uma função isolada, não estabelecendo uma ligação com as outras atividades e com o grupo, declarando a sua aparente independência e autonomia. Esse processo produziu uma nova forma de vida moderna, a qual passou a orientar as nossas relações fundamentadas na fragmentação, no isolamento e na concorrência, produzindo o individualismo e alcançando a totalidade sociocultural.

A individualização é uma experiência universal, destinada a ser culturalmente reconhecida, marcada, enfrentada ou levada em consideração por todas as sociedades humanas, o individualismo é uma sofisticada elaboração ideológica particular ao Ocidente, mas que, não obstante, é projetada em outras sociedades e culturas como um dado universal da experiência humana (DaMATTA, 2000, p. 9-10).

Diante deste contexto, o indivíduo se vê como um ser autônomo, independente e livre, - embora apenas no âmbito imediato, aparente. Ademais, de maneira isolada, movido por uma necessidade antropológica, por uma carência de valor e de sentido da vida, ele segue na busca pela sua identidade.

Neste sentido, segundo Le Breton (2004), o corpo como um “vetor semântico” impregnado de substância cultural, passou a ser compreendido como produto das vontades individuais, dissociado da comunidade, da rede das relações humanas. Diante da fetichização do ritual, o significado substancial da tatuagem se perdeu, se tornou uma ficção pessoal e social, isto é, são apenas [...] “páginas arrancadas de um livro perdido, de que já só se percebem fragmentos” (LE BRETON, 2004, p. 245). Em outras palavras, são processos e relações parciais, desconectadas do todo que igualmente se encontra fragmentado e destituído de sentido.

É justamente esta contextualização significativa entre a parte e o todo que Elias (1994) destacou. Segundo o autor, só há sentido se pensarmos a sociedade e o indivíduo na totalidade das suas relações sociais e das suas funções individuais. São estes elementos que constituem a estrutura social, a qual pode ser alterada conforme sucedem as fases históricas, constituindo o que o autor denomina de “constelação histórica da sociedade”. Isto é, [...] “o céu permaneceu mais ou menos o mesmo, [...] A única coisa que mudou e se deslocou numa direção específica foi a forma da vida comunitária, a estrutura da sociedade ocidental” (ELIAS, 1994, p. 45).

Esta compreensão é fundamental, pois, é a partir da estrutura social, dos contornos que ela realiza, que se determina a construção do significado dos objetos no âmbito sociocultural, sejam estes objetivos ou subjetivos. Este movimento que atribui os significados pode ser apreendido pela “análise cultural” apresentada por Thompson (2011), em que os contextos “historicamente específicos e socialmente estruturados” produzem os significados, os quais são modificados conforme se altera a constituição da estrutura social.

Entretanto, Wolfgang Fritz Haug (1985) considera que um contexto social em que os produtos do trabalho são apropriados por outrem, - o qual detém a dominação política e social – assim como o fetichismo, não são invenções do capitalismo. As diferenças fundamentais para o capitalismo residem, por um lado, na mudança da função da técnica e no seu aperfeiçoamento, que passou a funcionar de forma instrumental para as atividades de ganho do capital, e por outro lado, as relações mercantis não se restringiram mais a lugares, momentos ou relações de poder, mas a mediação do processo de ganho capitalista alcançou a totalidade social (HAUG, 1985).

Ademais, segundo o autor, este processo relativo à troca mercantil, abrangendo a totalidade social, origina a grande contradição desta sociedade, qual seja, aquela em que *todos os objetivos humanos e a sua própria vida, seus esforços, anseios e esperanças, são*

convertidos em meros objetos exploráveis. Porém, a complexidade deste processo reside no fato do homem se prender nas motivações que ele próprio criou (HAUG, 1985).

Desta forma, para Haug (1985), todos os indivíduos são ajustados e controlados, - independentemente das suas funções, sejam capitalistas ou assalariados, pois, o fim orientador do sistema é a acumulação material, reduzindo o todo, - as relações, os processos e as pessoas - à simples meio. “Aquilo que as próprias pessoas são e querem, defronta-se bruscamente com a perspectiva de ganho do capital como um fim em si. [...] Tal perspectiva de ganho domina completamente na sociedade capitalista” (*Ibid*, p. 135).

Neste ponto destacamos a citada *perspectiva de ganho que domina completamente na sociedade capitalista*, a qual se desenvolve em uma matriz de pensamento, em uma forma de conduta que orienta a vida. Porém, a acumulação do valor no objeto, atribui ao próprio objeto a sua valorização, pelo fato deste ser convertido em valor social nas relações humanas. Uma vez que a quantificação também é uma dimensão determinante desta sociedade, o valor social contido no objeto é medido pela força dos números, estabelecendo uma escala social conforme a quantidade de valor social acumulado, fundando e estimulando a concorrência. Este processo remete para uma crescente superação dos limites, expondo o indivíduo à esforços cada vez mais extremos e sacrificantes, alcançando a totalidade social.

Captamos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, no momento em que o torcedor reconhece a concorrência estabelecida, em que, aquele indivíduo que possuir uma maior quantidade de tatuagens, seja no sentido numérico ou em tamanho, possuirá mais valor social, mais respeito dos outros integrantes do grupo.

[Pesquisador] Teve alguma mudança no olhar dos outros torcedores para você, depois que você fez a sua tatuagem? Aí é aquela coisa, o fanatismo, aí começa pela concorrência né, ele fez uma tatuagem parece que torce mais, aí outro faz outra, tem gente aqui tem 2 ou 3 tatuagens do Goiás no corpo, tem um que tem uma tatuagem grande, enorme nas costas e uma no braço. É aquela coisa, [...] você consegue o respeito dentro da torcida, você consegue o respeito e muito (Entrevista nº 16, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Nesta condição social, segundo Elias (1994 p. 45), “Todas essas mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos”, a qual é produzida pelo entrelaçar das ações individuais. Embora esse processo não tenha início nem fim, o autor nos auxilia a compreendê-lo partindo das relações entre os indivíduos, as quais geram o movimento reticular, uma rede de entrelaçamento social cujo limite é a própria humanidade.

Conforme o autor, neste metabolismo social são produzidos certos elementos, tais como, instrumentos, técnicas, instituições, modos de vida, “seja lá o que for”, estes são incorporados pelas pessoas e orientam os seus planos individuais. Entretanto, eis o segredo, estes elementos não são planejados, assim como no contexto em que [...] “o desordenado monopólio da violência exercido por toda uma classe de senhores feudais em livre concorrência dá origem, no lento passar dos séculos, a um monopólio privado” (ELIAS, 1994, p. 58).

Segundo o autor, além dos resultados inesperados produzidos por esse “processo social cego”, o indivíduo perde a direção e a autoridade sobre constituição dos processos que envolvem ele mesmo no desenvolvimento histórico.

Vez após outra, portanto, as pessoas colocam-se ante o efeito de seus próprios atos como o aprendiz de feiticeiro ante os espíritos que invocou e que, uma vez soltos, não mais permanecem sob seu controle. Elas fitam com assombro as reviravoltas e formações do fluxo histórico que elas mesmas constituem, mas não controlam (ELIAS, 1994, p. 58).

Neste ponto, Elias (1992) nos esclarece que de alguma forma as pessoas sabem ou apenas sentem que existe uma vida com possibilidades reais de sentido e realização, diferentemente desta realidade que se apresenta. Ademais, algo lhes diz que esta possibilidade foi retirada, assim como o ofuscamento desta sociedade não deixa claro quem o-fez, restando um sentimento de injustiça e a certeza de que estarão privados desta possibilidade durante toda esta vulgar existência. Este é o contexto em que as condições de vida atraem e seduzem as pessoas, estabelecendo uma complexa relação com o desporto, integrando-as de forma profunda.

3.4 – A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO: CRIANDO INTENSÕES

Diante desta realidade produzida por um *processo social cego*, os espíritos que o aprendiz de feiticeiro invocou não retornarão mansos e resignados para a dimensão de onde foram despertados, isto é, o caminho para a superação desta realidade precarizada, - em que os homens foram subjugados pelos objetos e a aparência convertida em essência - não ocorrerá de forma natural e espontânea. Este fato evidencia a responsabilidade social da educação, comprometida com uma formação humana ampla e emancipada.

Assim, compreendemos que é preciso criar tensões mediadas por intenções, de forma estratégica e consciente, estabelecendo uma contraposição à educação que forma o indivíduo adaptado para o sistema capitalista. Homens-objeto que não são mais que um elemento ou peça de uma grande engrenagem. Uma educação que segundo Theodor Adorno (1995, p. 141) “Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos”.

Neste sentido, as questões desenvolvidas neste estudo oferecem outras possibilidades educacionais para além da *transmissão de conhecimentos*, como o descortino dos processos socioculturais envolvidos, os quais ainda se encontram abaixo da linha do horizonte. Ademais, é fundamental considerar que não se trata de elucidar apenas o torcedor de futebol, mas de compreender esta forma de engendramento que produz uma realidade que esconde as relações sociais no objeto, que separa produtor e produto, cujo desenvolvimento produz a consciência reificada. Um processo que se converte em uma matriz, alcançando a totalidade social, em que os atores são apenas personificações que refletem uma condição humana desumanizada.

Apreendemos a manifestação deste processo na própria realidade, orientada pela lógica mercantil burguesa, que se constitui pela fragmentação, instrumentalização e isolamento do ser social. Uma realidade que proporciona uma formação precária, em que o indivíduo é capturado pela alienação e pelo fetichismo, coisificando as pessoas e as relações humanas, portanto, proporcionando uma pseudoformação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A educação não detém poderes para romper com a pseudoformação e transformar esta realidade de maneira imediata, mas ela pode contribuir para a construção de um projeto orientado para uma contraposição à lógica vigente. Esta possibilidade pode ganhar força no processo relativo à transmissão da cultura entre as gerações, em que a educação assume uma posição mediadora, uma vez que a aprendizagem depende da entrada do homem em contato com os outros homens, ou seja, da socialização do indivíduo. Neste sentido, conforme Leontiev (2004), apreendemos uma relação de interdependência entre a cultura e a educação, pois, a ausência de uma determinaria a inexistência da outra.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da

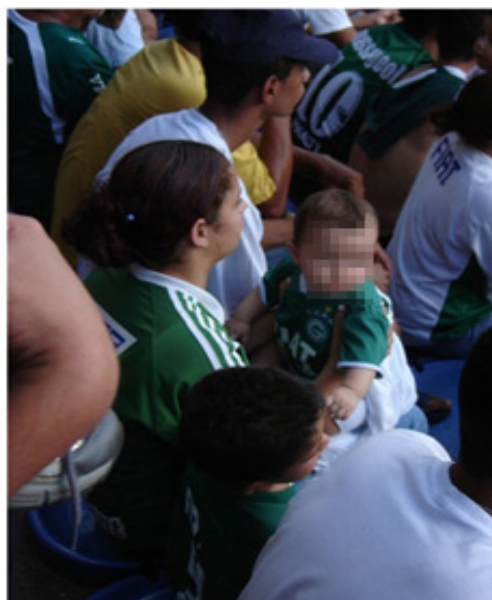
cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas (LEONTIEV, 2004, p. 301).

Entretanto, como vimos, nesta sociedade a universalidade se subordina à particularidade, um processo que alcançou a totalidade social, cuja perspectiva mercantil se converteu na matriz que orienta a forma de vida na sociedade capitalista. Naturalmente, as relações que envolvem a educação não poderiam ficar excluídas deste processo. Segundo Carlos Lukesi (1992), da mesma forma que as leis do capital manifestadas na materialidade determinam a constituição do sujeito, a escola¹⁷ também se torna subordinada a esta particularidade sócio-histórica, pois, [...] “não é a escola que institui a sociedade, mas, é, ao contrário, a sociedade que institui a escola para o seu serviço” (LUKESI, 1992, p. 48).

Segundo o autor, uma vez que a escola, como expressão dos processos educacionais, está a serviço desta sociedade, a sua função se reduziu a formar indivíduos adaptados para o mercado de trabalho. Neste sentido, o conhecimento passou a ser mediado por métodos pedagógicos inovadores que prometem combinar eficiência e rapidez na aprendizagem dos conteúdos voltados para a vida prática, produtiva. Porém, esta formação também colabora para introjetar os valores e as normas organizativas desta sociedade, assegurando a reprodução do sistema capitalista e reforçando a sua aparência de sistema social natural (LUKESI, 1992).

Diante de toda a solidez estrutural apresentada por este sistema socioeconômico, na nossa pesquisa de campo um dado nos chamou a atenção, o qual guarda algumas possibilidades de intervenção para a educação. Perguntamos acerca da origem da relação do torcedor com o universo futebolístico, de forma unânime, eles relataram que iniciaram esta relação emocional e identitária quando eram crianças, ou até mesmo – com um certo gracejo – antes de nascer. “Desde o testículo do meu pai, que ele é Atleticano também” (Entrevista nº 13, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma). “Desde pequeno né, desde quando eu nasci mesmo que sou Vila” (Entrevista nº 01, dia 24 de março de 2016, Vila Nova x Gama). Ademais, este processo se reproduz, conforme as fotografias à frente.

¹⁷ Referimo-nos à escola apenas como uma instituição com as características que condensam as relações sociais mais amplas acerca da educação, cujo objeto é a formação humana autônoma e emancipada, tornando a contextualização dos temas desenvolvidos neste momento, mais claros e objetivos. Ademais, consideramos a escola como um dos espaços sociais onde ocorre o processo formativo.



Fotografias 44 a 47 - Crianças no estádio
Fonte - Acervo próprio

Diante de todo este contexto, embora a educação esteja integrada, submetida e funcionando conforme a lógica do capital, o início da relação do torcedor ainda na fase infantil com o universo futebolístico, nos sugere que há um campo aberto a ser trabalhado, - ainda que esta intervenção possa ocorrer em todas as fases do ensino. Ademais, este objeto guarda diversas possibilidades de tratamento e contextualização, amplas e reais, pois, segundo Silva (2002), o âmbito educacional abrange:

[...] o caráter inescapavelmente político da educação e do currículo; as conexões entre os processos educacionais e as relações de classe, gênero, raça; os estreitos nexos entre o conhecimento e saber, de um lado, e poder e dominação, de outro; a natureza histórica e construída das relações e processos sociais e educacionais; os vínculos entre regimes e relações específicas de saber-poder e a constituição e produção de identidades sociais particulares (SILVA, 2002, p. 61).

Todos estes temas podem ser contextualizados justamente a partir dos dois universos que se entrecruzam no nosso trabalho, *o futebol e a tatuagem*, cujo tratamento realizado pela educação pode revelar inicialmente e de maneira fundamental, além da fragmentação, a indissociação das determinações constitutivas da sociedade e do indivíduo. Assim, a educação detém as possibilidades de se contrapor e de tencionar a realidade posta pela sociedade burguesa, contextualizando e buscando esclarecer justamente os seus limites e contradições. Desta forma, a educação pode superar uma condição limitada, como mera transmissora de conhecimentos práticos, e alcançar o seu verdadeiro sentido, o seu papel social, transcendente, qual seja, uma formação humana comprometida com a autonomia e a emancipação do sujeito, e, portanto, da sociedade. Embora reconhecemos que este processo relativo à conscientização não dissolve as contradições desta sociedade de maneira imediata, entretanto, ele colabora com a produção de in/tensões para a sua superação histórica.

Neste sentido, segundo Silva (2002), podemos contextualizar as próprias contradições desta sociedade, buscando descortinar que as relações de dominação e desigualdade não são naturais, mas são produtos desta sociedade, assim como os processos sociais e históricos não são fatos isolados, pois, [...] “o privilégio e o conforto de certos indivíduos, grupos e nações está indissociavelmente ligado à privação e ao sofrimento de outros indivíduos, outros grupos e outras nações” (*Ibid*, p. 66).

Segundo o autor, as próprias relações sociais poderiam se constituir em um “dispositivo pedagógico”, por um lado, o caráter relacional dos fatos e dos conhecimentos alcançaria o nível científico ao ser submetido pela intermediação do professor, - para além do caráter utilitário e pragmático desta sociedade; por outro lado, [...] “a *interrupção do senso comum*, num de seus elementos e processos centrais, o de *fetichização e reificação*, poderia servir como um fio comum a interligar as diversas áreas de um currículo orientado por uma perspectiva crítica” (SILVA, 2002, p. 65, grifos nossos).

Desta forma, a compreensão acerca das relações, processos e estruturas que permeiam os universos da tatuagem e do futebol, poderia contribuir para iluminar a alienação, o fetiche e a reificação, os quais alcançam a totalidade social de maneira cada vez mais fragmentada e obscura. Neste sentido, para Nelson Carvalho Marcellino (2006), a utilização dos estudos do lazer de forma contextualizada pode colaborar com um “duplo processo educativo”, - como veículo e como objeto da educação. Como objeto, no sentido de esclarecer o seu significado e a sua importância, através dos conteúdos e informações, vencendo as

barreiras do preconceito e as ideologias, atuando contra a homogeneização disseminada pelos meios de comunicação de massa.

Ademais, como veículo, o lazer pode atingir níveis superiores através da ação educativa, ou seja, na medida em que compreendemos os valores e as funções dos conteúdos, desenvolve-se o espírito crítico, colaborando para desopacizar as relações sociais no âmbito cultural, e isto é [...] “contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais” (MARCELLINO, 2006, p. 50).

Neste sentido, conforme Reis (1998), este processo pode colaborar para uma formação humana mais ampla, no sentido de tornar as relações sociais mais claras, pois, “Afirma-se que o brasileiro é por ‘natureza’ um futebolista e isto serve para escamotear a necessidade de preparar as crianças e jovens, principalmente em idade escolar, para a prática e o ‘consumo’ do futebol, enquanto componente importante da nossa cultura” (REIS, 1998, p. 43).

Segundo Toledo (1996), este contexto cultural que envolve o âmbito futebolístico pode representar os interesses políticos e econômicos, assim como as relações de poder, a hierarquia e as desigualdades sociais, constituindo no campo cultural a representação social dos processos mais amplos através da ritualização. Neste sentido, conforme Carlos Byington (1982), o futebol se converte em uma escola, pelo fato dele contextualizar as experiências sociais no campo cultural, ensinando o indivíduo a conviver com tais emoções.

A cultura é, portanto, a oficina onde o homem aprimora sua alma com as ferramentas desenvolvidas por seus antepassados. O futebol lida com emoções fundamentais, como, por exemplo, a agressividade, a competição, a inveja, a crueldade, a depressão, o orgulho, a vaidade, a humilhação, a amizade, o companheirismo, a covardia, a rivalidade, o fingimento, a traição, a euforia da vitória ou a depressão da derrota e muitas outras (BYINGTON, 1982, p. 23).

Deste modo, a contextualização temática acerca do futebol e da tatuagem pela educação se confirma como possibilidade real de intervenção pedagógica, visto que estes podem ser contemplados no currículo de forma transversal¹⁸, isto é, entrecortando e

¹⁸ Consideramos pertinente esclarecer que a transversalidade não se resume no cruzamento de temas tratados por mais de uma disciplina curricular, pois, “A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). [...] A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos. Os Temas Transversais, portanto, dão

estabelecendo um diálogo entre as disciplinas escolares. Este processo, além de contribuir para romper com a fragmentação curricular, traz para o *chão da escola*, conteúdos impregnados de sentido e significado para a comunidade escolar local, colaborando para a construção de uma síntese a partir da própria realidade cotidiana. Segundo Ildeu Coêlho (2009):

O mundo da cultura — entendido como esfera de formação, da formação cultural, do cultivo da humanidade e dignidade dos humanos, da “con-vivência” autônoma, livre e respeitosa no trabalho, na vizinhança, no bairro, na cidade, nas relações entre povos, no mundo como morada de todos, como morada humana, *éthos* — é indissociável da reflexão que se faz necessária das questões verdadeiramente significativas da educação, da formação e da escola (COÊLHO, 2009, p. 17).

Neste contexto, para o enfrentamento de questões como o papel da educação na sociedade, comprometida com a formação de indivíduos autônomos e emancipados, é necessário adotar e defender uma educação que não tenha no seu horizonte somente a escolarização, a informação, a instrumentalização ou a inserção no mercado de trabalho. Assim se forma um indivíduo adaptado, que não é mais que um elemento ou peça de uma grande engrenagem, com a tendência em aceitar uma cultura rápida e superficial, sob um domínio ideológico que contribui para manter o indivíduo na heteronomia.

Ademais, se faz imprescindível assumir outros paradigmas que apontem para uma educação com uma formação ampla, que promova a autonomia e a emancipação no sentido real, que possibilite às pessoas analisar e compreender os contextos sociais e os grupos de pertença, em que eles próprios produzem e são produzidos. Um processo que de maneira objetiva crie in/tensões, para impulsionar o movimento histórico rumo à transformação desta sociedade, a qual subordina o homem ao objeto, o enclausura e o isola, cuja forma de vida alienada não se constitui em afirmação, realização e reconhecimento para o homem; mas se apresenta de forma negativa, como desrealização e opressão.

Assim, a articulação dos saberes entre as diferentes áreas podem proporcionar aos estudantes a possibilidade de apropriação do conhecimento científico produzido e acumulado, recebendo a intermediação e a adequação no trato pedagógico realizado pelo trabalho docente, conforme a especificidade do agrupamento escolar a ser trabalhado. Este processo contribui para colocar o próprio conhecimento científico em movimento, rompendo com a concepção de universidade denunciada por Antônio Gramsci, em que estas tendem a se tornarem “cemitérios de cultura”.

sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar” (BRASIL, 1997, p. 31).

Naturalmente, o espetáculo futebolístico como uma esfera cultural se encontra nesse âmbito, apresentando toda uma riqueza de elementos que colaboram para o indivíduo produzir a sua identidade mediada pela tatuagem. Um processo que reforça o sentimento de pertença e de solidariedade com o grupo, eternizando os momentos e os vínculos na memória corporal. Entretanto, todo este processo produz identidades efêmeras e indivíduos adaptados, pois, o lastro para se construir a identidade na sociedade burguesa é a mercadoria, a qual não se sustenta como referência.

Segundo Leontiev (2004), a origem deste processo reside na alienação, uma vez que há uma ruptura, dissociando o significado e o sentido do trabalho na atividade produtiva. Para o autor, “Esta ruptura não é eterna, como não são eternas as relações sócio econômicas que lhe deram origem” (*Ibid*, p. 299). Entretanto, a primazia atribuída à atividade econômica é determinada pela lógica mercantil, - a qual rege esta sociedade - contribuindo para o elevado nível de desenvolvimento das gerações humanas. O acesso a este desenvolvimento e às riquezas produzidas, - objetivas e subjetivas, materiais e intelectuais - é restrito para a maioria dos indivíduos, ademais, a minoria que acessa, o fazem na condição de objeto, portanto, de maneira limitada, determinada, parcial e inconsistente.

Na sociedade de classes, mesmo para o pequeno número que usufrui as aquisições da humanidade, estas mesmas aquisições se manifestam na sua limitação, determinadas pela estreiteza de caráter obrigatoriamente restrito da sua própria atividade; para a maioria esmagadora das pessoas, a apropriação destas riquezas só é possível dentro de limites miseráveis (LEONTIEV, 2004, p. 301).

Conforme o autor, este processo nos revela que a verdadeira questão não se constitui de modo relativo ao acesso negado às aquisições da cultura humana para as classes desfavorecidas, ou na sua incapacidade de assimilação, mas sim, na limitação do desenvolvimento humano, expressada pela alienação e determinada por esta particularidade histórica, a qual alcança a totalidade social. “O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada o entreve” (*Ibid*, p. 302).

Segundo o autor, a ruptura com este caminho que nos impõe limitações é possível, porém, em condições que superem os efeitos destruidores da divisão do trabalho e nos liberte da necessidade material, viabilizando o desenvolvimento integral do ser humano. Neste contexto, seria possível [...] “criar um sistema de educação que lhes assegure um desenvolvimento multilateral e harmonioso e que dê a cada um a possibilidade de participar enquanto criador de todas as manifestações da vida humana” (LEONTIEV, 2004, p. 302).

Entretanto, segundo Marx (1983), estes processos que se referem à superação dessa sociedade são intrínsecos à contradição que constitui a própria sociedade, porém [...] “são produto natural de uma evolução histórica longa e penosa” (MARX, 1983, p. 76). Isto é, a partir da contradição como uma categoria sintetizada na realidade material, determinada por interesses antagônicos na relação entre capital e trabalho, na luta de classes, apreendemos a inconsistência dessa sociedade e a sua transitoriedade no próprio movimento histórico.

É este o fato que nos move no sentido de contribuir com uma formação cultural que busque revelar as determinações constitutivas desta sociedade, levantando o véu da aparência reificadora e tornando as relações sociais que ocorrem na realidade sociocultural mais transparentes. Assim, o papel mediador de uma educação comprometida com um projeto de transformação social, aponta para a contextualização destes elementos constitutivos do metabolismo social do capital, revelando que esta realidade não reside no campo universal, ontológico e eterno; são, pois, na verdade, uma produção humana, particular, antropológica e finita.

Conforme Elias (1994) nos esclareceu, somente as tensões produzidas pelo movimento reticular de longa duração podem alterar a estrutura do tecido social. Assim, estas contribuições da educação para uma formação crítica dialogam justamente com este movimento, proporcionando para o indivíduo, a possibilidade dele se apropriar de uma concepção histórica acerca desta forma de produção e das suas determinações. Desta forma, movimentamos as linhas constitutivas deste tecido social e colaboramos com uma transformação social real, fundada na ação educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto histórico estabelece as relações e a estrutura social, cujos elementos culturais são fundamentais para a análise e a compreensão acerca do nosso objeto. Assim, o período entre os séculos XIV e XVIII, foi permeado por transformações no tecido social, em que o movimento reticular foi capaz de produzir tensões fortes o suficiente para romper com a estrutura da sociedade medieval. É este o contexto que guarda as raízes constitutivas do indivíduo e da sociedade moderna, em que, o avanço da civilização produziu certas transformações na conduta do indivíduo através do autocontrole psíquico, conduzindo lentamente, a constituição do indivíduo e da sociedade para o âmbito *privado*, fundando e tornando a individualização, uma necessidade.

A apreensão deste processo é fundamental, uma vez que ele é o embrião da propriedade privada, da fragmentação e da ruptura que continuam se desenvolvendo nos campos coletivo e individual. Neste contexto, ocorreram modificações na forma de produção da sociedade moderna, sobretudo a partir da revolução industrial, em que a esteira fabril possibilitou a produção em larga escala e universalizou o trabalho assalariado. Desta maneira, a troca mercantil passou a ser o objetivo majoritário da produção, um processo que culminou com a conversão dos artefatos culturais em mercadoria, fabricados industrialmente e, em série.

Observando o movimento histórico, apreendemos a disseminação do ideário consumista pelos meios de comunicação de massa, o qual foi instrumentalizado pelo desenvolvimento técnico e mediado pela imagem, fundando a sociedade do espetáculo. Este processo contribuiu para o destaque alcançado pela imagem na modernidade, - o qual determinou a preponderância do sentido visual em relação aos outros sentidos. Como os atributos imagéticos abarcam o fluxo veloz dos signos socioculturais, o visual dialoga com o duplo imperativo da modernidade – o consumo e a constituição da identidade, diante do desenraizamento das tradições.

Esta realidade imediata se apresenta para o indivíduo como uma possibilidade para a manifestação da sua liberdade, pois, diante de uma constelação de produtos, aparentemente, ele é livre para escolher aquilo que atende às suas necessidades, lhe proporciona prazer e lhe satisfaz os desejos. Ao realizar as suas escolhas perante o universo objetivo, consumindo, o indivíduo também constrói a sua identidade fundamentada no reino

da aparência. Uma vez que a sociedade burguesa é produzida e sustentada pela lógica capitalista, a qual é fragmentada, competitiva e individualista, o indivíduo compreende que ele basta a si próprio, e orientado por esta superficialidade, ele vive na ilusão de uma vida autônoma, independente e isolada.

Diante desta realidade, compreendemos que a tatuagem no âmbito futebolístico dialoga com este processo como um dispositivo mediador, uma representação, conforme o próprio torcedor relatou acerca da sua escolha: “Eu decidi por si próprio mesmo assim, quis demonstrar mesmo assim, representar pra mostrar meu amor mesmo”. (Entrevista nº 05, dia 03 de abril de 2016, Vila Nova x Aparecidense). “Independente, eu que quis por vontade própria” (Entrevista nº 14, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma).

Ademais, entendemos que a cultura é uma criação humana que inicialmente se fixa nos objetos, se desenvolve, se transfere entre as gerações, e, na atualidade, os objetos foram convertidos em mercadoria destinada à troca. Entretanto, este processo se desenvolveu, constituindo um sistema simbólico que impregna o objeto de significado, alcançando as relações sociais, atribuindo-lhe, segundo Severiano (2007), um valor signo. No ato do consumo o indivíduo adquire também os atributos do objeto, o seu valor signo, construindo a sua identidade, o seu estilo de vida. Assim, revela-se que o detentor do valor signo determinante da identidade, na verdade, é o objeto, a mercadoria.

Neste sentido, compreendemos que as condições para a manifestação da liberdade, são na verdade, limitadas, pois, uma vez que os objetos são destinados para a troca, eles habitam o universo da aparência, da inovação, do descartável e do permutável. O estilo, a beleza, as emoções, o valor e o status social são classificados por categorias de estereótipos, cujo padrão determina a identidade social, posicionando-nos como objeto na escala hierárquica social. Desta forma, o conjunto de representações que constitui o sistema simbólico, estrutura e restringe a margem de decisão do indivíduo, isto é, *o indivíduo é determinado pelo sistema*. Ademais, para as [...] “classes pobres e desfavorecidas, é mínima a margem que resta para a iniciativa pessoal” (ELIAS, 1994, p. 50).

Apreendemos a manifestação deste processo na nossa pesquisa de campo, no ponto em que o torcedor considerou a imagem tatuada como um produto oficial do time de futebol. Neste processo a imagem tornou-se possuidora de fetichismo, a qual foi reconhecida socialmente através sua representação simbólica como um produto específico, único, oficial. Neste caso, *a tatuagem autorizou a entrada do torcedor no estádio*, conforme ele mesmo relata.

Teve uma vez que teve uma promoção, que torcedor com produto oficial pagava meia-entrada e eu tinha vindo do serviço, estava sem camiseta, sem nada, eu comprei meia-entrada e fui entrando, a mulher falou pra mim que eu estava sem meu produto oficial, eu mostrei pra ela a minha tatuagem como produto oficial, ela ficou rindo e deixou eu entrar (Entrevista nº 10, dia 18 de junho de 2016, Atlético x CRB).

Este contexto aparente, imediato e contraditório ocorre na materialidade corporal, revelando que o corpo foi convertido em uma instalação provisória, um objeto em construção permanente. Isto só foi possível diante da condição de isolamento estrutural da sociedade industrial, organizada pelo declínio dos valores coletivos e pelo crescente individualismo, estruturado a partir do século XVI com a filosofia mecanicista, que sustenta a concepção dualista de corpo. Este processo propiciou uma ruptura na compreensão acerca da unidade homem-corpo, o qual foi convertido em objeto manipulável, consoante com o modelo estético estabelecido pelo ideário mercantil.

Estas condições abriram caminho para que o corpo pudesse ser convertido em um campo de batalhas, um jogo em que, segundo Le Breton (2004), o próprio indivíduo luta pela sua posse, gravando na pele uma memória que eterniza uma lembrança, um sentimento, uma emoção, a qual expressa uma identidade e sela a aliança através da pertença grupal. Neste sentido, segundo Vitor Sérgio Ferreira (2007), o corpo é o terreno de expressão da liberdade, da subjetividade, da singularidade, do reconhecimento social, da recriação da identidade, porém, *conforme as possibilidades e as restrições estruturais* desta ordem societal.

Afinal, se é no corpo que muitos jovens mais intensamente experimentam e vivem quotidianamente o controlo social e os respectivos mecanismos disciplinares e sancionadores, é também na superfície da pele que alguns encontram um “espaço liso” disponível à projecção, à celebração e à luta pela construção e reconhecimento de uma identidade imaginada (FERREIRA, 2007, p. 319).

Apreendemos a manifestação de toda esta complexidade no nosso objeto de estudo. Por um lado, a tatuagem como uma marca corporal original, detentora do sentido ancestral, foi difundida e ressignificada a partir da política colonialista europeia, criando um estereótipo marginal portuário através dos marinheiros, acolhida pelos movimentos de contracultura punk, popularizada pela reprodução técnica e pela sua conversão em valor signo. Por outro lado, o futebol amador foi absorvendo as características profissionais e capitalistas, concomitante ao desenvolvimento industrial, revelando o seu potencial mercadológico global com as transmissões televisivas e assumindo os contornos do futebol-empresa. O elemento determinante para a difusão e a popularização de ambos, - o futebol e a tatuagem - além deles habitem o âmbito imagético, foi o interesse mercantil, pois, nesta sociedade os objetos não são produzidos para o uso, mas para a troca.

Entretanto, estas questões não estão claras, transparentes, atribuindo ao desenvolvimento do futebol e da tatuagem uma aparente naturalização. Isto ocorre pelo fato da substância humana, das relações sociais, dos verdadeiros elementos constitutivos da cultura, objetiva e subjetiva, material e espiritual, se acumularem e se esconderem nos objetos. Ao olhar para uma tatuagem que se refere ao universo futebolístico, a imagem remete para a sua representação simbólica, para o seu valor signo, o qual extrapola o desenho em si, estabelecendo outras conexões e significados determinados socialmente. Embora estes significados sejam construções humanas, eles habitam o objeto, e passaram a ser compreendidos como elementos próprios dos objetos. O que o torcedor imprime na pele é uma mercadoria que representa outra mercadoria, é isto que não está claro.

Ademais, compreendemos que a origem fundadora deste ofuscamento reside na propriedade privada, como a determinação mais significativa deste processo, pois, é ela que estabelece os elementos basilares necessários para a constituição da alienação, separando o produtor do produto, isto é, um engendramento que fragmenta, dissocia e destitui a atividade humana do seu sentido, converte o trabalho concreto em abstrato, o qual se torna mero anexo do objeto. O desenvolvimento deste processo aponta para a subserviência do homem ao objeto, criando as condições adequadas para a produção de um reducionismo histórico, em que os indivíduos, as relações, as emoções e a própria vida são convertidas em objetos destinados à troca mercantil, em objetos exploráveis.

Este processo se desenvolveu e se aperfeiçoou, alcançando níveis inimagináveis, não apenas subjugando o homem àquilo que ele próprio criou, mas também dotando o objeto de autonomia, “[...] como o aprendiz de feiticeiro ante os espíritos que invocou e que, uma vez soltos, não mais permanecem sob seu controle” (ELIAS, 1994, p. 58). Esta é a verdadeira fonte da limitação do desenvolvimento integral humano, do aparente abismo entre os indivíduos e a sociedade, da preponderância da aparência sobre a essência, do particular sobre o universal, do objeto sobre o sujeito, da fragmentação do homem e do esquartejamento do corpo-objeto.

Este contexto, cujo movimento limita e destitui a atividade humana do seu sentido, detém poder suficiente para deslocar a cultura de fim para meio, e ao final, de dissolver o próprio sentido da vida, uma vez que converte as pessoas e as relações em coisas, em mercadorias. Esta realidade precarizada conduz o indivíduo a buscar este sentido perdido, a fabricar uma identidade cultural, a procurar proteção e afeto na pertença grupal, a preencher

o vazio existencial e a encontrar uma forma de excitação para sua vida, entorpecida pela mecanização da modernidade.

Os universos do futebol e da tatuagem oferecem ao indivíduo as possibilidades para estas realizações de maneira imediata, material, alcançando as suas emoções mais profundas. Estas realizações ocorrem fundamentadas em um conjunto de determinações que representam a dimensão tradicional, a aliança comunitária, a pertença grupal, a integração ao coletivo. Nestas condições, a individualização existe apenas como a manifestação da unidade singular, a qual constitui e é constituída pelo todo, pela natureza. Assim, conforme o torcedor expressou, o sentimento alcançado na torcida é como o de mãe e filho, é uma irmandade verdadeira.

Este fato comprova a profundidade do nível emocional desenvolvido entre os torcedores de futebol, em que o time constitui o ponto de articulação, o mito fundador do grupo. Desta maneira, o processo ritual vivenciado no estádio colabora com a compreensão acerca do nosso objeto, uma vez que ele coloca em movimento e reforça os elementos tradicionais representados pelo futebol e pela tatuagem. A apreensão deste contexto nos possibilitou concluir que a realização da tatuagem pelo torcedor de futebol é uma mediação, a qual contribui para o preenchimento a lacuna existencial produzida pela forma de vida moderna, pois, a marca é real, constrói e fixa a identidade e a pertença grupal do torcedor.

Embora estas determinações do âmbito tradicional propiciem a sensação da realização para o torcedor, mantenham uma aparência integral e sobretudo real, não há outro lugar para a sua fundamentação para além da sociedade capitalista, portanto, elas são apenas representações da verdadeira tradição. Este fato nos revela que o conjunto das determinações fundamentadas na sociedade moderna e orientadas pela lógica do capital, estruturam e restringem o alcance dos elementos tradicionais, isto é, elas são as determinações mais determinantes.

Assim, concluímos que a *realização ocorre de fato, é real*, o torcedor sente na pele e no coração, no corpo e no espírito, pois, [...] “a tatuagem é um grito meu dizendo que eu sou Goiás, é um grito para o mundo” (Entrevista nº 16, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu). Entretanto *é uma realização mimética*, pois, este processo é fundamentado no imediato, na aparência, no finito, na representação, no mercado, a completude não se completa de maneira integral, sendo necessário repor; este fato incentiva o torcedor para fazer mais tatuagens, [...] “hoje eu já tenho nove tatuagem do Goiás já e pretendo fazer mais umas oito ou dez” (Entrevista nº 17, dia 28 de junho de 2016, Goiás x Paysandu).

Diante deste contexto, consideramos que a produção social realizada pelo entrelaçamento destes dois conjuntos de determinações adquiriu poder suficiente para converter a representação em realidade. Isto é, a experiência tradicional fundamentada na aparência, no efêmero, no imediato, se converteu no verdadeiro sentido para a vida do indivíduo, - uma condição em que o futebol se tornou a sua principal fonte de identidade, afeto, sentido e excitação - capturando-o em todas as esferas da sua existência.

Este amplo alcance pode ser confirmado pelo fato deste processo ser produzido pela forma de organização social burguesa, a qual se desdobra nos campos objetivo e subjetivo, atingindo a dimensão social como um todo. Neste sentido, concluímos também que a realização mimética colabora como um elemento reforçador da alienação e da naturalização da aparência reificadora, cujas mediações negam a constituição do sujeito. Isto é, aparentemente o indivíduo é livre e autônomo, porém, ele é determinado pelas restrições e limitações sociais, desta forma, contraditoriamente, o indivíduo vive a ilusão de ser sujeito sendo cada vez mais objeto; crê na sua realização plena, porém experimentando a mimese, crê construir uma identidade verdadeira, porém fundamentada na mercadoria, crê na pertença grupal substantiva, tradicional, porém, determinada pelo individualismo e pelo isolamento. Assim é o mundo capitalista, uma sociedade que se constitui exatamente por uma razão contraditória, subordinada ao mundo das coisas que o próprio homem criou.

Embora todas as questões desenvolvidas durante esta exposição temática são importantes para a compreensão do nosso objeto, buscamos responder de maneira direta e sintética à nossa pergunta: como a pertença grupal marca o corpo dos torcedores de futebol? Primeiramente é importante considerarmos que atualmente o corpo é compreendido de forma dualista, através da fragmentação que organiza esta sociedade, convertendo-o em objeto. Diante do desenraizamento das tradições e do entorpecimento da vida, originados pela modernidade, o indivíduo utiliza o corpo-objeto para reconstruir a sua identidade perdida, um processo propiciado pela conversão da cultura em mercadoria. Desta forma, ele busca marcar o corpo de forma indelével e eterna, como uma resposta para a urgência desta identidade ausente, pois, nas palavras do torcedor, [...] “vamos perder essa tatuagem só quando for para o caixão” (Entrevista nº 12, dia 27 de junho de 2016, Atlético x Criciúma). Assim, diante da conversão da ilusão em realidade, ele pigmenta a pele definitivamente, construindo a tatuagem com o tema imagético referente ao universo futebolístico, pois, é este o objeto que lhe propicia a agradável excitação revigoradora, o qual alcança o seu sentimento mais profundo, o time do coração e o grupo de torcedores.

Finalmente consideramos fundamental reafirmar que as reflexões realizadas neste trabalho *não representam um posicionamento antagonista ao futebol e à tatuagem*, assim como ressaltamos a importância destas reflexões emergirem para o âmbito do debate, de vencerem o senso comum e de serem contextualizadas de maneira ampla e profunda. Este movimento coloca em evidência a responsabilidade da educação e da escola, em contribuir para iluminar o movimento histórico, destacando qual é o passado que importa para compreendermos o presente, e apontando possibilidades futuras.

Embora a conscientização acerca das questões que desenvolvemos neste trabalho não detém o poder de resolução e de mudança imediata, ela colabora para elucidar os processos, as estruturas e as relações constitutivas dos mundos objetivo e subjetivo. Assim, desenvolve-se um olhar crítico para a sociedade, abrindo possibilidades reais para a formação de forças capazes de criar outras realidades sociais, em que *o ser humano* seja, de fato, a expressão da sua *humanidade*.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

AUBERT, Nicole. A visibilidade, um substituto da eternidade? In: AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tirania da Visibilidade**: o invisível e o visível nas sociedades contemporâneas. Tradução: Francisco Fátima da Silva e Andrea Stahel. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013 p.111 – 123.

BAPTISTA, Tadeu. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas – SP: Papirus, 1998.

BIRMAN, Joel. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. In: AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tirania da Visibilidade**: o invisível e o visível nas sociedades contemporâneas. Tradução: Francisco Fátima da Silva e Andrea Stahel. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013 p. 49 – 60.

BYINGTON, Carlos. O arquétipo de felicidade e a riqueza do futebol. **Revista Psicologia Atual**, São Paulo, v. 05, nº 25, 1982, p. 20-32.

COELHO, Ildeu Moreira. Filosofia, educação, cultura e formação: uma introdução. In: _____. (Org.). **Educação, cultura e formação**: o olhar da filosofia. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

COLOMBARI, Emanuel. **10 times que você viu jogando e que não existem mais**. Disponível em: <<http://www.ultimadivisao.com.br/>> Acesso em: 28/11/2016.

DaMATTA, Roberto da, et al. (Org.). **Lance Imperdível!**: um retrato do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Lance! 2010.

DaMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Revista Mana**, abr, vol 06, nº 01 p. 7-29, 2000.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**: Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo>> Acesso em: 04/05/2015.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

_____. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992a.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Teoria Simbólica**. Tradução: Paulo Valverde. Portugal, Oeiras: Celta Editora, 1994a.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1

_____. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERNANDES, Tiago. **Cruzeiro perde goleadores de 2014 e busca peças de reposição**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/01/13/cruzeiro-perde-os-principais-goleadores-de-2014-e-busca-pecas-de-reposicao.html>> Acesso em: 02/07/2015.

FERREIRA Vitor Sérgio. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Revista Etnográfica** [Online], vol. 11 (2) 2007. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/> Acesso em: 31/10/2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 2008.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**: estudos sistemáticos dos ritos. Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAROCHE, Claudine. **Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea**. Cadernos Metrôpole, *São Paulo*, v. 13, n. 26, pp. 359-378, jul/dez 2011. Disponível: <<http://www.cadernosmetropole.net/>> Acesso em: 20/08/2015.

_____. **A condição sensível**: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Tradução: Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

HAUG, Wolfgang Fritz. A crítica da estética da mercadoria. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **A linguagem da sedução**: a conquista das consciências pela fantasia. São Paulo: COM-ARTE, 1985. p. 123-142

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2014.

KEESING, Roger M. **Antropologia Cultural**: uma perspectiva contemporânea. Tradução: Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2014.

LACAZE, Roberto. **Mae Hong Son e as mulheres girafa – Tailândia**. Disponível em: <<http://www.gentedomundo.com/2011/05.html>> Acesso em 28/11/2016.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução: Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 2013.

_____. **A sociologia do corpo**. Tradução: Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Sinais de identidade**: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Tradução: Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução: Rubens E. Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução: Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Madel; SABINO, César. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **Revista Saúde Coletiva PHYSIS**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, 2006, p. 251-272. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a07.pdf>>.

MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2006.

MÁRKUS, Gyorgy. **Marxismo e antropologia: o conceito de 'essência humana' na filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. **Teoria do conhecimento do jovem Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**. Volume I, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MBS, Seguros. Notícias. Disponível em: <http://www.mbsseguros.com.br/informativos/email_novembro_2010.html> Acesso em: 05/07/2015.

MORATO, Márcio P. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAÓLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça: Elementos básicos da sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

PACHECO, Paula. Pão, circo e grana. **Revista Carta Capital**, São Paulo, nº 391, p.14-18, Ed. Confiança, 03 de maio de 2006.

PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas organizadas de futebol, violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997.

PRONI, Marcelo W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: UNICAMP, 2000.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, Heloisa H. B. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

_____. **Espetáculo futebolístico e violência:** uma complexa relação. In: DAÓLIO, Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Futebol e sociedade:** as manifestações da torcida. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP: [s/n], 1998.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Joel R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SAVIANI, Demerval. Prefácio. In: REIS, Heloisa H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e publicidade:** uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. 2ª ed. São Paulo, Annablume, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); HALL Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

_____. Descolonizar o currículo: estratégias para uma pedagogia crítica. In: COSTA, Marisa (Org.). **Escola básica na virada do século:** cultura, política e currículo. São Paulo: Cortez, 2002. p. 61-72.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais:** estudos em psicologia social. Tradução: Lígia Amâncio. Lisboa: Livros Horizonte, 1981. 2v.

TEIXEIRA, Rosana C. Torcidas Jovens Cariocas: símbolos e ritualização. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-26, mar./jun. 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOLEDO, Luiz H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução: Nancy Campi e Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Teoria da Cultura**. In: *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira: Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra G. Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); HALL Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

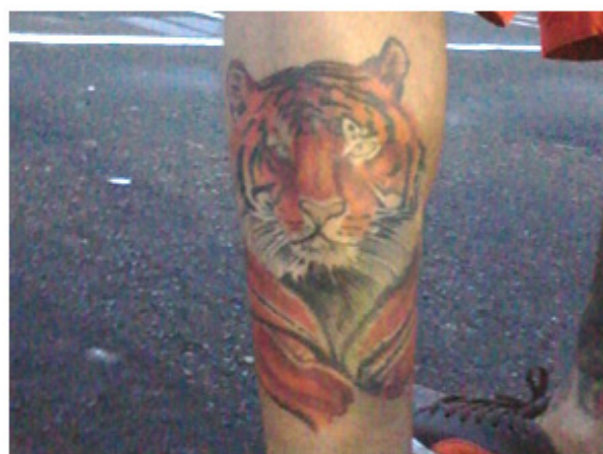
WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

ZIRIN, Dave. **O Brasil dança com o diabo**: a Copa do Mundo, os jogos olímpicos e a luta pela democracia. São Paulo: Lazuli Editora, 2014.

ZOBOLI, Fabio. **Cisão corpo/mente**: espelhos e reflexos nas práxis da educação física. São Cristóvão: UFS, 2012.

ANEXOS

Anexo 1 – Fotografias: torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida.



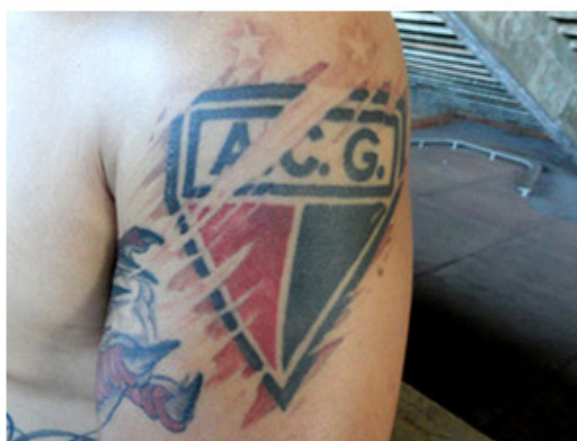
Fotografias 46 a 51 - Torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida
Fonte - Acervo próprio

Anexo 2 – Fotografias: torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida.



Fotografias 52 a 54 - Torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida
 Fonte - Acervo próprio

Anexo 3 – Fotografias: torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida.



Fotografias 55 a 58 - Torcedores tatuados com imagem que representa o time ou a torcida
Fonte - Acervo próprio

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

Anexo 4 -

Roteiro para observação

Roteiro para observação na entrada e no interior do estádio Serra Dourada, referente ao projeto “A tatuagem como pertença grupal no âmbito futebolístico: uma contribuição para a formação escolar”.

Descrição do ambiente

Descrever, de forma escrita, o ambiente onde a observação vai ocorrer. Estrutura espacial, cabines para repórteres, cabines para dirigentes, disposição das câmeras de TV, disposição das placas publicitárias, área reservada para torcida organizada, presença do aparato policial, presença da ambulância do SAMU, presença da ambulância do corpo de bombeiros, presença de lanchonetes, presença de barraquinhas, banheiros (quantidade, condição de higiene e funcionamento) e bebedouros (quantidade, condição de higiene e funcionamento).

Descrição dos comportamentos

Descrever, de forma escrita, os hábitos e rituais que se repetem nos diferentes jogos, como cânticos, palavras de ordem e xingamentos. Uso das bandeiras, faixas, fantasias, fumaça, tambores, coreografia, entre outros. Observar as circunstâncias do jogo e as motivações competitivas no campeonato, bem como as questões sociais, políticas, culturais e econômicas que envolvem o fato observado. Observar as relações da torcida, internamente, com a torcida adversária, com o time, com a arbitragem e com a polícia.

Observação estética

Descrever, de forma escrita, a estética do grupo: cores, roupas, estilos, moda, símbolos. Destacar os torcedores tatuados, descrever a tatuagem, o tamanho, lugar no corpo que a tatuagem foi feita, qual tipo de desenho (símbolo do time, da torcida organizada ou de algum ícone temático). Observar o seu comportamento e a influencia dele na torcida.

Orientações gerais

Chegar ao local do jogo 1 hora antes do início da partida, acompanhar a chegada da torcida organizada que vem escoltada pela polícia. Fazer os registros escritos descritivos das observações em local discreto, longe dos torcedores, pois nesta fase o pesquisador não revela a sua identidade. Ao final, elaborar relatório com todas as informações captadas.

Anexo 5 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A tatuagem como pertença grupal no âmbito futebolístico: uma contribuição para a formação escolar”. Meu nome é Luciano de Castro Tomazett sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Educação Escolar. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas agora e a qualquer momento pelo pesquisador responsável, ou via e-mail: lucianotomazett@yahoo.com.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 9983-4431. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 **Título:** “A tatuagem como pertença grupal no âmbito futebolístico: uma contribuição para a formação escolar”.

Justificativa: Essa pesquisa é importante porque tem um grande alcance tanto na escola quanto fora dela, pois o ponto principal desse estudo é a relação entre o torcedor, a torcida e o time. Acreditamos que esse estudo é importante também por envolver questões da cultura e das relações entre pessoas. A presença desse tema na escola é muito bom também, porque contribui para uma formação escolar mais completa.

Objetivos: O torcedor é tatuado com a imagem do time ou da torcida, queremos compreender como é a relação entre esse torcedor e a torcida, porque a marca no corpo indica que ele faz parte da torcida. Queremos saber também qual é a importância do time e da torcida para esse torcedor.

1.2 Para a entrevista vou gravar a sua voz, e depois vou copiar de caneta para um caderno, para poder terminar este estudo. Depois disso, vou usar só o caderno escrito, não vou usar mais a sua voz. Quando eu copiar, vou identificar você com um número, não vou copiar o seu nome, já garantindo o seu anonimato.

() **Permito** a gravação da minha voz para este estudo;

() **Não permito** a gravação da minha voz para este estudo;

Sem que haja nenhum tipo de constrangimento, não aparecendo a imagem do rosto, solicito autorização para fotografar a sua tatuagem, rubrique dentro do parênteses conforme a permissão:

() **Permito** a divulgação da imagem da minha tatuagem nos resultados publicados da pesquisa;

() **Não permito** a divulgação da imagem da minha tatuagem nos resultados publicados da pesquisa;

1.3 O risco físico ou psicossocial para o entrevistado será mínimo, porque será garantido o anonimato e desta forma resguardada a sua privacidade. Também será garantida a confidencialidade dos dados nas publicações e apresentações.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

- 1.4 Os benefícios serão garantidos pela contribuição deste estudo para a compreensão sobre a cultura futebolística e as relações entre as pessoas, além de possibilitar que esse tema faça parte da educação escolar.
- 1.5 Garanto a sua liberdade de se recusar a participar, de mudar de ideia ou de retirar a sua permissão, em qualquer hora, sem penalização alguma, bem como não querer responder qualquer questão que você sinta vergonha ou constrangimento.
- 1.6 Você pode pedir indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da participação na pesquisa.
- 1.7 Você pode pedir a realização desta entrevista em outro local, para que ele se sinta mais confortável.

2. Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo “A atuação como pertença grupal no âmbito futebolístico: uma contribuição para a formação escolar”. Informo que tenho mais de 18 anos de idade e estou participando como voluntário, sem ser forçado. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Luciano de Castro Tomazett sobre a pesquisa, como será, os procedimentos e métodos nela envolvidos, e também os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer. Foi-me garantido que posso desistir a qualquer hora, retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

Anexo 6 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - UFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A TATUAGEM COMO PERTENÇA GRUPAL NO ÂMBITO FUTEBOLÍSTICO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO ESCOLAR

Pesquisador: LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51581015.2.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.460.364

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia CEP: 74.001-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com